



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

FRANCISCA KARLA BOTÃO ARANHA

CULTURA DA BELEZA: PROSTITUIÇÃO, CORPO E PRÁTICAS EDUCATIVAS

FORTALEZA

2018

FRANCISCA KARLA BOTÃO ARANHA

CULTURA DA BELEZA: PROSTITUIÇÃO, CORPO E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pela autora

A68c

Aranha, Francisca Karla Botão.

Cultura da beleza: prostituição, corpo e práticas educativas / Francisca Karla Botão Aranha. – 2018. 117 f.: enc.; 30 cm.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.

Área de Concentração: Educação Brasileira.

Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

1. Corpo. 2. Beleza. 3. Prostituição. 4. Práticas educativas. I. Título.

CDD 370

FRANCISCA KARLA BOTÃO ARANHA

CULTURA DA BELEZA: PROSTITUIÇÃO, CORPO E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 03/07/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Rogério Santana
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof. Dr. Felipe Franklin de Lima Neto
Faculdade Luciano Feijão (FLF)

Prof.^a Dr.^a Lia Machado Fiuza Fialho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus.
Aos meus pais, Luciene Augusta Botão
Aranha e José Bezerra Aranha, que me
proporcionaram a riqueza maior: a educação.
Aos meus irmãos, aos meus familiares, ao meu
orientador, José Gerardo Vasconcelos, e a
todos os meus amigos que fizeram parte desta
trajetória.

AGRADECIMENTOS

Esta, com certeza, é a parte mais difícil na elaboração de uma tese: mostrar gratidão não é difícil, complicado é lembrar-se – sem se esquecer de ninguém – das pessoas que contribuíram, de forma direta ou indireta, para a construção deste trabalho.

Primeiramente, agradeço a Deus, por guiar os meus passos, proporcionando-me força, coragem, determinação e disposição.

Aos meus pais, José Bezerra Aranha e Luciene Augusta Botão Aranha, pelo carinho e pelo esforço, os quais me possibilitaram uma educação com qualidade que intensificou os meus valores.

Aos meus irmãos e familiares, pelo apoio na realização deste sonho.

Aos amigos que cultivamos ao longo desta extensa vida acadêmica.

Ao querido amigo e orientador, José Gerardo Vasconcelos, por me possibilitar estudos sobre esse mundo misterioso da prostituição e pelos esforços exigidos.

À Faculdade de Educação (Faced), por me brindar com uma formação de qualidade e por me proporcionar a oportunidade de mostrar minhas capacidades.

Ao Núcleo de História e Memória (Nhime), que me abriu um leque de experiências para divulgar meu trabalho, oferecendo informações valiosas sobre educação.

“Criar exige contemplar o belo, porém
contemplar o belo exige saber e vida.”

Herbert Alexandre Galdino Pereira

RESUMO

O intuito desta pesquisa é investigar as práticas educativas das profissionais do sexo do Centro de Fortaleza a partir dos saberes e experiências do uso da beleza na construção do seu corpo. O belo constitui um elemento de poder, sendo que os artifícios para se conquistar a beleza são múltiplos, como cuidados estéticos, incluindo cirurgias plásticas e pinturas de cabelo, ou seja, o corpo modificando-se de acordo com cada cultura ou época. No percurso metodológico, utiliza-se a fonte oral como elemento indispensável na construção da memória, sendo abordada a partir das narrativas das profissionais do sexo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se utiliza de um diário de campo, máquinas fotográficas, gravadores, sendo registradas as entrevistas semiestruturadas e as conversas informais. Pretende-se ensejar voz aos chamados “grupos das minorias” por intermédio de observações e entrevistas realizadas com 17 profissionais do sexo dentro dos prostíbulo localizados no Centro de Fortaleza. A partir deste estudo, verificam-se alguns dos rituais e métodos a que recorrem as profissionais do sexo com o propósito de alcançarem um corpo belo. São vários os argumentos dos quais se apropriam as profissionais do sexo na busca do corpo atrativo, tais como: uso de anabolizantes, intervenções cirúrgicas e prática de dietas muitas vezes fora do comum para atingirem o emagrecimento ou o ganho de massa muscular, além de cuidados de higienização e preservação.

Palavras-chave: Corpo. Beleza. Prostituição. Práticas educativas.

ABSTRACT

The purpose of this research is to investigate the educational practices of the sex workers of Fortaleza Center from the knowledge and experiences of the use of beauty in the construction of their body. The beautiful is an element of power, and the devices to achieve beauty are multiple, such as aesthetic care, including plastic surgeries and hair paintings, that is, the body changing according to each culture or time. In the methodological course, the oral source is used as an indispensable element in the construction of memory, being approached from the narratives of the sex workers. This is a qualitative research using a field diary, cameras, recorders, semi-structured interviews and informal conversations. The intention is to give voice to the so-called “minority groups” through observations and interviews with 17 sex workers within the brothels located in the Center of Fortaleza. From this study, we can see some of the rituals and methods that sex workers use to achieve a beautiful body. There are several arguments that appropriate sex workers in the search for attractive body, such as: anabolic use, surgical interventions and practice of diets often out of the ordinary to achieve weight loss or gain muscle mass, as well as care of hygiene and preservation.

Keywords: Body. Beauty. Prostitution. Educational practices.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	NAS TRILHAS DA HISTÓRIA DO BRASIL: O USO DA BELEZA ENTRE O CONTADO E O VIVIDO	18
3	CORPOS EM SILÊNCIO: LINGUAGEM EM CHAMAS	44
3.1	Linguagem corporal	45
3.2	Um corpo a se pensar	48
3.3	Antropologia do corpo em cena	70
4	NARRATIVAS DE PROSTITUTAS DO CENTRO DE FORTALEZA.....	72
4.1	Definindo a prostituição	72
4.2	Prostituição: profissão mais antiga do mundo.....	77
4.3	Sexualidade: breve olhar histórico	83
4.4	Vivências e aprendizagens mergulhadas no ambiente do prazer	85
4.5	Um olhar, uma importância: educação sexual.....	90
4.6	Conhecimento além dos muros do cabaré	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
	REFERÊNCIAS.....	105
	APÊNDICE A – ALGUNS REGISTROS DOS DIÁRIOS DE CAMPO	107
	ANEXO A – DECLARAÇÕES DE REVISÃO E DE NORMALIZAÇÃO.....	117

1 INTRODUÇÃO

Minha experiência como pesquisadora iniciou-se na graduação, quando pesquisava “Memória das práticas educativas das dançarinas prostitutas do Centro de Fortaleza”, sendo bolsista de iniciação científica. Foi o princípio desta caminhada acerca do interesse pelas narrativas de vida das profissionais do sexo do Centro da cidade de Fortaleza. Entrei em contato com várias garotas de programa, coletando dados para a minha pesquisa. Entretanto, uma delas chamou a minha atenção, Danny Rios, como era conhecida nos prostíbulo, visto que supostamente “guardava” seu verdadeiro nome. Só depois de alguns anos foi que descobri que ela se chamava Luciana.

Danny era professora de *pole dance*. Ela relatou em entrevista que havia aprendido essa prática em São Paulo e que havia começado sua vida de prostituta devido aos problemas existentes em seu meio familiar. A princípio, trabalhava em *sites* de prostituição, em seguida, adentrou no prostíbulo. Nesse período, Danny foi uma das nossas principais referências para a construção da monografia de conclusão de curso. Em seguida, no mestrado, continuamos a pesquisar as narrativas de prostitutas. Dessa vez, delimitando o estudo em torno da “Educação sexual”, transitando entre o público e o privado. Realizamos coleta de dados mais precisamente no prostíbulo “Gata Garota”, porém também efetivando algumas visitas aos prostíbulos denominados “Espaço Show Bar”, “Motel Boate 80”, “Motel e Cine Majestick”, em função de as profissionais do sexo circularem em todos esses ambientes na capital cearense, ou seja, não havendo um ponto fixo que as reunisse em apenas um lugar.

Durante o desenvolvimento da pesquisa e também a partir de uma das visitas realizadas a alguns prostíbulos localizados no Centro de Fortaleza, pudemos verificar, com base nas observações empreendidas, que as profissionais do sexo utilizam-se de uma construção corporal para o exercício de sua profissão. Constatamos que o ato de cultivar a beleza fazia-se presente nos cuidados com o corpo, na escolha das formas de maquiagem, na seleção das vestimentas, etc. Então, veio-nos a seguinte indagação: “As narrativas de um corpo belo são compatíveis com as práticas culturais dos bordéis?”. Todo este estudo pode nos revelar as divergentes formas de ensinar voz a distintos grupos sociais e mostrar, através das narrativas de vida das profissionais do sexo, os cuidados com o corpo adquiridos e utilizados durante suas práticas nos cabarés.

O estudo consistiu na investigação das práticas educativas das profissionais do sexo a partir dos saberes e experiências que possibilitassem a construção de um “corpo belo”, buscando-se identificar conseqüentemente como se produzem, na memória das prostitutas, as

narrativas da beleza imiscuídas à cultura do bordel. Nosso intuito foi investigar as práticas educativas do uso da beleza no exercício da profissão dessas mulheres. Nesse percurso, descrevemos os locais utilizados – cabarés – pelas profissionais do sexo durante o exercício da profissão e as relações existentes entre elas acerca da produção de corpos atraentes. Verificamos quais rituais e métodos são empregados pelas prostitutas durante a construção de um “corpo belo”. Este estudo mostra a importância dos cuidados com o corpo não somente na questão de estética, mas sobretudo na desenvoltura que faz um corpo mais sensual. Nesse sentido, apresentamos as mais variadas formas de procedimentos utilizados pelas profissionais do sexo na busca de um corpo belo. Através das nossas entrevistas, acompanhamos como são empregadas as práticas e quais os hábitos são comuns na vida das prostitutas.

Sobre o processo metodológico, “[...] a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)” (MINAYO, 2008, p. 14). Neste trabalho, revelamos o percurso metodológico respondendo às indagações apresentadas em nossos objetivos, de acordo com o objeto de estudo em questão, que trata a respeito do cultura da beleza das profissionais do sexo do Centro de Fortaleza.

Sendo assim, trabalhamos com as narrativas de mulheres prostitutas, atentando para não separarmos o indivíduo do contexto social em que está inserido, uma vez que muitas respostas, para melhor clareamento das ideias, encontram-se nesses contextos, visto que não se pode estudar o indivíduo por uma única direção. Ressaltamos que tentar compreender uma vida ou vidas é também se munir de cuidados para não se cair no senso comum de percebê-la(s) como uma trajetória fixa, um percurso orientado com princípio, meio e fim.

Este estudo foi realizado tendo como lócus alguns prostíbulo localizados no Centro de Fortaleza, principalmente no prostíbulo “Gata Garota”, devido ao nosso maior e melhor acesso às prostitutas desse local. Vale ressaltar que as entrevistas foram feitas também em outros prostíbulo do Centro de Fortaleza, em virtude de as mesmas profissionais do sexo circularem não só no “Gata Garota”, mas também no “Cine Majestick”, no “Espaço Show Bar” e no “Motel Boate 80”, por exemplo, de forma que esses foram, a princípio, os espaços propostos para realizar a coleta de dados.

Nesses prostíbulo, foram realizadas algumas visitas com o propósito tanto de coletar informações de importância para este trabalho como também de observar o dinamismo

dos lugares, visando compreender como as prostitutas cultuam a beleza e procurando perceber como são realizados e adquiridos os elementos que constituem a construção do corpo no que se refere à beleza das prostitutas.

Do ponto de vista da abordagem do problema, que tem como fito compreender como as profissionais do sexo empregam tais procedimentos, isto é, como lidam com os rituais de beleza, esta investigação caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, a qual tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; nela os significados que as pessoas dão às coisas e à sua vida são a preocupação do investigador. Tal modalidade de pesquisa possui caráter descritivo e enfoque indutivo (GODOY, 1995).

A pesquisa qualitativa mostra que o investigador preocupa-se essencialmente com o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida. Com base nesse tipo de pesquisa, o estudo contará a história de vida dessas profissionais do sexo. A história de vida, consoante Queiroz (1988, p. 20), define-se como:

O relato de um narrador sobre a existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar.

A opção de escolha das narrativas de prostitutas deu-se em razão do fato de que essa técnica possibilitou a coleta de dados a partir dos discursos das profissionais do sexo e de suas experiências de vida relacionadas ao exercício da profissão em espaços tradicionais.

Tal estudo também se encaixou em uma pesquisa de campo, a qual se constitui pela observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no contexto real, pela coleta de dados referentes aos mesmos e finalmente pela análise e interpretação desses dados segundo uma fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. É essa indagação que remete a autoridade ao trabalho de campo, permitindo-lhe conhecer e participar dos costumes e dos valores, possibilitando-lhe a oportunidade de enxergar de perto ou de vivenciar o outro.

Como instrumentos de pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, conversas informais e observações, que foram registradas no diário de campo. As entrevistas circularam a fim de responder aos objetivos aqui citados. Cabe ressaltar que não nos esquecemos de um dos elementos principais: a memória, que se configura como uma construção feita no presente a partir de experiências ou vivências ocorridas em um passado, como leciona Le Goff (1996, p. 423): “A memória, como propriedade de conservar certas

informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que eles representam como passadas”. A memória nunca é feita apenas pelo indivíduo, mas por esse ser encravado num contexto familiar, social e nacional.

Como subsídio de coleta de dados, recorreremos ao emprego de: um gravador, que possibilitou as transcrições posteriores das falas, das quais, em seguida, foram feitas a seleção das informações de importância desta pesquisa; e uma máquina fotográfica, que tornou possível o registro das imagens consideradas interessantes para este estudo. Além disso, fizemos uso de um diário de campo, no qual realizamos um breve cabeçalho contendo dia e hora das observações registradas. Foram desenvolvidas informações minuciosas concernentes ao uso da tecnologia no exercício das profissionais do sexo. Quanto ao diário de campo:

É um instrumento de anotações, um caderno com espaço suficiente, para anotações, comentários e reflexão, para uso individual do investigador em seu dia a dia. Nele se anotam todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiências pessoais do investigador, suas reflexões e comentários. (FALKEMBACH, 1987, p. 19).

Foram realizados estudos de livros sobre autores que dissertam a respeito das pré-categorias presentes nesta tese, tais como: beleza, corpo, prostituição, etc. Apresentamos algumas categorias e autores que fundamentaram tal pesquisa, os quais serviram de suporte para a análise dos dados, na qual se expõe uma linha teórica com o propósito de dar subsídios aos aspectos presentes neste estudo, tais como: o tema, o objeto, o problema e os objetivos do estudo, podendo ocorrer, no percurso da pesquisa, a necessidade de se retirar e/ou acrescentar mais autores relacionados à presente investigação.

Importa destacar neste trabalho que a educação não está presente apenas nos espaços formais de aprendizagem, mas em qualquer lugar. Então, notam-se os modelos de educação existentes: a educação formal, aquela altamente institucionalizada, estruturada e hierarquizada; a educação não formal, que consiste em toda atividade organizada e sistemática realizada fora do quadro do sistema formal de educação; e, por último, a educação informal, que consideramos como fator essencial para o propósito desta pesquisa. Essa educação é um processo pelo qual, durante toda a vida, as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos através de suas vivências e de sua relação com o ambiente em que vivem. De acordo com Libâneo (2002, p. 6): “Não há sociedade sem práticas educativas. O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos

meios de comunicação, na escola, dentre outros”. Ainda sobre a educação, cabe trazer à baila a colação de Brandão (2007, p. 7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Desse modo, entendemos que não se pode reduzir a educação apenas ao âmbito escolar, visto que existem interações em diversas circunstâncias da vida humana. Por isso, a observação de que a educação é desenvolvida em todos os lugares é de interesse deste estudo, vinculada às práticas educativas do culto à beleza exercidas pelas prostitutas no exercício de sua profissão, com as quais buscamos contemplar tais questões a partir das narrativas delas e das observações de suas práticas dentro de alguns prostíbulos localizados no Centro de Fortaleza.

Assim, utilizamos argumentos defendidos por tais autores para servir de fundamentação teórica ao aspecto relacionado à educação, no caso deste estudo, relacionado aos sistemas de educação: não formal e informal. Como um dos elementos básicos para esta pesquisa, retratamos a história da beleza, mais precisamente no Brasil, presentes na primeira seção após esta Introdução, intitulada “Nas trilhas da História do Brasil: o uso da beleza entre o contado e o vivido”, na qual lançamos argumentos utilizados por Sant’Anna (2014) em sua obra *História da beleza no Brasil*. A referida autora remete à evolução das práticas e dos modelos de beleza existentes durante a vida em um longo percurso histórico, desde antes do período republicano até a atualidade, trazendo o discurso do “belo” como elemento de poder e a modificação do corpo conforme cada cultura e época, relacionados às práticas das profissionais do sexo na construção do “corpo belo”. Recorremos também aos postulados de Schechner (2012), que suscita discussões referentes aos rituais que transformam a vida cotidiana, modificando, assim, os sujeitos. Na mesma linha de raciocínio acerca das questões pertinentes à beleza, apresentamos Priore (2001) e Vigarello (2006), além de julgarmos importante trazer à baila assuntos concernentes ao corpo e suas representações. Para isso, teremos como auxílio os pressupostos de Garcia (2005), que trata da resignação ao direito à vida através desse culto à beleza.

Na terceira seção, intitulada “Corpos em silêncio: linguagem em chamás”, apresentamos passagens suscitadas por Le Breton (2009), quem nos remete à linguagem corporal, por Brandão (1985), quem afirma que a educação está presente em todos os ambientes, e por Libâneo (2002), quem vê a educação como prática pedagógica, mas não

como conceito pedagógico. A autora Monica (2015) também se faz presente neste estudo, defendendo a ideia da linguagem não verbal, expressada pelos verdadeiros sentimentos. Em seguida, aparece Marzano-Parisoli (2004), que traz o discurso do corpo como objeto de representações e de manipulações, cuidados e construção cultural e médica. Marzano-Parisoli (2004) retrata o exercício corporal não como vaidade, mas sim como a arte de disciplinar, tornando-se, assim, a capacidade de dominação da própria vida. Em seguida, Furlani (2009) afirma sobre a importância não do corpo em si, mas do que é feito com esse corpo, ou seja, seu potencial de sedução. Louro, Felipe e Goellner (2003) criticam o corpo fora dos elementos de padrão, rejeição que diz respeito aos excessos corporais. Zuin (2003) traz a ideia de um corpo desejado naquele determinado momento ou época. Queiroz (2000) assegura a submissão do mercado consumista com o intuito de um corpo dito belo para aquela determinada sociedade.

Na quarta seção, intitulada “Narrativas de prostitutas do Centro de Fortaleza”, trazemos esclarecimentos pertinentes aos conceitos de prostituição, a fim de que possamos entender os sujeitos desta pesquisa, as prostitutas. Apresentamos um breve contexto histórico acerca da temática. Em Atenas, na Grécia, mais precisamente durante a Idade Áurea, a prostituição teve destaque não comparado a outro lugar nem a outra época. Sólon, o legislador da época, afirmava que Vênus, a deusa do amor, havia mandado suas sacerdotisas com a finalidade de livrar a cidade da homossexualidade e de resguardar a honra das donzelas. Segundo Rossiaud (1991), a história da prostituição não tem chamado a atenção dos medievalistas. Mais à frente, ainda nesse contexto, os historiadores não ignoraram o fenômeno da prostituição. A evocação que fazem a ela circunscreve-se mais frequentemente a uma concepção historiográfica e a uma corrente de pensamento que atribuem a importância dos fatos observados às calamidades da baixa Idade Média e à desordem dos costumes: era tentador associar prostituta e homem de guerra, fornicação e infâmia, prostíbulo e pátio dos milagres. Ainda consoante Rossiaud (1991, p. 19): “Tentar compreender a amplitude e o significado social da prostituição é defini-la frente às estruturas demográficas e matrimoniais, às normalidades e desvios sexuais, aos valores culturais e às mentalidades coletivas dos grupos sociais que a toleram ou a reprimem”.

A prostituição configurou um espaço visível, espetacularizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista, permitindo, então, que chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas constituíssem um universo empírico para suas observações, classificações e análises. Rago (1991) não avalia somente o item quantitativo da prostituição, mas envolve também outros conflitos que nos

ajudam a pensar a vida fácil de forma mais baseada na experiência. Nesse tópico, mostramos a questão da sexualidade humana. Esse é um fato antecedente ao aparecimento do homem, porém podemos perceber seu estudo ou enfoque apenas há centenas de anos. Não somente considerada como um ato físico, de natureza constante, a sexualidade adquiriu definição característica bastante complexa, hoje funcionando como uma estrutura social e cultural em si mesma, localizada dentro de um princípio de poder quanto à adequação social e às regras estabelecidas pela sociedade.

No livro *A prostituição na Idade Média*, Rossiaud (1991) destaca que não se pode considerar a cidade como o único local adepto ou vivente ao desenvolvimento de amores venais, tendo em vista que isso também se encontra no meio rural. Essa prática ocorria com a adaptação do itinerário ao calendário das feiras, dos mercados, das peregrinações e dos trabalhos agrícolas, contudo foi na zona urbana que a prostituição eclodiu, obteve formas mais complexas e se institucionalizou. Porém, o conceito de prostituição varia de acordo com os autores e suas épocas.

Foucault (1990) retorna à Antiguidade, observando os exercícios existentes acerca do sexo na Grécia Antiga. Ele não admite a forma pela qual a sexualidade é reprimida pelo sistema, pois, conforme sua concepção, a sociedade capitalista relaciona prazer e poder. Ele ressalta que os indivíduos se reconhecem como sujeitos sexuais, pensando no desejo e no sujeito que o deseja. Foucault (1990) analisa os homens como sujeitos sexuais produtores da sua própria história, os quais descobrem, no desejo, a verdade de si mesmos. Para o pensador francês, assimilar a sexualidade em sua complexidade presume enxergá-la também como um produto das carregadas relações de poder entre homens e mulheres, pais e filhos, educadores e alunos. O que se pode notar é que sucessivamente somos importunados por um ambiente sexual que se revela nos mecanismos de manutenção da sociedade.

Le Goff (1996) retrata nessa seção o discurso sobre o desencadeamento da memória no que se refere à seleção de informações nos discursos da memória. Nesse mesmo sentido, Bergson (1990) revela que a memória representa construções realizadas no presente baseadas em experiências e vivências ocorridas no passado. Foram também postas as contribuições de Caldeira (1981), que afirma a relação da sociedade de dominação perante os grupos da minoria. Nietzsche (1998) e Suquet (2008) nos brindaram com argumentos referentes ao espírito da música e ao equilíbrio do bailarino. Ainda na mesma seção, Wulf (2004) expõe um elemento manifestado diante das práticas de esmeros corporais através da mimese (imitações). Ainda sobre os cuidados, fizeram-se necessários argumentos referentes à

educação sexual, temática estudada por Suplicy e Lapate (2006), que consideram essa educação como sendo um processo formal e informal sistematizado que se propõe a preencher lacunas de informações, erradicar tabus e preconceitos e abrir discussões sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos. Finalizamos tal seção com Arendt (1983) e Damatta (2001), tratando sobre as divergências do conceito de público e privado. O público retratando as práticas dos esmeros corporais dentro dos prostíbulos e da sua vida privada, onde se identificam como esconderijos; tudo em casa é belo, bom e decente.

A teoria aliada à prática (vivências dentro dos prostíbulos) nos possibilitou desencadear subsídios essenciais para a construção desta tese. Trabalhar o corpo, sobretudo a cultura da beleza realizada pelas profissionais do sexo do Centro de Fortaleza, propiciou-nos suscitar algumas afirmações, tais como: uso de vários rituais para se manter ou chegar a um corpo “belo”, que se constituiu, com o passar do tempo, como elemento de poder na sociedade. Esses conceitos do corpo atraente foram se modificando, a depender da época e da cultura de cada indivíduo.

2 NAS TRILHAS DA HISTÓRIA DO BRASIL: O USO DA BELEZA ENTRE O CONTADO E O VIVIDO

A beleza é uma “vitória” de quem a possui e um objetivo daqueles que não se encaixam no modelo de belo estabelecido e moldado pelos membros da sociedade, uma vez que o conceito de beleza torna-se um elemento dinâmico, sendo, portanto, não constante, dependendo da cultura e do período histórico em que está situada. O belo constitui um elemento de poder, sendo que os artifícios para se conquistar a beleza são múltiplos, como cuidados estéticos, incluindo cirurgias plásticas e pinturas de cabelo, ou seja, o corpo modificando-se de acordo com cada cultura ou época.

Podem-se observar os esforços tanto masculinos quanto femininos para se chegar a um conceito de belo. Iremos nos reportar ao período do garbo e da elegância, nos primeiros anos da república brasileira, chegando até a atualidade, quando se vive a banalização das cirurgias plásticas. Em conjunto com os elementos recorrentes, as transformações relacionadas aos padrões estéticos e aos cuidados com o corpo não podem deixar de retratar neste ensaio o martírio como consequência da feiura e da acirrada luta para driblar o envelhecimento, a solidão e o fracasso.

É interessante e importante salientar o que será observado no decorrer deste capítulo, que mostra que o embelezamento deixou de ser encarado como elemento desnecessário para então configurar-se como um tema ajuizado, assegurando, por sua importância, um lugar na cosmetologia, na medicina estética, envolvendo profissionais especializados em combinar rejuvenescimento e autoestima.

Com o tempo, beleza passou a ser uma preocupação bem-vista e comum, para homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais, jovens e idosos, gordos e magros, ricos e pobres. Especialmente a partir dos anos 1950, o embelezamento se transformou em gênero de primeira necessidade, uma megaindústria que reúne alimentação, cosmética, saúde e atividades esportivas. (SANT’ANNA, 2014, p. 10).

O último elemento trazido na citação anterior, os cuidados esportivos, remete-nos ao discurso de uma das profissionais do sexo do Centro da cidade de Fortaleza, as quais constituem o objeto de pesquisa do presente trabalho. Danny Rios, pseudônimo utilizado para o exercício de sua profissão, revela:

Fui a São Paulo, lá aprendi a prática do pole dance. Trouxe para o cabaré, desde então comecei a ensinar as outras prostitutas. Essa prática do pole dance tanto serve para o desenvolvimento da performance no palco como também para deixar o corpo definido, resistente e conseqüentemente mais bonito. É um dos exercícios físicos de que mais gosto.

Através dessa passagem, nota-se que o cuidado com o corpo está agregado a um intuito de deixá-lo mais bonito. Aqui, sob o olhar de Danny, o conceito de “belo” refere-se a um corpo definido. Porém, ela expõe que não se interessou pelo *pole dance* por questões estéticas:

O pole dance é como te falei, foi quando eu vi a possibilidade de ser apenas dançarina. Eu pensei assim: ‘Dá para eu fugir do programa, do contato físico com o cliente direto, que é o programa em si’. Então, eu uni uma coisa à outra. Quando eu comecei a fazer o pole dance, eu tive dificuldades para aprender a técnica disso e daquilo, mas eu acredito que o meu porte físico hoje é derivado do uso do pole dance [...], na época eu não pensei nisso de forma nenhuma, não pensei que, ao fazer pole dance, iria economizar com academia, fazer regimes, foi uma consequência, ajudou muito tanto a mim como às meninas que resolveram fazer depois.

Nesse momento, Danny ressalta, com empolgação, que seu biótipo já é de mulher magra, que naturalmente já possui traços de um corpo desejado sem tantos esforços.

Diante de tantos modelos de cuidados existentes ao longo das épocas, a procura da beleza é constituída por caminhos ricos em invenções, descobrimentos. No Brasil, mais precisamente antes da Proclamação da República, a beleza já tinha sua definição. Sant’Anna (2014, p. 19) explica:

Nesse período, a beleza já era vendida em forma de pós, perucas, perfumes, além de roupas e joias. Os alfaiates existiam desde o século XVI e também serviam como cabeleireiros. As costureiras formavam um ofício feminino importante, e suas clientes compravam os tecidos em lojas de fazendas e armazéns localizados, em geral, na parte central da cidade.

Pode-se perceber que o conceito de belo atinge diferentes características, dentre as quais, como se verifica nesse discurso, a popularmente conhecida “beleza exterior”, que será o foco deste capítulo. Notam-se, na citação anterior, as diversas formas de se chegar ao elemento de poder que sempre permeia uma sociedade, sendo que é importante ressaltar que o consumismo marca a presença exagerada pela busca da perfeição, ou de camuflar temporariamente a feiura.

Mais tarde, após a Proclamação da República, o consumismo ganhou um aliado com o aparecimento das propagandas através das revistas ilustradas. Eis então a difusão também da venda das loções perfumadas, sabonetes ideais à pele e tinturas para os cabelos. Pouco tempo depois, diante de tantos esmeros, viu-se a importância da aparência física acentuada, principalmente com a difusão das fotografias. Sant’Anna (2014, p. 19) traz as seguintes informações: “A difusão das fotografias acentuou a importância da aparência física, enquanto a paulatina banalização dos espelhos fez da contemplação de si mesmo uma necessidade diária, apurando o apreço e também o desgosto pela própria silhueta”.

Não somente os artifícios que promovem a imagem afetam aqueles que cultuam a beleza, pois a “falta” desse modelo de beleza causará aspectos como a baixa autoestima dessas pessoas que têm acesso a esses artifícios. Então, começa a luta do indivíduo tido como belo perante a sociedade, o qual – enxergando-se assim – vai à procura da perfeição, de se tornar ainda melhor esteticamente; e o contrário desse sujeito, aquele que se identifica como desprovido de beleza e julgado por tal sociedade como feio, vai à procura de elementos que o tornem atraente fisicamente.

Em face dessas preocupações, a imprensa também se utiliza e embarca no uso desse desejo dos indivíduos de se tornarem cada vez mais belos ou de se tornarem belos para vender seus produtos, conduzindo-lhes então a uma certa escravidão da beleza. Vale ressaltar que o público-alvo não se tratava apenas de mulheres, atingindo também o público masculino. Porém, tem-se que lembrar que nem todos os habitantes de tais culturas adquiriram hábitos de cuidados estéticos. Sant’Anna (2014, p. 20) recorda: “Basta lembrar que, no começo da era republicana, os ardores da moda desencadeavam tormentos memoráveis aos brasileiros abastados, pois nem sempre era fácil adaptar os modismos europeus ao clima tropical”.

A não adaptação às modas europeias não ocorria somente por conta do clima, que realmente dificultava o uso no cotidiano dos rituais de beleza, mas também pelo fato de não haver produtos desenvolvidos para adequar-se a tal situação. Nem mesmo as pessoas com poder aquisitivo maior conseguiam driblar essa situação, conforme aponta Sant’Anna (2014, p. 20):

O verão escaldante de 1908, por exemplo, representou um problema para as senhoras ciosas de seus penteados complicados e de seus vestidos de tecidos grossos. Segundo observadores da época, podia-se ver em cada face feminina os sulcos de pós empastados, uma verdadeira carta fluvial. Não havia chique resistente a tamanha fornalha. Mas os homens também penavam: barbas e bigodes, roupas e calçados fechados não combinavam com o calor e a umidade dos trópicos.

Verifica-se a importância de sentir-se belo e de parecer-se atraente, mesmo quando o clima de tal ambiente não favorece o uso dos mais variados produtos de beleza. Através do que foi citado anteriormente, é possível notar os sacrifícios empreendidos para a manutenção e busca pela beleza. É interessante ressaltar que não somente existia a compra de produtos importados de outros lugares ou do mesmo ambiente em que se vivia, mas havia também a fixação, como até nos dias de hoje, de receitas caseiras que prometiam certos “milagres”. Eis um exemplo trazido por Sant’Anna (2014, p. 22):

Na pequena São Paulo Imperial, dona Tereza Alfaque, conhecida por sinhá Tereza paneleira, vendedora de panela do bairro, era famosa por fabricar uma banha para cabelo muito procurada pelas moças e mesmo pelas senhoras idosas. Na década de

1870, uma porção daquela banha perfumada era vendida por vinte réis e dotava os cabelos de brilho e aspecto cuidado.

A autora afirma que as receitas caseiras, com o propósito de deixar a pele mais bonita e de lustrar os cabelos, eram as mais diversificadas; outros exemplos eram as pastas feitas com pepinos, alfaces ou morangos. Tais cuidados não se restringiam apenas a essas partes do corpo, incluindo-se também, por exemplo, cuidados com os pés e com as mãos, os quais atraíam tanto mulheres como homens interessados em tais procedimentos.

Outro aspecto muito importante que se referia à beleza era exatamente o vestir-se, porém, nessa época, por volta dos anos 1970, as roupas não poderiam mostrar pontos do corpo feminino; muitos vestidos, inclusive, mal conseguiam deixar os tornozelos de quem os vestia à mostra. Mais tarde, ocorreu o aparecimento dos espartilhos, com o intuito de valorizar o corpo feminino, sem um caráter vulgar.

A beleza também recorria à questão de um corpo saudável, ou seja, o sentimento de “estar à vontade” carecia dos charmes atuais. Sobre isso, Sant’Anna (2014, p. 23) lembra que: “A ideia de estar bem tendia a ser um atestado de excentricidade, quando não de doença. Uma aparência descontraída não era reconhecida como sedutora, podendo denotar desleixo ou indesejada rusticidade”. Não obstante, isso nem sempre é assim. Em uma entrevista realizada com uma das profissionais do sexo, Danny, nota-se que, nos dias atuais, quanto mais uma mulher se produz, mais tenderá a sofrer um preconceito da classe masculina:

Você pode observar: o primeiro raciocínio de um homem que vê uma mulher muito gostosa, com calça colada, salto alto e muita maquiagem, é: ‘Ah, é rapariga ou perua!’. Tipo um cantor de rap dirigindo um carro importado, que o pessoal suspeita logo que é roubado. Já aconteceu muito isso, a história do preconceito.

Quanto a essa questão, cabe dizer que não é só na atualidade que existe a reprovação do uso de certos embelezamentos. Com relação ao despontar do período republicano brasileiro, Sant’Anna (2014, p. 27) nos revela:

Mesmo com a emergência de modas favoráveis ao uso da maquiagem, ‘pintar o rosto’ permaneceria um gesto duvidoso, sujeito a reprovações. Para muitas famílias da época, o carmim e o batom sugeriam o deboche. O espectro da ‘mulher fácil’ permeava desconfianças masculinas e femininas.

A autora afirma que o rosto “pintado” permitia a ideia de um reboque realizado com o intuito de camuflar uma falha de caráter ou de algum defeito da alma. A tatuagem, por exemplo, era uma característica das prostitutas cariocas. Entretanto, não se pode passar despercebido o fato de que a beleza promove uma autoestima, sentimento de potencial que é adquirido também do conceito de belo. Há uma ligação muito forte de uma “falta de

autoestima” relacionada à velhice. O gosto pelas receitas caseiras também era uma alternativa para retardar essa fase da vida; por exemplo, utilizava-se a água com que se lavava o arroz para evitar manchas na pele. Essas receitas eram passadas de geração para geração. Tais rituais de beleza estão presentes também no discurso de Danny Rios, prostituta que contribuiu com esta pesquisa:

É uma corrente, umas observam às outras. Eu tive a sorte de não embarcar nessa corrente, mas que ela existe, ela existe; tipo a fulana de tal aparece belíssima da noite para o dia, aí a outra vai e pergunta o que ela fez. Tem gente que gasta uma fortuna com alimentação, arroz disso, suco daquilo.

Percebe-se que, no “território do prazer”, nome também atribuído ao cabaré, existe um processo de irmandade até certo ponto, pois muitas profissionais do sexo guardam alguns segredos a respeito dos hábitos de uso da beleza, visto que esse ambiente também alimenta certa concorrência entre as prostitutas. Quanto a isso, Danny revela: “No cabaré, a concorrência é excessiva. Algumas meninas fabricam sua própria vestimenta e as escondem das outras colegas de profissão para não a imitem. Ainda tem aquelas que não contam, nem sob tortura, o que fazem para se produzir”.

Em se tratando das questões acerca das roupas, no que dizem respeito aos anos de 1870, Sant’Anna (2014, p. 23) assevera: “[...] a prova da beleza oferecida por homens e mulheres tendia a se limitar às roupas, aos calçados e aos adereços, podendo ser confirmada pela sinuosidade de uma silhueta cujo garbo dependia de pudores hoje esquecidos”.

No prostíbulo, pode-se notar que a profissional do sexo vale-se de vários artifícios a fim de provocar a atenção dos clientes. São as mais variadas formas de artifícios utilizados dentro do cabaré, por exemplo: microfantasias, saltos, maquiagens e adereços. Com relação a essa temática, Danny chama a atenção para o uso excessivo desses artifícios:

Gente assim que chegou muito magrinha na pista, ou então que chegou gorda demais, aí, quando começa a ganhar dinheiro, investe em academia. [...] Muitas meninas gastam fortunas, investem o próprio dinheiro que elas ganham com programas no corpo. Cirurgias plásticas também já vi; quando eu trabalhava na Adriely Fatal¹, ela colocou peito e fez uso também de anabolizante para deixar a bunda crescer.

As críticas aos supostos excessos do uso da beleza não são, portanto, uma característica da atualidade, conforme aponta Sant’Anna (2014, p. 24): “Mas, diferente desta, a beleza comprada no tempo de Alencar tendia a permanecer na superfície dos corpos. Os brasileiros estavam distantes das técnicas para a introdução de próteses no organismo, além de

¹ Dona de uma casa de prostituição localizada na Avenida Bezerra de Menezes, no bairro São Gerardo, em Fortaleza.

outras substâncias utilizadas em clínicas médicas”. A autora revela que, naquele tempo, havia uma nítida separação da beleza artificialmente criada, expulsa do corpo no momento do sono, daquela considerada natural, dada por Deus, não sendo modificada pelo homem.

No tempo do início da república brasileira, era importante aquela beleza voltada para a elegância, para os corpos magros e esguios, existindo também uma valorização da juventude, a qual, por sinal, conquistou um espaço crescente nas propagandas:

Um dos primeiros anúncios de desinfetante corporal levou o nome de ‘Socorro da Mocidade’. Em setembro de 1899, outro exemplo, o humorístico intitulado *O Rio Nu* publicou na coluna NU E CRU a narrativa sobre a massagista que supostamente podia acabar com as marcas da velhice. (SANT’ANNA, 2014, p. 25, grifo da autora).

A busca pela beleza é criticada positivamente pela ajuda que propicia à autoestima, à valorização e ao aperfeiçoamento do que já possuímos naturalmente, porém, para Danny Rios, o excesso dessa procura pode causar uma prisão:

A vaidade excessiva é uma prisão. A pior das prisões, você chega ao ponto de não ter amigas. Se você não estiver bonita, não sai. A pessoa fica presa a uma chapinha, a um esmalte, a um salto alto, à maquiagem [...]. Para ir a uma mercearia, tem que estar toda arrumada. Fica na água, sofrendo.

A expressão utilizada por Danny, “fica na água”, retrata a questão de as pessoas ficarem presas a dietas loucas, com a finalidade de reduzir a gordura corporal, principalmente aquela localizada na região abdominal. No que tange a essa dificuldade encontrada para livrar-se de tal incômodo, algumas profissionais do sexo, segundo a informante, utilizam-se até de recursos perigosos, como injeções inseridas diretamente na região abdominal e/ou nos flancos, com o propósito de conseguir a famigerada barriguinha sarada e a cinturinha de pilão. A substância injetada por essas mulheres é o Lipostabil, o qual promete acabar com o armazenamento da gordura localizada, conforme aponta Danny:

Meninas gordinhas vão diminuindo: tomam uma injeção chamada Lipostabil. Aí eu escuto muito elas reclamarem no período em que estão fazendo esse tratamento. Eu considero isso automutilação, mas é o valor da beleza que cada uma quer conseguir. Então, não posso dizer nada.

Danny critica o uso desses medicamentos que podem fazer mal à saúde; ela revela que é magrinha devido principalmente à sua genética, mas nos revela um segredo: “Uma vez, cheguei no cabaré e as meninas falaram que eu estava gordinha. Eu adorei escutar isso”. Ela não demonstra tal preocupação pelo uso e abuso excessivo do embelezamento corporal, pois afirma que muitas meninas chegam até a não trabalhar se tiverem um “caco”; só vão se

tiverem praticado todo aquele ritual: ir à academia e ao salão; ingerir uma sopa leve e os suplementos²; e pôr maquiagem.

A partir do exposto, faz-se importante ressaltar a questão consumista. Após a república brasileira ser proclamada, em alguns estados, mais precisamente no Rio de Janeiro:

A busca por uma aparência física construída segundo a última moda deu lugar a uma espécie de febre consumista entre os mais abastados. As mulheres ricas eram aconselhadas a utilizar os perfumes de famosos fabricantes ingleses, assim como cremes para clarear os dentes e sabonetes para o banho. (SANT'ANNA, 2014, p. 26).

Atualmente ainda há muitos investimentos em questões estéticas, o consumismo nesse sentido segue sendo uma pauta presente, mas, diferentemente da época citada anteriormente pela autora, é praticado de maneira prejudicial à saúde. Uma das substâncias inseridas no corpo de muitas pessoas que praticam academia invade o desejo dentro do cabaré, trata-se do uso de anabolizantes³. Danny afirma que muitas profissionais do sexo são adeptas ao uso dessa substância:

Eu conheci meninas que tinham uma insegurança muito grande que recorreram às 'bombas', anabolizantes; hoje, infelizmente, a maior parte está recorrendo a isso. Eu vejo meninas que transformaram o corpo, que eu via elas magrinhas, assim como eu, transformaram o corpo da noite para o dia. A bunda cresce, pernas, panturrilhas.

Apesar de Danny revelar sua discordância quanto ao uso de tal substância, ela não nega que já lançou mão desse procedimento. Ela revela que já fez uso de duas aplicações de anabolizantes, porém atenta para os efeitos colaterais produzidos por tais substâncias, os quais se manifestam de maneiras diferentes em homens e em mulheres. Nessas, por exemplo, aumenta o clitóris, eleva a quantidade de pelos no corpo, engrossa a voz, dentre outros. Já no corpo masculino, a consequência negativa é a redução da potência sexual, a diminuição do órgão genital, o aparecimento de espinhas em certas partes do corpo, dentre outros. Vale ressaltar que os efeitos colaterais são diversificados, mas não uma regra, diferenciando-se de organismo para organismo. Ainda sobre os efeitos colaterais produzidos por tais substâncias, Danny revela sua experiência negativa:

Era um óleo que se põe na bunda, mas o efeito colateral veio imediatamente em mim: tive uma crise gástrica, senti alterações no meu sistema nervoso, fiquei agitada como uma máquina, eu tinha que ficar em movimento. Ai eu disse: 'Não, isso aqui não é para mim, não!'. Eu estava brigando até com o ventilador, ai eu

² Produtos utilizados antes ou após os treinamentos na academia para estimular o crescimento muscular e dar resistência e energia para a prática do exercício físico.

³ Substâncias constituídas por hormônios masculinos que são injetadas tanto em homens como em mulheres as quais possuem a finalidade do crescimento muscular em um curto período de tempo, porém trazem também muitos efeitos colaterais, independentemente do sexo.

percebi que não dava para mim, não. Aí, como eu tive a crise gástrica, eu parei. Eu tive que experimentar porque eu fiquei curiosa. Achava assim: 'Ficar tão bonita assim é tão fácil'. Mas não era fácil, não: a dor que você passa para injetar essa porra!

A interlocutora nos relata também acerca da disponibilidade, ou seja, do acesso a essas substâncias, os anabolizantes. Ela nos diz que alguns homens dirigem-se às academias com promessas de modificar o corpo feminino, de torná-lo mais atraente segundo a visão de beleza preexistente naquele território, pois cabe lembrar que o belo é um conceito essencialmente relativo. Quanto ao acesso aos anabolizantes, Danny nos fala:

Dentro dessas boates, tem uns caras de academia que vão com a oferta de vender, de moldar o corpo dela, tem a máfia do contorno, chega lá um bichão 'bombado', bonitão, já chega oferecendo; cheguei a conhecer um como amigo, que me disse: 'Tu vai mudar'. Quando eles pegam no ponto fraco da mulher: 'Tu já tem um pouco disso, daquilo, vai ficar legal; um corpo desse trabalhado não é para estar aqui, não'.

Mesmo diante de tal tentação, a profissional do sexo tem sua opinião demonstrada no momento em que diz: “*Não dá para mim; na hora em que minha idade não permitir, eu paro*”. Porém, diante do relato adquirido por meio de contato com outra profissional do sexo, conhecida artisticamente por Jú, temos acesso a outra forma de pensamento: “*Eu cultivo a beleza de forma exagerada, faço ciclos em cima de ciclos de anabolizantes, sem respeitar nem o tempo de um ciclo para o outro. Olha como estou gostosa. Me diz quando eu iria ter um corpo destes? Só se eu fosse prostituta de luxo*”.

Outro fator de bastante relevância citado acima é a questão do valor. O tal “barato, poderá custar caro”. Procurei saber qual o valor de pelo menos um ciclo para o uso de anabolizantes. Constatei que, com trezentos reais, o indivíduo adquire tal substância, a qual, aliada a um treino vigoroso, faz com que surjam resultados em até uma semana. No entanto, chamo a atenção para outra substância, os óleos, com os quais se notam resultados também instantâneos, porém os efeitos colaterais são muito mais graves, por exemplo, a pessoa pode sofrer necrose e ter que amputar os membros inferiores ou superiores, dependendo do local de aplicação. Quando esse tipo de complicação ocorre, o produto tem que ser removido também de forma imediata.

Como se pode ver, pode verificar que a busca do embelezar-se, a partir do uso de anabolizantes e de óleos, pode acarretar riscos tanto de morte, pois o indivíduo pode ter um infarto, visto que causa taquicardia, como físicos e conseqüentemente psicológicos, uma vez que o sujeito, em função de complicações, pode ficar com sequelas e, em decorrência disso, voltar a apresentar um quadro de baixa autoestima.

O culto à beleza não está restrito apenas ao corpo, dando lugar também aos cabelos. Desde o século XIX, os apetrechos femininos, no tocante aos mais variados penteados, foram ganhando destaque na zona urbana pouco a pouco. A especificidade nesse assunto do cuidar da cabeleira foi tratada das mais diversas formas em artigos na imprensa, cuja finalidade era explicar a combinação adequada do cabelo à face de cada mulher, ensinando, assim, alguns segredos: “Uma cabeça cuja frente for fugitiva e o rosto um pouco comprido requer um penteado fixo sobre a frente, enquanto os lisos destacam defeitos que devem ser escondidos” (SANT’ANNA, 2014, p. 29).

No período de 1920, era veiculada a propaganda de um produto que possuía a finalidade de ondular os cabelos, conhecido como Crespodor. Na atualidade, não somente devido à moda como também devido à questão da praticidade, fato constatado em algumas entrevistas, o cabelo liso ganha aceitação e gosto do público feminino. Porém, aquelas que não possuem o cabelo naturalmente liso, consoante nossas entrevistadas, tornam-se “refêns da escovinha”, ou seja, de uma micromáquina que alisa temporariamente os fios:

Passei muito tempo fazendo escova. Aí eu disse: ‘Quer saber de uma coisa? Isso está quebrando meu cabelo’. Porque a beleza tem os prós e tem os contras, então eu já experimentei os prós também, porque eu já vivi muito de escova, de pintar cabelo, daí acumulou ressecamento no cabelo, cabelo quebradiço: o cabelo não tinha movimento, não estava legal. (DANNY RIOS).

A informante nos revela que a sua preferência atual é pelo cabelo cacheado, pois se configura em seu aspecto natural. Já para outras profissionais do sexo, o cabelo liso é uma forma mais bonita de chamar a atenção de seus clientes, é o caso de Jú: “Acho lindo o meu cabelo liso e, quando está grande, na hora que o homem puxa, adoro. O cabelo é a moldura do rosto de qualquer pessoa. Já usei ele bem curto, mas não fez sucesso, e cacheado, mas gasta muito mais”. A entrevistada refere-se também a outros artifícios que chamam a atenção dos clientes, que são os acessórios: brincos, pulseiras, enfeites no cabelo, tudo isso faz parte da vaidade feminina. É possível observar que hoje em dia não mais se utiliza um acessório muito em voga nos decênios iniciais do século passado, o leque, o qual só é usado, na maioria das vezes, por quem gosta muito ou como um fetiche. Como se vê no excerto de Sant’Anna (2014, p. 30), os leques faziam sucesso na década de 1920:

A elegância contava com acessórios hoje pouco comuns: nos jornais, não era raro encontrar notícias de leques perdidos seguidas das promessas de excelentes gratificações para quem os encontrassem. Equipamento essencial ao flerte. Os leques desenhavam no ar uma linguagem social a ser prolongada pela vestimenta.

A autora atenta para a questão da representação dos leques na comunicação nos espaços públicos, a qual entrou em esquecimento, tendo em vista que consistia em gestos que se relacionavam ao pudor e à sedução, características que não estão presentes na atualidade.

Retomando a questão do embelezamento ao corpo, cabe mencionar uma observação que fiz em uma boate localizada no Centro de Fortaleza, na qual pude perceber um grande número de mulheres com cabelos coloridos na tonalidade loira, o que me chamou bastante a atenção nesse cabaré. A partir disso, veio-me a indagação: “Será uma imposição da casa para essa escolha ou será apenas um gosto utilizado pelas profissionais do sexo daquele ambiente?”. Momentos depois, Danny trata sobre essa temática:

Você percebe, né, que a loira é tida como fatal, loiras fatais. Você percebe que a maioria dos homens opta por casar com morenas. Morena é para casar, né, mas, quando o assunto é sacanagem, em termos de estética e beleza, já olhando pela visão masculina, o homem, com seu instinto caçador, vai querer passar diante dos seus amigos com uma loiraça. Esteticamente falando, a loira chama mais a atenção. Eu já fui loira.

Mesmo admitindo possuir o gosto pelas madeixas loiras, Danny revela ser um processo que requer maiores gastos, visto que essa cor de cabelo implica um número maior de hidratações e de cuidados. Então, a entrevistada opta pela cor natural de seu cabelo, recorrendo somente a seus cremes hidratantes, utilizados na sua residência. Ela nos revela que, apesar de o tom loiro chamar mais a atenção, em sua opinião, isso não foi motivo para que ela deixasse de ter um número significativo de clientes. Danny nos informa:

A diferença de ser morena é que você chama a atenção de homens sérios, ser morena já passa mais um respeito. É incrível, mas todas as pessoas que conheci – eu saio com gringo, sabe – preferem as morenas. Todos os gringos que pretendem namorar optam por morenas, são mais atrativas para eles.

A profissional do sexo traça um perfil que é bastante observado e culturalmente impregnado ao cabaré: além de a prostituta ter o cabelo bonito, o corpo, seu objeto de trabalho, também tem que ser atrativo. Danny diz:

Loira, cabelo liso – quanto mais loira, peituda, bunduda, melhor. Aí entra o processo de cultivar a beleza. A maioria das profissionais do sexo gastam muito, correm atrás de academias. A maioria das minhas amigas diz não gostar de mulheres ‘magricelas’, mas tem clientes que preferem uma assim que nem eu: magrinha.

Outra profissional do sexo revela que, mesmo seu cabelo estando estragado devido à descoloração dos fios, prefere manter-se assim, haja vista que parece séria demais

sendo morena. Ela bem que tentou, mas não deu muito certo, provocando a volta de suas nuances capilares.

Esse fator reafirmado anteriormente me faz refletir sobre outra circunstância que não deve ser desconsiderada, o fato de que o indivíduo passa por um processo de mudança, como nas formas do corpo ou na cor do cabelo, na tentativa de promover, a seu ver, um modelo de beleza mais desejado para si e para o outro, ou então uma simples tentativa de sair do que se denomina de “feio”. Nesse sentido, se percebe que não funcionou, conseqüentemente volta ao seu natural ou ao ritual exercido antes: é a tentativa do belo como um elemento associado ao risco de não dar certo. Em se tratando da questão referente aos rituais, explica Schechner (2012, p. 70):

Rituais liminares ocorrem transformações. Rituais liminoides efetuam uma mudança temporária, algumas vezes, nada mais que uma breve experiência de *communitas* espontânea ou uma *performance* com várias horas de duração em um único papel. Ocorrem transportes. De um ponto de vista do espectador, uma entrada para a experiência é ‘movidá’ ou ‘tocada’ (metáforas apropriadas) e depois deixada onde ela aconteceu.

Os rituais são formas de recordação que transformam a vida cotidiana, assim como modificam os sujeitos.

Neste trabalho, faz-se de suma importância, já que me refiro tanto ao belo, a existência de outro conceito, o qual é tomado como antônimo do belo: o feio. Porém, deve-se ressaltar que também se trata de um conceito relativo, tendo em vista que o que é considerado feio para alguns é visto como bonito para outros.

Durante a primeira metade do século passado, a visibilidade do tido como “feio” era relativamente comum na imprensa. As pautas giravam em torno de assuntos de indivíduos com semblantes alarmantes, corpos horríveis, raquíticos ou excessivamente gordos, o que gerava até certos apelidos ligados às partes do corpo. Sant’Anna (2014, p. 31) nos brinda com seus detalhes:

Era comum dar aos feios apelidos inspirados em detalhes do corpo, utilizando um vocabulário que soa brutal ao leitor de hoje. As feias costumavam ser chamadas de ‘narigudas’, ‘pesudas’, ‘bixiguentas’, ‘encardidas’, ‘branquelas’, ‘zarolhas’. Esses dizeres estavam presentes independente da faixa etária, raça, classe econômica. Quando havia falta de elegância, a feiura tornava-se maior.

Na atualidade, muitas vezes, o “feio” está relacionado com o relaxamento ou com a descontração. Então, para os indivíduos “fugirem” do *status* de serem desprovidos de beleza, os cuidados com o corpo se tornaram ainda maiores. A figura do feio ajudava na divulgação dos produtos de saúde e de beleza. Porém, uma qualidade poderia ressaltar: “Feias

e inteligentes podiam funcionar como uma compensação cheia de graça” (SANT’ANNA, 2014, p. 32).

Fazendo uma ligação do que foi citado acima e o que está sendo observado, mesmo no “território do prazer” (os prostíbulos), as profissionais do sexo, para o exercício de sua profissão, têm que estar bem apresentadas e vestidas de modo atraente. Contudo, de acordo com as palavras de uma das entrevistadas, a beleza não é necessariamente o mais importante para alguns clientes:

Não cultuo a vaidade porque eu não cultuo tanto assim, prefiro cultivar a beleza da cabeça, pois a maior parte dos meus clientes são intelectuais; você cria um amigo, que me deu até um cliente fixo, o meu chamado cliente intelectual. Os meus clientes preferem uma mulher que tenha charme, mas que, além disso, tenha um bom papo. Uma vez um cliente falou para mim que a maioria das mulheres bonitas não são tão inteligentes. Falar besteira é broxante. (DANNY RIOS).

Diante dessas palavras, é possível perceber a exaltação de outra característica que também se vincula ao belo, a inteligência, à medida que o belo não é relacionado apenas ao atrativo físico. Ao contrário do que relatou Danny, outra prostituta, Diana, ressalta sua opinião:

Dentro do prostíbulo, o cliente não vem a fim de fazer novas amizades. Ele vem, muitas vezes, não todos, mais para foder, ver mulheres atraentes fisicamente, gostosas, jeitosas, enfim, a prostituta tem que estar sempre linda. Cliente nenhum vai pagar para ter relações sexuais com mulher que não chame a atenção pela sua performance ou corpo.

A feiura era vinculada também à questão referente a alguma doença, isto é, os elementos beleza e saúde estão extremamente ligados. Na década de 1910, muitos avanços estimularam a propaganda brasileira, por exemplo, a Bayer, que foi pioneira na comunicação para a divulgação de elementos favoráveis ao discurso do belo. Diante da Medicina, já era percebida a mistura das crenças populares, ou seja, o uso do senso comum e das referências científicas. Sobre tal pensamento, Sant’Anna (2014, p. 33) esclarece: “Uterina, por exemplo, era anunciado como ‘santo remédio’. O aparecimento milagroso das ‘pílulas vegetaes Graças a Deus’ era considerado uma bênção para a cura de todo tipo de febre resultante dos miasmas pestilentos”.

Não eram somente esses produtos que ajudavam a manter o corpo saudável e conseqüentemente belo, contavam-se também com os periódicos laxantes à base de óleo de rícino⁴ e com fórmulas de beleza não fabricadas pelo mercado, oriundas de receitas realizadas

⁴ Óleo também conhecido como óleo de mamona. Produto utilizado para o crescimento capilar, tendo ainda uso medicinal.

dentro das cozinhas, preparadas em quintais de terra, por exemplo, receitas criadas com banha de porco, limão e sabão feito com cinzas, para embelezar a pele e os cabelos. A facilidade e a acessibilidade a tais produtos facilitavam seu uso em qualquer lugar do país e por gente das mais variadas classes econômicas.

Outro produto muito utilizado nos séculos passados e que permeia a atualidade do século XXI é a cinta. Essas referências à suposta perfeição da beleza feminina desde a Grécia Clássica eram ainda mais comuns nos anúncios acerca do uso das cintas. Jú, dançarina de prostíbulo, afirma-nos:

Uso muita cinta para modelar o corpo. Eu usava ainda mais no tempo em que tive meu filho, para que minha barriga pudesse voltar ao normal. Eu dormia com a cinta, era um sacrifício, mas valeu a pena, nem parece que tive filho, mas também utilizei vários cremes para a pele. Esses segredinhos de mulher, sabe.

A interlocutora ressalta um ponto bastante interessante: o sacrifício para chegar ou manter certa beleza, ou seja, o que o indivíduo é capaz de fazer para tal finalidade, ainda mais quando muitos cuidados com o corpo encontram-se cada vez mais acessíveis ao público feminino e masculino. Danny também revela que, mesmo não sendo praticante obsessiva do ato de cultivar a beleza, não esconde a importância dos cuidados com o corpo para o favorecimento do exercício da profissional do sexo:

Dentro do prostíbulo, é a lei da procura e da oferta. Então, é necessário cultivar a beleza dentro desse ambiente, ou seja, quanto mais a menina tiver essa aparência belíssima de corpo, o cara não vai perguntar se isso é anabolizante, ele só vai ver a bunda grande. Ele não vai perguntar de onde ela tirou aquela cinturinha básica, ele não vai querer saber. Ele só vai querer saber do corpo violão que ele vai consumir naquela noite. O cultivar a beleza atualmente, falo com toda certeza, está nessa onda. Por exemplo, ela usou e deixou o corpo legal, monumental, aí ela tem mais cliente, ganha mais dinheiro e investe nas outras coisas: maquiagem, um bom perfume, roupas sexy e mais caras, cabeleireiro, unhas de porcelana, unhas postiças, esse tipo de coisa: é o cultivar da beleza delas. Então, você vê que, depois de tudo montado, ficam belíssimas.

Danny revela que a profissional do sexo cuida do corpo tanto para atrair a atenção de um maior número de clientes como também para aumentar a autoestima dela para circular por qualquer ambiente. Ou seja, não somente o uso dos cuidados para o aspecto profissional, mas também para o pessoal. Eis outra revelação de outra prostituta:

Eu me cuido para chamar a atenção dos homens, sendo clientes ou não. Gosto quando, por onde eu passo, todos olham, ou melhor, quase todos, né, porque tem homens que não gostam do estilo 'malhada', e sim das mais magrinhas, pois, segundo alguns, é mais fácil conduzir na hora do sexo. Eu não concordo, mas é questão de gosto. (DIANA).

Nessa mesma entrevista, a interlocutora revela que muitas das dançarinas profissionais do sexo antigas que não tiveram o acesso aos anabolizantes contestam, pois afirmam que, se a prática da utilização desses produtos no cabaré existisse antes, teriam angariado talvez melhor clientela, visto que tais substâncias prometem um corpo cheio de formas. Há ainda quem conte que sempre houve o uso dos anabolizantes no “território do prazer”, mas que essa prática não era bem aceita pelas profissionais do sexo, que estavam mais preocupadas com a saúde.

É importante ressaltar também que, nos hábitos antigos, não era comum o uso dos anabolizantes, visto que, com o seu uso, as pernas ficam mais musculosas, característica não bem aceita na Antiguidade. Sant’Anna (2014, p. 39) rememora: “As pernas das dançarinas também podiam ser consideradas feias, principalmente quando mostravam os resultados do excesso de exercícios”. A finalidade do anabolizante é acelerar o resultado, ou seja, em poucos dias você adquire um corpo volumoso, que, sem o seu uso, demoraria muito tempo e requereria muita prática de exercícios repetitivos para perceber tal resultado.

Não se pode deixar de citar como elemento importante a forma de excitar, de se expor e de chamar a atenção do parceiro, cliente ou não, através das vestimentas. Conta-se que, no ano de 1920, os vestidos de tecidos leves e com decotes acentuados já despertavam a atenção do público masculino. A roupa de baixo se constituía de pura seda. Elegâncias na forma de se vestir faziam parte da exibição feminina. Naquela época, até mesmo as profissionais do sexo cobriam-se com muitas peças, despertando certa curiosidade aos olhos das pessoas. Já o que pude perceber na atualidade é que houve uma mudança nessa postura, conforme me confirmou uma das informantes:

As nossas roupas são feitas, na maioria das vezes, por nós mesmas, justamente para que outra garota de programa não copie. Para mim, quanto menos roupa, melhor; aquele ‘fio dental’ que deixa o homem doido, sabe, com vontade de pagar logo um programa. Para que vou gastar dinheiro com muitas peças, ou de grande comprimento, se o cliente quer logo ver minhas partes íntimas? (DIANA).

Através do relato adiante, pude perceber que, mesmo estando em um século em que quase tudo é permitido, há ainda aquelas garotas de programa que optam por outra forma de despertar o desejo:

Para chamar a atenção do cliente, uso uma roupa mais sexy, a mais colada. Cada uma tem seu estilo. Tem meninas que gostam de cultivar a beleza e se acham lindas naquele estilo ‘periguete’, tem aquelas que optam por um estilo mais básico e tem aquelas que se acham mais bonitas no estilo social, que é o meu caso, embora é aquela coisa, assim, não dando a entender que é prostituta; tem homem que gosta disso. Tem meninas que gostam de estar completamente nuas, ou seja, um vestido muito curto, que, quando elas se abaixam, veem quase tudo. A última vez que eu fui,

por exemplo, fui no básico preto social, vestido bem colado de mangas compridas, curto, de salto alto, um cabelo bem legal e pronto. (DANNY RIOS).

No ano de 1920, mais ou menos, o modo de vestir-se era combinado com os cabelos curtos e soltos, seguido dos cuidados com a limpeza corporal, ato indispensável ao ritual de beleza. Sobre isso, Sant’Anna (2014, p. 39) assevera: “Na *Revista Fon Fon*, meio de comunicação semanal, já aparecia a propaganda de xampus anticaspas e cremes para os tratamentos higiênicos da pele”, cuidados estes que ainda se perpetuam na modernidade, visto que a evolução dos cosméticos e a acessibilidade a eles permitem a globalização dos cuidados com a beleza.

Se em 1920 os cabelos curtos promoviam tal sucesso, hoje também representam elemento de elegância, mas, de acordo com as observações por mim realizadas, as madeixas longas permanecem no gosto feminino. Pude verificar que a maioria das meninas que não possui o cabelo naturalmente longo faz uso de uma técnica capilar conhecida como *Mega Hair*, que se constitui em um alongamento dos fios. Quanto ao sucesso do seu uso, Danny BB, outra prostituta por mim entrevistada, afirma: “*Já tive meu cabelo curto e meio cacheado, mas resolvi ficar com a cara do poder e, para completar, pinteí de loiro, agora fiquei mulher fatal. Acho lindo cabelão, no strip, dá para sensualizar mais, jogá-lo de um lado para o outro*”.

Porém, seguindo o raciocínio de que o conceito de beleza é relativo, presenciei outra opinião a respeito de cabelos compridos, conforme se vê adiante:

Eu, particularmente, acho o cabelo curto mais a cara da riqueza, mais sexy. Este negócio de cabelo grande é coisa de ‘periguete’. Pela minha experiência no cabaré, pude perceber que a maioria dos homens gosta do cabelo mais comprido em mulheres, para poder puxar na hora do ato sexual, mas, mesmo sendo prostituta, não quero ter cara de quenga [risos]. (DANNY RIOS).

Entre o belo e o feio, o que esconder e o que revelar, mediante essas situações, mentir a idade é comum desde a Antiguidade, mas irei ressaltar o ano de 1930, citado por Sant’Anna (2014, p. 42):

Mentir a idade inúmeras vezes e durante anos: mulheres e homens também. A velhice virou assunto mais presente nas revistas femininas. Foi quando algumas brincadeiras confirmavam a negatividade atribuída às quarentonas: a mulher aos 15 anos é sorvete, aos 25 anos é refresco, aos 40 é água morna.

A importância dos cuidados estéticos torna-se mais necessária, visto que a idade pode ser disfarçada com vários rituais: usar creme anti-idade, maquiagem, cuidados caseiros, pinturas de cabelo, dentre outros. Esse fator da idade é elemento decisivo na vida de uma

profissional do sexo. Em algumas das entrevistas, as prostitutas citaram a velhice como elemento negativo no exercício de sua profissão, alegando que a garota de programa tem “prazo de validade”. No que diz respeito a esse questionamento, Danny Rios informa:

Toda prostituta tem sua data de validade. Eu tenho já os meus 40 e poucos, percebo a diferença nos cabarés. Uma vez eu parei, entre aspas, né, ainda recebia muitos convites, e não é pelo estético, eu me sinto sortuda porque as pessoas admiram minha técnica [...] devido ao pole dance. Eu ainda tenho um corpo legal para a idade que tenho, ou seja, se eu chegar para um cliente, teve um que pagou um show para mim recentemente, ele perguntou quantos anos eu tinha, aí eu disse, porque a maquiagem ela esconde também, né, a idade, deixa você mais nova, dependendo da maquiagem que a gente faça, meu bem. Não uso nem esses cremes que o povo utiliza antes de dormir. Eu só posso dizer que eu tenho sorte e genética, eu tenho filho de 15 anos.

A questão da idade é um elemento relevante nessa profissão. Se ter uma idade considerada avançada para esse ramo desperta curiosidade, a pouca idade também é fator de discussões. A partir de idas e vindas, como mera observadora, ao “território do prazer”, deparei-me com uma situação que explica o fator citado por mim anteriormente. Percebi a presença de uma garota que eu achava – e que depois obtive a certeza – que tinha seus 17 anos de idade. Notei que ela fazia um pouco mais de sucesso perante os clientes. A maioria queria pagar pelo seu programa. Além do fator da idade, não se pode esquecer que, a meu ver, a prostituta era bonita e chamava a atenção não apenas pela sua jovialidade.

Danny Rios cita em sua fala algo bastante interessante e não menos importante na construção e nos cuidados com o corpo, a gravidez. As profissionais do sexo, além da preocupação com a utilização dos métodos contraceptivos, elemento este comprovado em minha pesquisa anterior, também possuem os esmeros para o caso de ficarem gestantes, etapa em que o corpo sofre modificações. O objeto de trabalho da prostituta, o corpo, tem que estar “em boa forma”, dependendo da cultura em que ela está inserida. Sobre tais cuidados, Jú, profissional do sexo, revela:

Eu tive filho recentemente, tenho 30 anos. Nessa idade, é um pouco mais difícil e demorado voltar ao corpo que eu tinha. Uso cinta para apertar a barriga todos os dias, cremes para estrias, celulite e dieta. Preciso, mais do que ninguém, voltar à ativa com força total. Por enquanto, atendo a alguns poucos clientes em casa.

Julgo importante ressaltar que o fato de Jú ter poucos clientes não estaria relacionado somente à sua forma física, mas, sobretudo, à sua menor disposição devido ao fato de ainda cuidar do filho pequeno. A figura da gravidez também sofreu críticas entre as mulheres da primeira metade do século passado, principalmente na década de 1920. Sant’Anna (2014, p. 41) esclarece:

A barriga grávida ainda não era uma imagem valorizada. A mulher ‘naquele estado’, mais tarde dito interessante, devia primar pela discrição. Os conselheiros preferiam associar a beleza da maternidade ao período posterior ao nascimento do filho, e não aos nove meses de espera.

Essa tendência veio a se romper após a década de 1960, chegando ao ponto de a barriga da grávida ser mais valorizada do que a própria maternidade. Elementos considerados embelezadores do corpo feminino, mais precisamente na primeira metade do século XX, teriam restrições que dependiam da idade. Quanto a isso, Sant’Anna (2014, p. 56) argumenta:

Moças de 14 e 15 anos consideradas de boa família raramente possuíam a autorização de seus pais e irmãos para utilizar o carmim e o batom. Difícil resistir à beleza luminosa nas telas, à propaganda favorável aos lábios e olhos pintados, além dos cortes de cabelos e penteados inovadores.

A autora também pontua que as jovens burlavam essas proibições com supostas obediências aos pais. Já ao se tratar da questão da construção do corpo da prostituta, independentemente de qualquer faixa etária, os artifícios para a beleza são essenciais. Danny Rios aponta a importância acerca do uso da maquiagem:

Estar maquiada, no cabaré, é essencial. O uso do pó que passamos no rosto, batons, principalmente de cores fortes, máscaras de cílios, quando eu não tenho dinheiro para colocar cílios postiços, tudo isso é essencial na construção do corpo da prostituta. Estar maquiada é cobrir imperfeições da pele. Lembro que, quando eu era menininha, a minha mãe já me ensinava a me maquiar para chamar a atenção, pois ela levava alguns políticos para que eu conhecesse e pudesse me envolver com eles. Então, posso dizer que nunca fui proibida de ter essa prática.

Diante de tais observações realizadas dentro dos prostíbulos, percebi características reveladas e ressaltadas por Danny Rios, como: o uso do batom, principalmente o da cor vermelha, *blush*, delineadores e outros objetos. Da mesma forma que se pode notar o excesso de maquiagem nos rostos das garotas de programa, ainda tem aquelas, em sua pequena minoria, que se utilizam de pouca pintura nas faces. Com relação ao uso da pintura facial como elemento construtor do corpo da profissional do sexo, Danny Rios diz:

Aqui a maioria das meninas só faz o show de strip devidamente maquiada. Umam dão dicas para as outras de como pintar o rosto. Apesar da forte concorrência, existe certo companheirismo quando se trata de embelezamento do corpo. Sempre tem alguma que entende mais de como ficar ou permanecer bela. A maquiagem é tão importante que, se alguma estiver com baixa autoestima, ao se maquiar, já ganha um brilho.

É possível perceber, por meio da fala das informantes ou pelas observações realizadas no “território do prazer”, que as garotas de programa apresentam, em sua maioria, senão todas, alguns elementos que constituem uma maquiagem, a qual foi confeccionada em

um pequeno espaço chamado de camarim e imediatamente exposta, seja em um *show de strip* pago por um cliente, seja simplesmente durante a permanência da prostituta nos corredores do ambiente de prazer.

Se a beleza física é elemento importante dentro do prostíbulo, cabe mencionar que existem ainda aquelas desprovidas de tais belezas físicas nesse ambiente, as quais julgam indispensável a beleza interior. Sobre tal assunto, conta Izabel, profissional do sexo:

Eu sinceramente tenho o meu talento. Diante da cultura estabelecida dentro de um prostíbulo, ou seja, aqui onde eu trabalho a mulher tem que ser 'gostosa', tipo: pernã, bundão, seios fartos e muito loira. Mas eu sou magrinha, e quem disse que não sou gostosa? Existe gosto para tudo. Aqui nós somos a exposição de um produto, de uma mercadoria. Porém, devo confessar que não atraio muitos olhares de imediato, mas, quando chego à mesa de algum cliente e ele conversa comigo, em um mesmo instante conhece algum tipo de beleza. Tenho um bom papo, sou desenrolada. Já 'tomei' até clientes das ditas 'gostasas' [risos].

Tal discurso me fez lembrar falas que estão presentes em um senso comum: “feio por fora e bonito por dentro”. Essa não é uma crença nova na história nem uma característica do Brasil, conforme revela Sant’Anna (2014, p. 61-62):

A moda na década de 1920, especialmente os vestidos de linhas geométricas, decotados e curtos, contribuíam para expor o corpo feminino, oferecendo as imperfeições físicas à visibilidade pública. Eugenistas como Renato Kehl criticavam as mulheres de ‘seios caídos’, ventres flácidos e volumosos.

Diante dos fatos apresentados na citação anterior, pode-se perceber a preocupação das mulheres e homens em estar “em forma”. Ao se tratar das profissionais do sexo, a busca por tal modelo de beleza e por sua permanência chega a ser um objetivo cotidiano, especialmente na vida daquelas em que a beleza física é essencial para o exercício dessa profissão. Então, principalmente para aquelas ou aqueles que cultuam tal beleza, surgem desde cedo elementos que saciam os desejos. Um deles, o qual chamou a minha atenção, está relacionado à branqueamento da pele e ao bronzamento dela. Sant’Anna (2014, p. 75-76), em seus estudos sobre a história da beleza, relata:

Max Factor criou uma maquiagem para clarear a pele morena de Rodolfo Valentino. Nas décadas de 1920 e 1930, mesmo com a voga do bronzamento à beira mar, a pele branca imperava na propaganda de diversos produtos de beleza, havia conselhos que sugeriam a proximidade entre sujeira, doença e pele escura.

Na atualidade, nota-se que o bronzamento artificial tomou conta dos gostos femininos. A conhecida “marquinha de biquíni” passou a ser elemento sensual no corpo, sobretudo no da mulher brasileira. A respeito disso, posiciona-se Jú:

É incrível como os clientes ficam excitados com a pele bronzeada. Aquela marquinha à mostra que fica do biquíni, para alguns, pode até ser considerada vulgar, mas surte muito efeito no exercício da nossa profissão. Tinha outras garotas de programa que vinham de calça colada comprida, mas as marquinhas laterais do sol estavam lá.

A partir de alguns métodos utilizados para manter ou alcançar o padrão de beleza, é interessante observar o quanto esse assunto passou a despertar maior interesse científico, chegando até a se acreditar numa frase muito conhecida: “Só é feio quem quer”, à qual eu acrescentaria: “Para se tornar bonito, precisa ter certo poder aquisitivo”. Sant’Anna (2014, p. 86-87) relata o que se passava no ano de 1930:

‘A força pela beleza’ mostrou fotografias de rostos masculinos e femininos antes e depois das operações plásticas. Valorizou o procedimento, garantiu que o paciente nunca sofria e expressou um otimismo inquebrável diante da ciência que supostamente subjuguava, enfim, o envelhecimento. Em vez de comentar a feiura, realçou a beleza proporcionada pelas mãos dos cirurgiões.

Então, muitas propagandas de doutores especialistas em cirurgias plásticas foram expostas, recebendo a definição de “operações com defeitos”. Esses tipos de procedimentos permitiam, dependendo da intervenção cirúrgica, que as mulheres, por exemplo, mostrassem seu rosto mesmo de dia. Uma das justificativas para o aconselhamento das cirurgias plásticas era que os sofrimentos trazidos pela falta de beleza iriam desaparecer, proporcionando conseqüentemente o aumento da autoestima. Porém, o preço também para se ficar “belo” existe. E, para aqueles que não possuem recursos econômicos para esse fim, estão à disposição as receitas caseiras e os produtos que prometem certo embelezamento.

Danny Rios conta que muitas garotas de programa valem-se dessa profissão para moldar seus corpos: colocam próteses de silicone no bumbum e nos seios, fazem redução da gordura abdominal, lipoescultura⁵, rinoplastia⁶, dentre outros procedimentos. Essas são as práticas mais comuns nos centros cirúrgicos.

Que a profissão da prostituta está relacionada diretamente com o seu corpo não resta dúvida. Variadas formas para a busca da beleza podem ser observadas, não somente para o exercício do trabalho, mas também para uma autossatisfação. Nesse sentido, de acordo com Juliana, outra entrevistada: “A *estética também vai de encontro à autoconfiança, é um contexto da psique da mulher*”. A informante ressalta que, quando não se sente bonita naquele dia, ou seja, quando não pratica os rituais de beleza, como pôr maquiagem, ajeitar cabelo e ir à academia, sente-se insegura. Ela confessa que adora ouvir as “cantadas” por onde passa.

⁵ Procedimento utilizado para retirar gordura das partes do corpo, a qual pode ser recolocada em outras regiões solicitadas.

⁶ Prática utilizada para procedimentos na região do nariz, tais como afilar, empinar, diminuir, entre outros.

Como foi citada anteriormente, a questão da maquiagem sempre foi elemento importante na construção da beleza feminina: “A maquiagem passa a ser uma segunda pele” (SANT’ANNA, 2014, p. 118). Seguindo essa linha de raciocínio, Jú afirma:

Dentro dos prostíbulos, as dançarinas e/ou prostitutas são reféns das pinturas faciais. Se a gente coloca todo aquele figurino, ou seja, roupas, muitas vezes, confeccionadas por nós e, diante disso, não estivermos maquiadas, parece que não estamos completas. Eu aprendi a me maquiar sozinha, só via algumas dicas na internet, mas foi na prática que me aperfeiçoei. Hoje não saio de casa sem batom, rímel. Vai que eu conheço alguém no meio da rua [risos].

Algumas garotas de programa confessam a importância de estarem bem produzidas. Outras afirmam que o mais importante é a forma de abordagem ao cliente e o “saber fazer” o serviço na hora de um *strip* ou de um programa. Entretanto, todas concordam que o “mundo da prostituição” é competitivo, o que faz com que os cuidados com o corpo e com a *performance* sejam elementos essenciais. Em seu ambiente de trabalho, elas utilizam toda uma caracterização, por exemplo, uso de vestimentas adequadas para o *strip*. Além da *performance* específica apresentada no pequeno palco, Schechner (2012, p. 50) ensina que: “Ambos, ritual e jogo, levam as pessoas a uma ‘segunda realidade’, é onde elas podem se tornar outros que não seus ‘eus’ diários. Quando temporariamente se transformam ou expressam outro, elas *performam* ações diferentes do que fazem na vida diária”.

A *performance* se caracteriza pela maneira que mais provoque a atenção dos clientes. Assim, a profissional sobe ao pequeno palco e executa o *show* que foi cuidadosamente preparado, de forma que seja aceito de maneira positiva e ainda lhe renda um programa. Quanto a isso, Danny Rios ressalta a importância da valorização da profissional do sexo, pois, com essa atitude, há maior intensidade de estímulo aos cuidados com o corpo e conseqüentemente com a sua saúde, fazendo com que o número de clientes também possa aumentar nos cabarés. Nas suas palavras:

Cada noite que passava, a concorrência ia aumentando, e é aquela coisa, tem a oferta e a procura. E a oferta tem que ser a atração, tem que ter o atrativo. Então, meu dia era todo dedicado a cabelo, roupa, beleza, e o dinheiro dos meus programas cobria todos esses gastos. Mas algumas amigas minhas não têm esses cuidados e se perdem nas drogas. (DANNY RIOS).

Os elementos que constituem a beleza são interpretados como resultados de conquistas individuais, uma espécie de trabalho que não possui dia nem hora para acabar, ou seja, em qualquer fase da vida estamos sujeitos a adentrar no universo de cuidados para nos tornarmos “belos”, da mesma forma que não se possui data de validade para o fim desses rituais de beleza. A partir disso, deparo-me com palavras de Sant’Anna (2014, p. 119), que

assevera: “Hoje é feia quem quer”. Mesmo que o fator econômico esteja diretamente relacionado, não se tem um argumento forte para ficar descuidado, visto que os produtos e até mesmo as cirurgias plásticas estão mais acessíveis aos diferentes públicos.

São vários os conceitos de beleza existentes, havendo logicamente progressos na indústria da beleza. Por exemplo, afirma Sant’Anna (2014, p. 119): “Os cremes de tratamentos da pele deixaram de ser brancos e espessos para ganhar em transparência e refinamento, fornecendo uma nova discrição ao embelezamento. Os conselheiros de beleza deram boas-vindas ao apelo dessa naturalidade”. Com essa evolução, era mais prático o uso dos produtos de beleza, pois sua utilidade poderia ocorrer em qualquer horário e em qualquer lugar, salvo aqueles cremes que só podem ser consumidos à noite. Quando a autora ressalta a questão da naturalidade, lembro-me das palavras cedidas por Danny Rios:

Não gosto muito de me maquiar, mas utilizo algumas maquiagens, porém o que eu acho bonito mesmo é aquela naturalidade, aquelas maquiagens leves, só o essencial, porque tem muitas garotas de programa que adotam vários truques de maquiagem e pesam tanto na mão que ficam até irreconhecíveis depois de maquiadas. Ai, quando tiram a maquiagem, eu brinco: ‘Onde tu estava, mulher? Era tu mesmo que eu vi dançando ali no palco?’ [risos].

A respeito de tal naturalidade, verifica-se que, no século XVII, existia a crença em uma beleza ideal e na valorização de uma beleza natural, porém “[...] a ação sobre a beleza poderia então, mais do que antes, ser artificializada” (VIGARELLO, 2006, p. 59).

Na década de 1950, muitas mulheres achavam que só chamavam a atenção aquelas que estivessem extremamente maquiadas, sendo que a verdadeira beleza e elegância eram encontradas na naturalidade. Nesse período, a pintura dos olhos ganhava uma aceitação antigamente rara; hoje o público feminino segue os costumes das antigas rainhas do Egito no seu jeito de contornar os olhos, tornando-se de igual importância a pintura labial.

Para uma boa maquiagem aderir à pele, de modo que fique uniforme, havia muitos produtos que possuíam tal finalidade, porém existiam também cuidados do dia a dia, pois as espinhas prejudicavam a harmonia de um rosto bonito e saudável. Antes da década de 60 do século passado, a pomada conhecida como Minâncora sozinha não dava tanto jeito ao problema da acne, sendo necessárias limpezas de pele. Nessa década, já havia pesquisas científicas que associavam a produção de espinhas a um problema hormonal, ao excesso de testosterona. Com essa explicação, lembro-me da fala de Danny Rios:

Hoje em dia, as mulheres utilizam muitos anabolizantes. Não estão preocupadas com os efeitos colaterais causados pelo uso dessas drogas. Injetam muita testosterona para terem um corpo ‘bombado’ e ficam assim, cheias de espinhas: no

rosto, no pescoço e nas costas. Só querem saber se estão com pernas grossas e com o bumbum grande.

Sobre a importância de uma pele impecável, Sant’Anna (2014, p. 127) argumenta: “Nos anos de 1960 e 1970, a pele impecável, lisa, permaneceu um valor importante para a beleza de ambos os sexos e, mais uma vez na história, muitas vitaminas A eram solicitadas para uma pele viscosa”. Nesse mesmo período, além do esmero de uma pele bem cuidada, também era preocupação frequente a importância de um cabelo liso. Conta-se que se recorria, como também se pode observar atualmente, ao uso da touca, com dezenas de grampos. Para o sucesso dessa prática, era essencial esticar todo o cabelo primeiro para um lado e depois para o outro, além de se evitar a umidade. Ao retirar a touca e os grampos, conseguir-se-ia um cabelo lindo e liso. Algumas mulheres utilizavam essa prática ao dormir, ou então saíam de casa com aquela touca repleta de grampos.

Já na atualidade, pode-se observar as facilidades para se aderir a um cabelo liso. Procedimentos químicos prometem cabelos sem ondulações, ou, se preferir, também se pode optar por cabelos momentaneamente esticados através do uso de secador e/ou de chapinha, ou seja, equipamentos para esse fim. Danny Rios pontua que faz uso de tais procedimentos, mas atenta para as consequências:

Utilizei muito o secador e a chapinha para alisar meus cabelos. Houve dias em que aplicava quase todos os dias antes de ir trabalhar no cabaré. Mas, com o uso em excesso, meu cabelo foi começando a ressecar e a quebrar – também aquele aquecimento todo nos fios é muito prejudicial. Não tenho coragem mais de usar, mantenho meu cabelo natural, cacheado, só gasto tempo agora com hidratações para recuperar após anos de chapinha.

Nota-se que a busca pela beleza é carregada de fatores positivos, mas também negativos, dado que, de um lado, consegue-se chegar a certo padrão de beleza, isto é, obtém-se o desejado, por outro lado, as consequências podem ser marcadas por efeitos não tão agradáveis, por exemplo: cabelo liso, porém ressecado.

Prosseguindo com as argumentações, na época do período ditatorial, surgiram diversos artigos da imprensa nacional que expressavam a importância do tema “corpo”, mais precisamente no que se referia à sexualidade. Em um dos artigos, foi publicada uma entrevista realizada com Leila Diniz, a qual afirmava que era possível amar uma pessoa e ir para a cama com outra, ou seja, a clara separação do sexo e do amor, característica esta típica do universo masculino, mas também reivindicada por algumas mulheres da época.

Esse universo feminino que possuía e lutava por tais reivindicações ficou sob os olhares daquelas pessoas que as denominavam de “mulheres fáceis”. A ideia de gostar do

próprio corpo ainda era vista de forma preconceituosa, sendo característica das vadias e dos homossexuais. Danny indica ainda existir vários preconceitos: *“Ainda hoje, usar roupas muito justas e curtas causa preconceito, assim como usar muita maquiagem, salto muito alto. E se você colocar tudo isso que falei numa mesma pessoa, pronto, vão falar mal de você”*.

Mais tarde, precisamente na década de 1970, o uso do *gloss*, cosmético labial que lhe atribui brilho, já confirmava a sensualidade feminina. Nessa época, era mais comum a exposição corporal. Para um corpo bonito e saudável, a exposição necessitava de alguns cuidados, principalmente para aquelas pessoas que dependiam exclusivamente da exposição do corpo no exercício de sua profissão: dançarinas, modelos e também aqueles indivíduos que são objeto deste estudo, as profissionais do sexo.

Ao adentrar no “território do prazer”, pode-se assistir, se assim um cliente pagar, a um *strip*, um *show* em que a dançarina retira cuidadosamente partes de sua pequena vestimenta até atingir a nudez. Nesse momento, existem vários cuidados que as profissionais do sexo utilizam para mostrar um corpo “em forma” e bonito esteticamente, acompanhados, sem dúvida, de uma boa *performance* no pequeno palco. Um desses cuidados é com relação à perseguidora implacável do universo feminino: a celulite.

Na década de 1960, o amor por si mesmas aflorava, o que fazia com que as mulheres percebessem aqueles furinhos detestáveis em partes de seu corpo. Mais cedo ou mais tarde, tal problema “contemplava” as mulheres: “Desde a sua descoberta, o problema exigiu um verdadeiro programa de combate: ginástica, dieta, uso de cremes de tratamento em clínicas especializadas e também o uso de receitas caseiras” (SANT’ANNA, 2104, p. 146).

Em se tratando de tais cuidados, a maioria das entrevistadas diz alguma coisa acerca das problemáticas celulites e o que fazem para amenizar a situação. Uma das profissionais, a qual não quis se identificar, relata:

Toda mulher tem ou já teve celulite. Me preocupo, porque sou vaidosa ao extremo. Tanto que utilizo uma cor de base mais escura no meu corpo, principalmente onde estão os malditos buraquinhos. Tenho vários truques para escondê-los, mas também comprei um creme que passo todas as madrugadas, pois é o horário que chego da boate. Ah, também parei de beber refrigerante, pois dizem que causa mais celulites.

Diante dessas declarações, percebi algo bastante interessante, por exemplo, existem alguns cremes de tratamento que só podem ser utilizados no período da noite. Desse modo, a profissão noturna prejudica esse ritual. Sendo assim, as profissionais do sexo que são adeptas desse medicamento não o utilizam de forma correta, prejudicando o efeito do remédio.

Prossigo com a questão que envolve um dos elementos-chave desta seção, a construção da beleza ao longo dos anos, porém, neste caso, de uma maneira mais ousada, a beleza do sexo. Antes a mulher era estritamente proibida de mostrar o corpo, o qual era revelado somente para seu cônjuge, fato que vai se modificando com o decurso do tempo, fazendo com que as mulheres ganhassem, aos poucos, certa liberdade. Sobre isso, Sant'Anna (2014, p. 153) ressalta que:

A versão brasileira da revista norte-americana *Cosmopolitan* começou a ser publicada em 1973 pela Editora Abril. Ela propunha a liberação dos prazeres de maneira muito mais explícita e assumida do que as demais revistas. Nela, as propagandas e reportagens tenderam a substituir os termos 'marido', 'noivo', 'namorado' pela palavra 'homem'. Tratava-se de ter um 'homem' ou de conquistá-lo, o que não especificava a situação conjugal.

A autora ainda rememora que, para a mulher conseguir tal conquista, valia-se de todas as tentativas até então compreendidas como erradas, porém baseadas em um ideal de mulher ativa sexualmente, segura de si. Então, a mulher sedutoramente passa ao ataque. Essa característica é muito forte dentro dos prostíbulo. Apesar de muitos homens tentarem se aproximar dentro do cabaré, as profissionais do sexo são as que geralmente tomam a iniciativa. Com relação a esses argumentos, eis o relato de Jú:

Geralmente, as dançarinas profissionais do sexo ficam circulando no território a fim de que o cliente mostre, através de algum sinal, seu interesse para que a profissional possa chegar e sentar-se junto à mesa com o cliente. Outras, de longe, encaram certo cliente e, quando o olhar é receptivo, partem para o ataque. Mas também não se pode esquecer daquelas que simplesmente ficam conversando com outras prostitutas ou que ficam direto nas redes sociais por meio do celular.

Diante de tais observações, pode-se observar o papel do corpo no jogo de conquista. “O corpo transmite significados por intermédio de manifestações impregnadas de ambiguidades” (LE BRETON, 2009, p. 43). Através da linguagem corporal, constata-se a comunicação, a interação, todavia o significado dessas ações dependerá da maneira como são recebidas; cada indivíduo poderá decifrar tais comportamentos de maneiras distintas.

Quando estive no prostíbulo, pude perceber que são várias as roupas, dependendo do gosto da própria garota de programa, utilizadas para chamar a atenção do cliente. Pude verificar o uso de calças coladas, pequenas blusas com decotes, *shorts*, saias, enfim, tudo o que pudesse provocar o público. Além das vestimentas escolhidas, muitas profissionais do sexo “montam” o seu próprio corpo, conforme já aventado anteriormente, por meio de cirurgias plásticas, por exemplo, colocando silicone nos seios e/ou nos glúteos, extraindo

gordura abdominal, etc. O dinheiro para a realização desses procedimentos é conseguido com muito esforço e depois de muitos anos de profissão. Sobre isso, Jú nos conta:

Eu juntei dinheiro durante uns cinco anos para colocar silicone nos meus seios, porque eu os achava pequenos, mas também alguns clientes diziam que gostavam de mulher com os seios enormes. A gente aqui não ganha muito e tem muitos gastos. Invisto muito em coisas para meu corpo, pois ele é meu objeto de trabalho.

Em se tratando das cirurgias plásticas, o que não é fator característico dos dias atuais, pois, aqui no Brasil, entre os anos de 1960 e 1970, vários artigos de imprensa já divulgavam o sucesso de vários cirurgiões plásticos, além da possibilidade de pagar a crédito as operações escolhidas e realizadas. E daí por diante a possibilidade das curvas corporais só obteve progressos: “Em 1985, a revista *Nova* publicou uma propaganda intitulada ‘novas formas para seu corpo com a plástica da barriga’, mostrando seios e ventres femininos, fotos comparativas no antes e depois das intervenções cirúrgicas” (SANT’ANNA, 2014, p. 166). Diante de tais procedimentos, apareceram outros anúncios na mesma época, os quais afirmavam a beleza existente após as cirurgias plásticas, dando, assim, importância ao termo “só é feio quem quer”. Em 1990, o modelo de beleza bastante presente era o das dançarinas de *funk*: uso de *tops* justíssimos e de calças ou *microshorts* mais apertados, os quais também possibilitavam a exposição da “marquinha do biquíni”, acompanhados do seu jeito provocativo. Esse padrão foi assimilado pelo atual modelo de vestimentas utilizado pela prostituta nos dias de hoje, o qual tenta se opor ao da burguesia refinada.

O que chama a atenção, precisamente a partir do ano de 2009, é a projeção para o futuro divulgada pela empresa L’Oréal:

O texto sugere aquilo que hoje se tornou um grande valor: o aumento da liberdade individual para modificar o corpo com os gostos pessoais e os progressos disponíveis. Tenta-se, embora seja difícil, de imunizar o corpo contra rugas, flacidez e outros signos de envelhecimento. (SANT’ANNA, 2014, p. 188-189).

O corpo transformou-se, ao longo dos anos, em algo tão importante e complexo quanto a alma. Nesse sentido, deparo-me com uma das frases citadas por uma das entrevistadas: “A prostituta tem como elemento do seu trabalho o corpo. A partir disso é notório que possuímos um prazo de validade”, pois existe um discurso acerca da valorização de um corpo jovem. Cada nova descoberta coloca a mulher diante da possibilidade de permanecer jovem: são produtos e procedimentos estéticos que prometem acabar com as rugas, manchas nas faces e cicatrizes. De acordo com Garcia (2005, p. 26): “[...] cultivar o corpo implica ressignificar o direito à vida. Assim os cultuadores do corpo tentam,

paulatinamente, prolongar a linha do tempo”. A essa ideia de beleza está vinculada a idade. No tocante a isso, Priore (2001, p. 11) nos brinda com suas informações:

Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nosso corpo, da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho. ‘Libere-se’, contrariamente ao que queriam as feministas, tornou-se sinônimo de lutar, centímetro por centímetro, contra a decrepitude fatal. Decrepitude, agora, culpada, pois o prestígio exagerado da juventude tornou a velhice vergonhosa.

Porém, diante de tantos esmeros, como não envelhecer? Talvez o segredo buscado pelos cultuadores da beleza seja “envelhecer bem”, ou até mesmo tentar driblar os resquícios do tempo.

O uso da beleza está presente ao longo dos anos. Características que constituem o “belo” sofrem modificações diante de cada época, de cada cultura. O que intento mostrar nesta seção são os diversos modelos de cuidados ocorridos, praticados e conseguidos no transcurso dos anos e sua importância na construção do corpo da prostituta no exercício de sua profissão, contudo lembrando que o pessoal também está implícito em tais características. Quero reprimir neste fechamento que as profissionais do sexo com as quais lido aqui, em sua maioria, trabalham no Centro da cidade de Fortaleza, participando também de *sites*, onde fazem *strip* diante de uma câmera, em uma sala privada, onde retiram peças de sua vestimenta, podendo inclusive marcar um encontro com aqueles que lhes assistem para um programa sexual. Porém, não irei aprofundar tais argumentações neste momento.

3 CORPOS EM SILÊNCIO: LINGUAGEM EM CHAMAS

Certa vez, sentada folheando alguns documentos que não se relacionavam à minha pesquisa, de repente deparei-me com um pensamento acerca do conceito de educação. É impressionante como a primeira imagem que nos vem à mente é a de uma classe cheia de alunos, professores, mesas e carteiras. Mas será que a educação se limita à escola? Lendo alguns autores que retratam a educação, temos Brandão (1985), quem nos mostra que a educação é todo e qualquer tipo de conhecimento adquirido, transportado pelas nossas vivências em sociedade, sejam elas na escola, na igreja, na rua, em casa, dentro do ônibus, ou seja, estamos constantemente ativos nesses processos. Para o referido autor, a educação acontece a partir do momento em que se observa, entende, imita, aprende, ensina. Libâneo (2002) também nos deixa claro seu pressuposto acerca da educação, que consiste em conhecimentos, conceitos, habilidades, atitudes, crenças e hábitos, os quais nos levam a uma prática pedagógica, mas não unicamente restrita a uma sala de aula, a uma escola.

Dias após a escrita em questão, chegava o horário marcado para mais um dia de observações em meu lócus de pesquisa, alguns cabarés localizados no Centro da cidade de Fortaleza, mais precisamente o “Espaço Show Bar”. Nesse momento, desempenhava mais uma forma de educação, a informal. Porém, quero registrar desde o princípio esse dia de pesquisa de campo. Eram exatamente 17h30, quando eu e uma ex-profissional do sexo, Luciana, que fez parte de toda a minha caminhada por alguns prostíbulos do Centro de Fortaleza, estávamos nos locomovendo a caminho de nosso primeiro destino, o “Cabaré do Edvaldo”. Nunca havia pesquisado nesse local, mas Luciana me relatava casos a respeito desse recinto com tanto entusiasmo que decidi fazer uma visita.

Chegando ao local, estacionamos o carro para então adentrarmos no ambiente. Antes, quero ressaltar que a noite no Centro de Fortaleza não estava tão movimentada, foi aí que aconteceu nossa pequena aventura. Estávamos em dúvida se a casa noturna estaria aberta, pois não presenciávamos nenhum tipo de movimentação no tal lugar. Lá chegando, perguntamos a um rapaz que ajudava nessa parte de estacionamento de carros se o estabelecimento funcionaria. Ele nos garantiu que o “Cabaré do Edvaldo” estava funcionando e que podíamos estacionar o veículo ali, cobrando-nos uma taxa de oito reais (bandeira azul) por isso. Ele até nos deu um papel comprovando que estávamos agindo corretamente para não ocasionar multas. Ao chegarmos em frente à casa, saiu uma moça nos dizendo que o cabaré estava fechado para reformas. Imediatamente fomos atrás do rapaz do estacionamento, quem, no entanto, já havia desaparecido.

A partir de então, decidimos ir à casa noturna “Espaço Show Bar”. Essa funcionava à tarde, estendendo seu horário de atendimento até a noite, diferentemente de outros cabarés que funcionavam apenas no decorrer da noite. Ao adentrarmos, percebi que algumas coisas estavam exatamente como antes, quando da época de minha pesquisa de mestrado. O velho segurança na entrada cobrando um valor simbólico de dez reais, com direito a uma latinha de cerveja. Como se tratava de uma sexta-feira, o movimento estava bom. Porém, algo havia se modificado: a maioria das profissionais do sexo era diferente, o que dificultava meu trabalho, pois teria que passar pelo mesmo processo inicial, aproximação e conhecimento das novas meninas, tendo em vista que, para elas, eu era “carne nova” no pedaço.

Havia ali mulheres para suprir todos os gostos: loiras (menor quantidade), morenas (maior quantidade), altas, baixas, gordas, magras, etc. Todas elas ou desfilando no salão ou acompanhando algum possível cliente, o qual, a título de ilustração, geralmente desfrutava de bebidas alcoólicas (principalmente cerveja). Ao começar tais observações, percebi que o estereótipo das garotas de programa era diversificado: havia tanto corpos ditos naturais – sem nenhuma intervenção cirúrgica – como corpos siliconados. Vale revelar que obtive acesso a essas informações por meio de perguntas às próprias meninas.

3.1 Linguagem corporal

Mais uma vez, a noite estava linda, o que nos convidava para mais uma visita ao Centro de Fortaleza. Como de costume, preferi ir acompanhada aos prostíbulos do Centro. Nesse dia, decidi convidar uma ex-profissional do sexo, já familiar entre nós ou para aqueles que acompanham meus largos momentos de pesquisa, Luciana, que antes usava o pseudônimo de Danny Rios. Decidi convidá-la, pois, mesmo que não estivesse mais nesse ramo, visto que então trabalhava em uma cantina de hospital, sem dúvidas ainda era uma das melhores companhias para esta badalada noite nos cabarés da cidade.

Sobre os sentimentos despertados nessa experiência, é necessário pensarmos que as emoções afloram de uma avaliação parcialmente lúcida de certo acontecimento assistido por um ator provido de sensibilidade própria. Para melhor explicarmos, recorremos aos esclarecimentos de Le Breton (2009, p. 1):

As emoções são pensamentos em ação dispostas num sistema de sentidos e de valores. Enraizadas numa cultura afetiva, elas também se exprimem mediante uma linguagem gestual e de mímica, que pode, em princípio, ser reconhecida (a menos que o indivíduo dissimule seu estado afetivo), pelos integrantes de seu meio social.

A nosso ver, já que nos intitulamos como pesquisadores e estamos estudando a cultura do corpo da dançarina profissional do sexo, é essencial retratarmos a *linguagem corporal*, que está presente em todas as situações do nosso dia a dia, tais como: estender a mão a alguém, arregalar os olhos ou cruzar os braços. Os inumeráveis movimentos corporais empregados nas interações – como gestos, posturas, deslocamentos, etc. – estão enraizados na afetividade individual, por meio de atitudes simples que muitas vezes passam despercebidas em nosso cotidiano. Diante disso, trazemos a importância da linguagem corporal na voz de Matschnig (2015, p. 9):

Nenhuma linguagem humana é tão elementar quanto a nossa linguagem corporal, e nenhuma é tão sincera. Com palavras talvez seja possível enganar ou mentir, mas quem convence com um sorriso forçado? Quer queira, quer não, o nosso corpo revela nossos verdadeiros sentimentos e pensamentos.

A partir da passagem acima citada, pude associar a não revelação dos sentimentos explicitados por uma profissional do sexo. Por exemplo, quando a mesma está retirando tais vestimentas e percorre até a mesa do cliente para instigá-lo, seu olhar, muitas vezes, encontra-se distante. Comprovei essa percepção por meio da entrevista realizada com a referida profissional no lócus de pesquisa. Para demonstrar com mais clareza tal afirmação, exponho adiante as palavras de Sabrina, profissional do sexo:

Quando estou realizando o strip na mesa do cliente, tenho que demonstrar que, no mínimo, estou excitada, gostando da situação, sabe, né? Nós, mulheres, fingimos muito bem, mas posso lhe afirmar que tenho que me esforçar demais, porque minha cara de querer fugir daquela realidade é notória. Imagina um homem acariciando seus seios e você dizendo: 'Isso aí, meu filho, está muito gostoso [risos], mas, na verdade, está uma porcaria.

É certo que é impossível não se comunicar ou não se expressar mediante a linguagem não verbal, como a corporal. Não precisamos utilizar somente a linguagem verbal (aquela que recorre a palavras para a comunicação) para nos comunicar. No prostíbulo, por exemplo, a comunicação não verbal (o código utilizado é a simbologia) é muito mais clara e pertinente. Tal exemplificação pode ser notada no momento em que as prostitutas estão a desfilar nos corredores exibindo-se ou mesmo no momento do *strip*, quando expressam gestos e comportamentos reforçados, às vezes, pelas letras das músicas ou pelo tom da melodia. Sobre o envolver-se com a dança, a *stripper* Juliana deixa sua contribuição:

Através da dança no palco, expresso, através de gestos, muitas vezes, o que quero que o cliente perceba. Tipo, com uma música mais calma, quero demonstrar minha sensualidade; já quando escolho uma melodia mais agitada, para mim significa mais firmeza nos meus movimentos. Temos sempre que, ao escolher o toque, verificar como aqueles movimentos chegarão aos olhos dos nossos

possíveis clientes, pois, através da dança, ocorre o despertar para um programa, por exemplo.

No decorrer da pesquisa, notamos a importância da postura – do comportamento – não somente da prostituta com o cliente, mas também do pesquisador com a profissional do sexo, visto que, ao adentrarmos no território do prazer, não nos identificamos como pesquisadores. Por isso, os indivíduos que se encontravam nesse ambiente, exceto os que já nos conheciam, inicialmente julgavam que éramos possíveis clientes, então, antes mesmo da comunicação verbal com a dançarina profissional do sexo, ficamos em observação, dependendo a linguagem corporal da prostituta.

Nesse momento, tive reflexos de uma memória ocorrida havia algum tempo. Em um certo dia em nosso lócus de pesquisa, uma das dançarinas encontrava-se, como parte do *show* de *strip*, no colo do cliente realizando a linguagem corporal de acordo com a música. Ao contrário de outras cenas por nós presenciadas, a mulher mostrava uma ausência de empolgação no olhar, fato que foi constatado na entrevista que realizei com ela. Em alguns trechos da pesquisa, Samira revela:

O mais difícil para mim, nesta profissão, é ter que fingir que estou excitada enquanto um homem está chupando os meus peitos ou minha xoxota. Aí eu faço logo aquela cara de ‘termina logo’. Já teve outros clientes que até acham que é o homem que não faz o serviço direito, mas, no meu caso, é porque, quando não me sinto atraída, principalmente fisicamente por alguém, não sei fingir que estou gostando, entende?

A linguagem corporal é algo que mostra o que de fato pode ser constatado pelas palavras. Segundo Matschnig (2015, p. 14): “O seu comportamento confirma as suas palavras, transmitindo a mesma mensagem. Ninguém duvidará se você está furioso se bater com o punho na mesa ao mesmo tempo que também expressa verbalmente a sua raiva”.

A constatação das atitudes é confirmada pela fala, porém o contrário não ocorre, haja vista que a linguagem corporal expressa aquilo que realmente a pessoa quis dizer ou fazer, mesmo que diga o contrário por meio de palavras. Por exemplo, muitas vezes a boca e o corpo não estão falando a mesma língua: enquanto a boca transmite uma mentira, o corpo transmite uma verdade.

De acordo com algumas entrevistas realizadas com as profissionais do sexo, algo me chamou a atenção, o fato de algumas prostitutas compararem sua profissão com a de atriz. É possível notar isso de maneira mais clara na fala de Vanessa:

Quando subo aí no pequeno palco, eu viro uma atriz. Me comporto, muitas vezes, de forma diferente do que estou acostumada, pois, na verdade, sou super tímida, mas aqui nessa profissão tem que ser desinibida; se não souber provocar, diminui as possibilidades de fazer um programa.

É notório que as profissionais do sexo utilizam-se não somente de sua desenvoltura corporal, mas sobretudo de vestimentas e acessórios escolhidos e fabricados, não raro, por elas. Geralmente usam roupas que excitam e chamam a atenção do cliente, as quais são minúsculas, sendo retiradas peça por peça até chegar ao corpo nu.

3.2 Um corpo a se pensar

Cada vez mais, é comum pesquisar sobre o corpo. Muitas vezes, por exemplo, de acordo com a visão dos semiólogos, o corpo é visto como um sistema de sinais. O mesmo acompanha nossas vidas como seres carnis (alimentação, sexualidade). Marzano-Parisoli (2004, p. 11) nos assegura que: “Ainda que o corpo seja o substrato carnal de cada pessoa e a sede das experiências individuais, nem sempre ele é aceito em sua realidade orgânica, que se resume essencialmente na sua resistência à vontade de poder”.

O corpo é hoje imaginado da mesma forma de um objeto de representações, de manipulações, de cuidados e de construções culturais e médicas. O que se pode refletir é que, na maioria das vezes, nos submetemos a não agir pela nossa vontade verdadeira, ou seja, temos que nos adequar a um modelo ou uma cultura preestabelecida. Para exemplificar essa passagem, cabe trazer à baila a fala de Bruna: “*Eu sempre gostei de ser gordinha. Os clientes aqui até preferem uma mulher mais carnuda, mas tem outras meninas aqui que fazem regimes loucos para terem aquela ‘barriguinha sarada’, já tem outras que falam que as mulheres magras têm a cara da riqueza [risos]*”.

É interessante essa passagem citada, uma vez que, em uma das observações realizadas no lócus de pesquisa, pude perceber que os clientes frequentemente escolhiam aquelas profissionais do sexo mais “avantajadas” para realizarem um *strip*, ou melhor, as gordinhas. Nesse mesmo dia, escutei na mesa ao lado um cliente elogiando as mais “cheias” e desfazendo-se daquelas chamadas de “magrelas”. Explicito adiante exatamente o argumento do frequentador do lugar junto ao colega que estava a seu lado: “*Ei, cara, só compensa gastar aqui com uma dessas meninas com mais peito e bunda. Essas ‘magrinhas’ eu não faço nem questão de ver nua [risos]*”. Percebi então que o ouvinte mexeu a cabeça de forma positiva, concordando com o argumento de seu interlocutor. Porém, muitas vezes, essas profissionais do sexo rotuladas como “avantajadas” preferem o corpo intitulado “esbelto”. Quanto a isso, Marzano-Parisoli (2004, p. 11) explica: “Ainda que o corpo seja o substrato carnal de cada pessoa e a sede das experiências individuais, nem sempre ele é aceito em sua realidade orgânica, que se resume essencialmente na sua resistência à vontade de poder”.

O corpo é hoje, cada vez mais, arquitetado como um objeto de representações, de manipulações, de cuidados e de construções culturais e médicas. Acerca de uma dessas características, percebi que algumas das profissionais do sexo havia colocado silicone nos seios e realizado o processo de lipoaspiração. Foi possível verificar que os cuidados com o corpo por parte das profissionais do sexo era contínuo. Verifiquei que elas se encontravam geralmente com os cabelos bem arrumados, pele maquiada, cheiro do perfume exalando. Diante dos cuidados com o corpo, existe também o esmero com as roupas, sejam elas para apresentação do *strip*, caso solicitadas, seja para o desfile presente no território do prazer.

Sobre isso, perguntei a Brenda como escolhia suas vestimentas:

Eu gosto de seguir a moda. Por exemplo, essa blusa transparente que estou usando é da Anitta, aquela funkeira que se garante. Já as minhas fantasias para o strip são criadas por mim e minha costureira. As meninas daqui morrem de inveja, porque trago sempre novidades e exclusividades.

Nota-se, a partir dessa passagem, a concorrência entre as prostitutas. Na maioria das vezes ou quase sempre, umas tentam se destacar ante as demais. Explicarei melhor exemplificando através da fala de uma das prostitutas, Luna, quem revela que:

No prostíbulo é assim, nós temos que produzir nossas fantasias ou roupas escondidas, se não chega uma e copia nosso modelito. Acredita que teve uma menina aqui que pegou uma roupa da outra menina escondida para não ter como se apresentar, pois se tratava de um cliente fixo que a outra tomou?

Quando estava lá, pude perceber que, ao chegar no ambiente pela primeira vez, os olhares das profissionais do sexo, quase que por unanimidade, perscrutavam a intrusa. Parecia que estava “invadindo” esse território do prazer, mais conhecido como prostíbulo. Da última vez que estive nesses ambientes de pesquisa, constatei que as profissionais do sexo estavam mais exigentes com relação aos cuidados com o próprio corpo. Por exemplo, notei que a estrutura física das profissionais do sexo era mais “descuidada”, ou seja, não via nem escutava relatos de uma preocupação com o corpo, com o modo de se vestir, com uma alimentação saudável, com a prática de exercícios físicos. Em uma das entrevistas realizadas, Luna disse: “*Gosto muito desse meu corpo meio musculoso, sabe? Treino bastante, tomo umas paradas aí para ver se fico ‘bombada’, mas admito que é muito sacrifício para chegar e manter este corpo*”.

Marzano-Parisoli (2004) defende que um corpo denominado musculoso não é apenas uma vaidade, mas sim considerado um modo mais evidente de um comportamento correto e adequado. É a capacidade de dominação da própria vida. É um ato constante de disciplina, visto que, para se ter um corpo tonificado, é necessária prática contínua de atividades diárias, que, para alguns, é exaustiva. Ainda sobre a questão dos exercícios físicos,

Joana, profissional do sexo, revela: *“Eu não tenho paciência de esperar naturalmente para ficar musculosa, então prefiro utilizar de outros métodos, ou seja, anabolizantes, mesmo sabendo dos perigos que esses trazem”*.

Notei que a maioria das prostitutas desses locais de pesquisa que recorria a anabolizantes tinha a consciência do quanto tais substâncias prejudicam a saúde e de seus efeitos colaterais. Porém, mesmo assim, preferiam arriscar-se; tudo em nome da vaidade. Marzano-Parisoli (2004, p. 31) ressalta que: *“O ideal contemporâneo é o ideal de um corpo completamente enxuto, compacto, firme, jovem e musculoso: um corpo protegido dos sinais do tempo e no qual os processos internos são controlados pelos regimes alimentares, pelo exercício físico e pela cirurgia estética”*. Através da fala da autora e de registros das entrevistas realizadas, é possível perceber que os principais inimigos do corpo ideal são: a gordura, a flacidez e a falta do tônus muscular. Por isso, tantos esforços são realizados durante o processo da busca pelo corpo perfeito.

Outra discussão bastante interessante que é muito comentada por Marzano-Parisoli (2004) relaciona-se aos denominados corpo real e corpo desejado. Esse é construído durante o processo da busca – muitas vezes, incansável – de um corpo que a maioria almeja. Já o corpo real é aquele que se dispõe a ser modificado, o que ainda pretende sofrer modificações para se chegar ao corpo desejado.

Várias intervenções são realizadas até se chegar ao corpo desejado, por não ser possível um corpo perfeito. Para uma das entrevistadas, tudo é válido para se ter um corpo invejável. Ela nos conta que *“faz programas”* para realizar com o dinheiro seus cuidados e modificações corporais. Segundo a mesma, já fez intervenções médicas: como colocar prótese de silicone nos seios. Sobre tais intervenções cirúrgicas, Marzano-Parisoli (2004, p. 32) disserta que: *“Não é coincidência o fato de que a cirurgia estética seja hoje uma indústria multimilionária (Zeisler, 1997) e que cada ano milhões de pessoas se submetem a intervenções cirúrgicas para ‘acabar com seus complexos’”*.

Da modelagem das orelhas de abano à correção de um seio, da lipoescultura da silhueta ao tratamento de rugas, esses foram alguns dos motivos relatados em nossas entrevistas que fizeram com que as prostitutas tenham recorrido a salas de cirurgia. A busca pelo corpo perfeito ocorre tanto dentro como fora do ambiente de trabalho das profissionais do sexo, pois não somente as cirurgias plásticas estão presentes quando se trata de cuidados com o corpo, mas também os esmeros do cotidiano. Sabrina, prostituta, conta: *“Todos os dias tenho uma rotina ao dormir. Quase nunca durmo sem retirar toda a maquiagem; em seguida, uso creme anti-idade, que comprei quando viajei para a França”*.

A entrevistada deixou claro que cuidava de seu corpo não somente por ser profissional do sexo, mas porque primeiramente era uma mulher vaidosa. Ela me confidenciou que já havia feito milhares de loucuras para tentar conquistar um corpo dentro do padrão exigido pela sociedade, por exemplo: tomar limão com água em jejum, ingerir certa quantidade de vinagre e até mesmo ficar um longo período sem se alimentar, todos esses procedimentos em busca do corpo tonificado e da barriga “chapada”. Marzano-Parisoli (2004, p. 35) argumenta que: “Um corpo é apresentado como um objeto a construir segundo a moda, como o revelador de nossa personalidade, como a imagem que os outros encontram e escolhem”. A partir desse instante, regras vão sendo criadas, reformuladas, para o combate de um único inimigo: a obesidade. Mas não me refiro a um corpo tonificado, ou seja, pernã, bundão, mas sim àquilo que muitas vezes incomoda, a famosa barriguinha. Sabrina diz:

Aqui no cabaré, a maioria dos clientes não está interessada em mulheres magrinhas, mas naquelas avantajadas. Pode perceber que, quando se escolhe uma das profissionais do sexo para dançar, fazer um strip, quase sempre as mais avantajadas pegam a vez, mesmo sem saber dançar; somente pelo simples fato de ter ‘corpão’ levam os homens ao delírio.

O resultado dessa construção é a introdução de um novo duelo entre o corpo, sinônimo de materialidade, e a vontade, que representa, ao contrário, o verdadeiro si mesmo de cada pessoa. Ou seja, não raro, modificamo-nos não necessariamente para nos agradar, mas para agradar ao próximo – clientes, no caso das profissionais do sexo – pela figura que temos que ser ou para nos adequarmos a um modelo imposto pela sociedade. No tocante a essa temática, Marzano-Parisoli (2004, p. 47) aponta que:

Parece que são sempre mais numerosas as pessoas que se submetem a regimes alimentares rígidos, a intervenções cirúrgicas contínuas e aos exercícios físicos mais duros. Quase ninguém está completamente satisfeito com seu aspecto físico e muitas pessoas estão prontas a fazer tudo para modificar seu corpo e poder assim esperar conquistar amor, sucesso e felicidade.

Porém, devemos compreender o caso de muitas pessoas passarem dos limites acerca dessa busca de corpo ideal. Exemplificando o que foi dito anteriormente, dietas rígidas são bastante comuns, cirurgias plásticas exageradas, seios muito grandes que prejudicam a coluna, enchimentos labiais, enfim, procedimentos que, no mais das vezes, causam uma desproporção; entretanto, temos que considerar que cada um é dono de si, do próprio corpo, exercendo sobre ele poder absoluto. Trago à baila mais uma citação de Marzano-Parisoli (2004, p. 47) a respeito dessa temática: “[...] cada um, sendo o único juiz do que ele quer para si mesmo, pode fazer do

seu corpo o que quer: tatuar-se, treinar, submeter-se a uma intervenção cirúrgica qualquer, mudar de sexo, seguir os regimes alimentares mais rígidos”.

Então, o corpo, sendo considerado belo ou mesmo ridicularizado, o que se tem ao certo é o fato de que cada um faz dele o que melhor lhe convier. Porém, conforme já aventado, o sujeito não faz isso somente para agradar a si, mas também ao outro, com o intuito de fazer o outro sentir desejo pelo que está vendo; isso acontece muito nos ambientes aqui pesquisados, cabarés. Algumas profissionais do sexo retratam muito a questão de sentirem-se desejadas, conforme a fala de Sandra: *“O que eu mais gosto é quando o cliente paga pelo meu programa, sabe, alguém pagar porque está, de certa forma, lhe desejando. A gente dança, provoca toda aquela sensualidade, e eles lá com os olhos vidrados, e as outras prostitutas, algumas, né, morrendo de inveja”*.

Sobre a questão acima suscitada, cabe mencionar o posicionamento de Marzano-Parisoli (2004, p. 124), quem afirma que: *“O desejo sexual se realiza então através do corpo e só se consuma quando se chega a encontrar/apropriar-se do corpo da pessoa desejada”*. Então, quando um possível cliente chega ao cabaré, ele se sente atraído pelo corpo, pelo jeito de se expressar, ou seja, pela linguagem corporal da profissional do sexo; submete-se, em seguida, ao preço solicitado por ela a fim de ter para si aquele objeto de prazer desejado. Então, o desejo altamente carnal se manifesta, comportamento que se materializa em uma fala escutada dentro dos prostíbulo pelos clientes: *“Carne nova no pedaço”*, o que retrata que a maioria dos clientes enxerga as profissionais do sexo, por vezes, como pedaços de carne, objetos simplesmente de uso sexual. Por outro lado, há aqueles que se envolvem sentimentalmente com as prostitutas, que se tornam, até mesmo, clientes fixos, namorados ou maridos. Há também aqueles que buscam os prostíbulo para simplesmente conversas informais. Quanto a essa temática, Dani, garota de programa, exemplifica:

Aqui temos de tudo. Muitos clientes vêm mesmo para foder e pronto. Outros só querem uma companhia para beber e mostrar que é o foda e que está cercado de mulheres; eu peço logo a bebida mais cara, porque uma parte é do bar e a outra é minha. Clientes se apaixonam por mim; estou namorando com um coroa de outro país; ele me dá tudo do bom e do melhor; não exigiu que eu saísse dessa vida. Mas o mais interessante são aqueles que vêm somente para desabafar, falar de seus problemas familiares. É aí que chego à conclusão de que sou muito mais do que uma simples garota de programa, sou mulher, sou psicóloga.

A maioria daqueles que nunca entrou no ambiente do prazer tem em mente que os homens só frequentam esse território para usufruir do corpo da prostituta, porém, quando tive a oportunidade de pesquisar nesse recinto, pude notar e constatar o que foi dito anteriormente pela profissional do sexo. Quanto àqueles que vão com o propósito exclusivo de se

apoderarem dos corpos das profissionais que ali trabalham, cabe trazer à baila alguns acontecimentos ocorridos nos programas segundo as próprias pesquisadas. Sabrina, por exemplo, argumenta:

Aqui, tem todo tipo de homem. Certa vez, em um dos meus programas, um rapaz disse que queria que eu mijasse em cima dele e que depois iríamos fazer sexo com esse mal cheiro de xixi [risos]. Outro pediu que eu ficasse de quatro, pois iria bater no meu bumbum; então fiquei na posição que ele queria, mas não tinha a noção que ele iria bater tão forte. Na mesma hora, eu pedi para parar e encerrei o programa, pois já tinha a experiência que aquele sexo seria violento.

Diante de tal fala, algumas fatos precisam ser desmistificados, a exemplo daquele que sugere que o cliente pode fazer tudo que deseja e de qualquer forma unicamente por estar pagando, o que não é verdade, conforme vimos na fala acima, tendo em vista que as profissionais do sexo também têm seu respeito pelo próprio corpo. É comum a velha história do controle do corpo. Marzano-Parisoli (2004, p. 135) argumenta que: “É através da dor que o sádico espera animar o corpo do outro, obrigando-o a ser submisso a suas próprias fantasias: o corpo desejado não é um verdadeiro objeto do desejo, mas é sobretudo um objeto a controlar”. A autora reflete sobre a questão do masoquismo, do corpo-instrumento, que possui aquele desejo de olhar e contemplar-se naquilo que está vendo; e que também tem um desejo maior de tornar-se um corpo-instrumento da outra pessoa.

Como se trata da questão “corpo”, é interessante destacarmos duas definições que podem se confundir, a distinção de pornografia e prostituição. Essa converte em dinheiro o próprio ato sexual, troca de favores. Já a pornografia é assim conceituada por Marzano-Parisoli (2004, p. 137): “A etimologia da palavra pornografia vem do grego *porné*, que significa prostituído, e *graphein*, descrever. A pornografia converte em dinheiro a incitação ao ato sexual, dando a seu cliente oportunidade de ver, pelo texto ou pela imagem”.

É possível afirmar que a prostituição está próxima da pornografia, na medida em que tanto a finalidade de uma como da outra é o comércio do ato sexual, mesmo sabendo-se que, muitas vezes, as fotos ou vídeos podem não remeter à mesma pessoa. Por isso, a maioria dos clientes prefere ir ao prostíbulo e ver, no chamado ao vivo, as profissionais do sexo. Lembramos que Danny, antes de ingressar nesse território do prazer, utilizava-se de *sites* para “provocar” o possível cliente:

Antes eu fazia o strip pela webcam. Eu conversava nas redes sociais com o cliente e, de repente, ele me chamava no privado, lá eu fazia aquele show de sensualidade, então o cliente pagava para sair comigo. Porém, eu prefiro fazer programa dentro do cabaré, que tem uma espécie de proteção, porque a prostituição de rua ou do jeito que eu fazia é muito perigosa.

Ela revelou que certa vez havia sido solicitada para fazer um programa no apartamento de um cliente que a estava contratando pela primeira vez. Chegando lá, parecia tudo perfeito, praticaram o ato sexual, mas, quando chegou no final, na hora do pagamento, ele apontou um revólver para ela. Danny contou que ainda não havia nem se vestido, quando viu-se obrigada a sair correndo nua porta afora para salvar a sua vida. Foi após esse acontecimento que ela decidiu trabalhar dentro do cabaré.

Ao mesmo tempo que no prostíbulo pode haver concorrência e disputa, pode haver também aquela atitude de “irmandade”, de uma proteger a outra. Exemplificando, certa vez, em uma de minhas visitas, mais precisamente na primeira observação, por sermos, Danny e eu, consideradas “carne nova no pedaço”, chamamos a atenção de vários clientes, o que fez com que automaticamente as profissionais do sexo informassem aos interessados que não fazíamos programa, que não nos perturbassem.

É certo que cada um faz o que quiser do seu corpo, mas o fato de se prostituir não dá ao cliente o direito de apropriar-se de forma indevida do corpo da profissional contratada. Marzano-Parisoli (2004, p. 181) ressalta que: “O corpo está, portanto, disponível, mas sua disponibilidade não implica a possibilidade de violá-lo”. Então, mesmo que o cliente esteja disposto a pagar pelo “produto” (corpo), isso não lhe dá o direito de usufruir de forma negativa do corpo da profissional do sexo.

Algo muito interessante e perceptível de se entender ocorreu em um episódio que aconteceu durante uma de nossas observações no lócus de pesquisa. Durante o *strip* pago por certo cliente, a profissional do sexo ficou no colo dele, que começou a fazer sexo oral nela e fazer-lhe carícias nos seios; ela, enquanto isso, conversava conosco, que estávamos atrás desse cliente, de frente para ela. A profissional mostrava no rosto e nos demais gestos sua total falta de envolvimento na ação consumada pelo cliente. Quanto a tal fato, cabe dizer que, para a maioria dos clientes, isso não importa, pois estão focalizados nas partes sexuais da prostituta. No tocante a esse assunto, Marzano-Parisoli (2004, p. 138) pontua que: “O olhar está focalizado nas partes sexuais do corpo. O rosto e a expressividade do outro não são levados em conta. Os olhos e a boca não têm mais nenhuma importância”.

É exatamente essa dissimulação que se torna muito frequente dentro do prostíbulo, visto que não são apenas as palavras, mas o corpo, as atitudes e as posturas que primeiramente evidenciam a presença do outro na interação. Nessa perspectiva, Le Breton (2009, p. 40) ressalta que:

Quando diz que alguém ‘fez um gesto’ em favor de um adversário ou de uma causa particular, entende-se que este gesto não se reduz a uma pura gesticulação

desprovida de sentido, entende-se que ele desempenha uma função significativa, participando do efeito simbólico que preside qualquer ação: mover o mundo mediante os símbolos.

O interessante é o controle corporal para o não envolvimento sentimental, pois ainda há a orientação de que não é muito interessante para a profissional do sexo o envolvimento sentimental com o cliente. Entretanto, tive ciência de muitos casos que comprovam já ter havido a relação sentimental entre prostituta e cliente, conforme nos revela este relato de uma das garotas:

Se apaixonar por um cliente é um problema. Tento ao máximo evitar, mas isso é coisa que fica difícil de controlar, ainda mais quando estamos carentes, quando aparece uns que sabem fazer bem gostoso, podendo até a gente deixar rolar o programa sem pagar, então aí torna-se complicado, pois fico no prejuízo financeiro e sentimental.

Apaixonar-se é um papel difícil a ser encarado pela profissional do sexo, sendo considerado o amor além do desejo. “Mesmo que o amor se desenvolva muitas vezes bem além do desejo e é capaz de transformar-se cimentando-se na confiança, na ternura e na cumplicidade, só o desejo nos permite estar presentes ao outro e gozar de sua presença encarnada” (MARZANO-PARISOLI, 2004). Com relação ao que se diz sobre o desejo e o amor, a autora Marzano-Parisoli (2004, p. 130), citando Lacan (1966, p. 814), aponta que:

O desejo é, de fato, a ‘metonímia do ser’, ele não provém da necessidade, falta objetiva, ou da demanda, mas toma lugar entre elas. Pedindo ao outro que cumule o que ele não tem, o sujeito faz a experiência de estar em falta e de não reclamar o objeto, mas o amor, isto é, a possibilidade de cumular uma necessidade, mas sem alienar-se totalmente na dependência do outro.

A linguagem através da comunicação implica tanto a palavra quanto os movimentos do corpo e a utilização pelos atores tanto do espaço quanto do tempo. Por conseguinte, no lócus de pesquisa, notei a presença maçante do comportamento não verbal. Essa forma de linguagem, por sua vez, consiste nas várias maneiras de expressão que não utilizam palavras ou que não recorrem à linguagem escrita, como posturas corporais e dinâmicas físicas que são inconscientes. Também torna-se claro que não é porque não exista uma linguagem verbal que não ocorram interações, conforme aponta Le Breton (2009, p. 42):

Os movimentos do rosto e do corpo formam o terreno de metamorfoses espetaculares e permanentes que, no entanto, empregam modificações íntimas de disposição. Eles se tornam facilmente uma cena na medida em que merecem a leitura dos sinais que revelam a emoção e o papel desempenhado na interação.

O corpo fala sem a necessidade de uma linguagem verbal. É justamente através desses gestos que há claramente a comunicação ou interação entre os corpos. Por exemplo, na

medida que a profissional do sexo “provoca” seu possível cliente no *strip*, já existe uma significação, através da música, da coreografia e das vestimentas escolhidas para o momento da apresentação, por exemplo. Ficamos diante das intenções e significações que esse corpo quer reproduzir. Vale ressaltar que a pessoa que provoca tal interação tenta repassar o que deseja, porém os receptores (clientes) possuem os mais diversos entendimentos. Joana, prostituta, exemplifica melhor tal comportamento:

Muitas vezes, a gente quer fazer uma apresentação mais provocativa, inserimos passos, movimentos para prender a atenção dos clientes, mas eles entendem de outra forma, acham que o mais importante aí é logo retirar as peças e ficam fixados apenas em nossas partes íntimas, aí pergunto-lhes: ‘Para que servem as coreografias?’.

Então, pode-se entender que os gestos, as mímicas, as posturas, os deslocamentos exprimem emoções, desempenham atos, acentuam ou nuançam o discurso, manifestando significações em permanência, para si e para os demais. A face e o corpo entregam-se à compreensão daqueles que os notam diante de sinais que os atravessam. Sendo assim, é possível concluir que não existe a separação do processo corpo-linguagem. Essa, como já apresentado, dita verbal ou não verbal. Indissociáveis no momento das interações, eles formam dois sistemas de sinais que concorrem simultaneamente para a transmissão de sentidos.

Durante todo o percurso no lócus de pesquisa, notei a presença significativa da linguagem através dos gestos, na qual a sensualidade é transferida e utilizada nos movimentos de prazer, principalmente no que diz respeito ao *striptease*. A linguagem verbal, para existir, necessita do corpo, porém esse não necessita desse tipo de linguagem, apesar de estarem entrelaçados. Le Breton (2009, p. 45) explica que: “Ainda que o simbolismo corporal desenhe um sistema de comunicação, um vínculo entre o eu e o mundo, a consciência própria, ela se distingue da língua, pois seu funcionamento não solicita a dupla articulação característica da linguagem”. Em outros termos, a língua se constrói mediante a sistemática combinação dos sons (linguagem verbal), porém também no corpo, na magnitude dos movimentos, em sua forma, na distância que separa os interlocutores ao falar (através de gestos), na forma de revelar as emoções, nas posturas. Sendo assim, Le Breton (2009, p. 51) disserta que: “Nem as gestualidades, nem as mímicas ou tampouco as posturas de movimentação são isoláveis do sistema global de comunicação, o qual igualmente a língua, os silêncios, a tonalidade da voz, a distância da interação, a relação com o espaço e com o tempo”.

As características no trecho citado encontram-se conjugadas. Apesar de se tratar das exemplificações de linguagens verbais ou não verbais, todas são modelos de comunicação, ou seja, o corpo fala em todos ou em qualquer sentido. Porém, podemos nos

questionar quanto à polissemia no que diz respeito à linguagem não verbal, por exemplo, o comportamento de uma determinada pessoa nem sempre condiz com o que poderia ser confirmado através da fala. É certo que a linguagem corporal traz diversas mensagens que podem ou não coincidir com a veracidade a ser imposta. Para melhor compreensão, trago à colação o discurso de Joana, dançarina de boate:

No momento da dança, ou melhor do strip, muitas vezes, estou com problemas em casa, aí, quando subo no palco, tenho que mostrar total empolgação, afinal dependo daquilo, ou seja, mesmo me sentindo mal por dentro, tenho que transparecer uma sensualidade que, muitas vezes, é impedida ou bloqueada pelas minhas tristezas.

No dia em que coletei tal discurso, só percebi que Joana estava tendo problemas pessoais quando ela me confidenciou, pois, até então, no momento da dança, ela mostrava-se deslumbrante, não perdendo sua sensualidade, característica forte de sua personalidade. Sobre isso, Le Breton (2009, p. 52) aponta: “A cada instante, mesmo sozinho, os indivíduos difundem informações suscetíveis de serem recolhidas e analisadas. Não se pode não comunicar, ou seja, cessar a produção de signos dotados de sentido para aqueles que os recebem”.

Em contrapartida, existem aquelas que não conseguem disfarçar suas emoções, as quais, mesmo calando-se, desviando o olhar ou fingindo não haver entendido o convite, apresentam no rosto e no resto do corpo expressões de nervosismo, de enfado, de desprezo, de cólera, enfim, gestos de impaciência. Como tal exemplificação, cabe trazer o depoimento de Bia:

Não consigo fingir, é fato. Quando discuto com meu namorado, eu não sou mais aquela mesma pessoa em cima do palco, isso mexe extremamente comigo, o meu lado sentimental. Nesses dias, eu subo no palco, mas fico logo preocupada e me perguntando: ‘Será que ele me ligou ou mandou mensagem?’. Essa é uma preocupação tão forte que está nitidamente estampada em meu olhar.

Le Breton (2009, p. 53-54) destaca que os gestos estão intimamente ligados à cultura, visto que possuem seus diferentes significados: “Nenhum gesto, postura ou mímica reenvia a um significado simples e imutável cuja razão de ser decorre da própria história natural. Além das variações sociais e culturais, até as diferenças individuais de estilo adquirem neste ponto uma importância decisiva”.

Então, é possível também ressaltar que um mesmo gesto é visto de forma diferente em certos lugares, assim como traz diferentes significados. Mas, não podemos deixar de destacar que um mesmo gesto é de igual significado em todos os lugares. Por exemplo, o polegar voltado para cima, significa legal, ou mesmo fazer movimentos soltando os lábios significa um beijo. Podemos perceber, diante do conjunto de gestos aqui

apresentados, um dos mais conhecidos e que não deixa de existir dentro dos prostíbulo: o gesto do carinho; essa aproximação não só descompromissada, mas a mais perigosa nesse ramo: a paixão na via de mão dupla entre o cliente e a prostituta, manifestação de sentimento, aliás, muito enfatizada pelas entrevistadas deste estudo.

Podemos prosseguir com Le Breton (2009, p. 111), que manifesta que “[...] ocorre que o estado afetivo em que o grupo se encontra reflete as circunstâncias que ele atravessa”, aí se dá margem à pergunta mais polêmica que pude presenciar nas idas e vindas aos cabarés: “A profissional do sexo se apaixona ou o corpo é exclusivamente um mero instrumento de trabalho?”. Esse cuidado com corpo não se vincula unicamente ao esmero de seu uso fisicamente, mas além disso, volta-se ao corpo apaixonado ou apaixonante.

O problema de a profissional do sexo se apaixonar pelo cliente radica-se no fato de que, na maioria das vezes, não existe reciprocidade em tal sentimento, o que faz com que a prostituta se resguarde. Sobre isso, Le Breton (2009) defende a ideia de que as decisões, mesmo as mais racionadas ou mais “frias”, envolvem a afetividade. O autor insiste:

Seu processamento envolve sentimentos, o que diferencia o homem do computador. O coração e a razão, longe de se dispersarem, entremeiam-se de forma necessária, influenciando-se mutuamente. Assim, o indivíduo consegue por vezes ‘racionalizar’ em parte sua afetividade ao perceber, por exemplo, quanto ela o prejudica. (LE BRETON, 2009, p. 112).

A passagem acima reafirma, em parte, o que de fato na maioria das vezes acontece: se a profissional do sexo apaixona-se pelo cliente, significa prejuízo, pois não mais cobrará por aquele programa. Entretanto, há muitos casos expostos em que o cliente dá muito mais, em termos financeiros, do que se a mesma estivesse realizando seu ato sexual, conforme posicionamento de Joana: “*Eu tento ao máximo não me apaixonar, porque sei que é prejuízo na certa, pois, quando me apaixono, não quero deixar que ele pague o programa, aí essas coisas do coração, às vezes, não dá para controlar, mas tento sempre, na maioria das vezes dá certo*”.

Em contrapartida, Vanessa, outra profissional do sexo, mostra completa incompatibilidade entre seu trabalho e a manifestação de afetos e sentimentos passionais por seus clientes:

Eu sou totalmente racional, estou ali para ganhar meu dinheiro e pronto. Finjo que me envolvo, que estou gostando, mas é tudo cena para atrair, principalmente os carentes. Sou até psicóloga. Amor por prostituta? Mas quem vai levar uma prostituta a sério de verdade? Pode ser que este seja meu elemento de defesa, sei lá.

De uma forma ou de outra, as emoções sejam positivas ou negativas, estão presentes no cotidiano das pessoas de forma geral. Acerca dos sentimentos emotivos, Le Breton (2009, p. 117) possui uma explicação coerente:

As emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes.

Então, podemos perceber que a cultura da “prostituição”, muitas vezes, desvincula-se da questão do amor, passando a se tratar de algo puramente carnal, corporal. Por essa questão, algumas profissionais do sexo nos relataram que não existe um interesse amoroso verdadeiro delas relacionado a seus clientes, ou vice-versa. Entretanto, cabe suscitar o fato de que uma das profissionais entrevistadas nesta pesquisa conseguiu durante muito tempo desassimilar esse propósito, visto que atualmente tem relacionamento fixo com um ex-cliente seu e hoje atua na área hospitalar, trata-se de Danny Rios. Por isso, a importância que se dá às emoções depende dos autores que as manifestam. Le Breton (2009, p. 118) reafirma que:

De certa maneira, a emoção é indicada pelo grupo, que dá certo grau de importância a alguns fatos. Sua emergência, intensidade, duração, suas modalidades de aplicação, seu grau de incidência sobre os outros, respondem a incitações coletivas variáveis de acordo com o público e a personalidade dos atores solicitados.

O que também temos que levar em consideração é que as emoções não são fixas, conforme ventilado anteriormente; por exemplo, o depoimento de uma das profissionais do sexo diz respeito a ter uma postura essencialmente racional, porém essa mesma profissional, com o tempo e os acontecimentos ocorridos em seu âmbito pessoal, pode modificar essa visão. A respeito disso, Le Breton (2009, p. 118) discorre que:

Existe um trabalho do tempo e da memória sobre essas emoções, um trabalho de significado, que leva, por vezes, à modificação da forma como um acontecimento é experimentado. Isso ocorre quando o sujeito se depara com novo testemunho dos eventos, o que faz tomar repentinamente consciência de um fato inicialmente despercebido.

O trecho condiz com algo que naturalmente poderá vir a acontecer, por exemplo, tal prostituta pode não acreditar que exista o interesse além do carnal do cliente pela profissional do sexo, porém basta ela presenciar que uma outra colega de profissão tenha conseguido se envolver sentimentalmente com o cliente para, a partir daí, abrir-se à possibilidade da visão que não acreditava, chegando a pensar que de fato isso pode ocorrer

com ela e que não redundará em prejuízo, pois a possibilidade de tal indivíduo assumi-la e retirá-la da chamada “vida fácil” se converterá em um ganho.

Por isso, geralmente quando a profissional do sexo não somente usa seu corpo para o prazer, colocando-o também em cena sentimentalmente, fica visível por meio de seus comportamentos. Cíntia, a mais novata das prostitutas deste estudo, assim se posiciona a respeito desse fato: “*Quando estou apaixonada e é recíproco, fico com um sorriso tão grande no rosto, alegre, inspirada. Minhas companheiras de profissão já notam que existe uma pessoa por aí [risos]*”.

Obviamente que a leitura dessa informação varia do recebimento da mensagem. “A comunicação ou compreensão dos gestos é obtida pela reciprocidade de minhas intenções e dos gestos do outro, e das intenções identificáveis na conduta do outro” (LE BRETON, 2009, p. 117). Antes da paixão propriamente dita, existe a paquera, então o possível relacionamento se mantém primeiramente na idealização para depois vir a concretizar-se por meio da relação sentimental. Le Breton (2009, p. 118) assegura que: “A afetividade relaciona-se com o sentido, ela não finge suas raízes apenas na concretude presente de uma situação; ela pode antecipar um acontecimento e assim misturar-se ao imaginário ou fantasias, os quais igualmente produzem emoções reais”.

Com isso, ocorre a projeção do tempo, a ansiedade para que as coisas aconteçam. Essa projeção representa, para melhor ou pior, um laboratório de emoções. E a tão grandiosa vontade de dar certo é, por vezes, frustrada, podendo não ser exatamente o que pensamos ou esperamos. Sobre isso, trago adiante uma confissão de Cíntia:

Certa vez, pensei que o cliente estava apaixonadíssimo por mim; ele dizia e demonstrava. Me sentia uma mulher de família, onde o namorado sempre iria visitar, até que um dia ele sumiu, não atendia minhas ligações. Mas um amigo dele disse para mim que ele havia comentado: ‘Tu é doido, cara, namorar com prostituta? Com elas só nos divertimos até cansar; eu cansei’. Nossa, foi mesmo que ter me dado um tapa na cara!

Ainda bem que, não raro, o tempo não contribui para a conservação da emoção. Hoje Cíntia já superou esse acontecimento, fato constatado em sua própria declaração na entrevista, como também em seus comportamentos. Aquela velha e conhecida história de que “o corpo fala”: “O indivíduo reage à situação com uma série de modificações fisiológicas e psicológicas, expressando-se por mímicas, gestos, atitudes, palavras que manifestam socialmente a influência da emoção que o tomou” (LE BRETON, 2009, p. 120).

Mesmo que saibamos que se podem camuflar certas verdades, por exemplo, um indivíduo pode muito bem estar “sofrendo de amor” sem demonstrar sinais visíveis disso, é

possível identificarmos alguns sinais que provam o contrário. No caso de Cíntia, constatei tal realidade vivenciada pela profissional do sexo pelo fato de ela habitualmente se mostrar bastante extrovertida em seu comportamento, atitude que se modificou em dado dia em que percebi nela a manifestação de alguns sinais de tristeza e falta de empolgação. Le Breton (2009, p. 120) destaca que: “Não é a natureza do homem que se exprime através delas, mas a situação e a existência social do sujeito. Elas se inscrevem sobre uma teia de significados e de atitudes que prescreve aos indivíduos as formas de descrevê-las quanto às maneiras de exprimi-las fisicamente”. Por outro lado, temos que nos orientar de que a emoção não é um reflexo afetivo originado imediatamente das circunstâncias, ela procede de uma implicação pessoal que reage através de suas perturbações.

Então, podemos perceber que, lá no pequeno palco onde a profissional do sexo encontra-se, existe uma espécie de jogo de conquistas e insinuações que pode ser comparado a um teatro corporal. Le Breton (2009, p. 142) considera que:

Toda a arte do ator repousa justamente na facilidade de fingir emoções ou sentimentos que não sente, oferecendo ao público um repertório de sinais facilmente reconhecíveis. Mas essa competência para fingir astuciosamente transpassa a cena do teatro, invadindo a vida cotidiana e a comédia humana.

Não obstante, diante disso há o perigo de, muitas vezes, não se conseguir dissimular tal situação, entrando em dissintonia com o que de fato se está sentindo, já que o indivíduo não tem a intenção de expor-se e pretende transparecer ao público uma série de sinais que exprimem divergentes situações. Ao menos que, por outro lado, já se tenha revelado ou tenha conhecimento da verdadeira face do ator. Por exemplo, uma profissional do sexo tem amizades constantemente com outra por compartilharem espaços de trabalho, então consequentemente saberá quando sua colega manifesta atitudes que denotem hipocrisia. Com relação a isso, apresento adiante a fala de Joana:

Somos, muitas vezes, atrizes. Aqui é o nosso espetáculo. Eu sei exatamente o que cada uma finge, tenho experiência com isso, principalmente quando é pago pra dançar na mesa daquele cliente, dá para perceber quando se está ali obrigada. Podemos maquiar o rosto, mas não a alma.

Assim, fica claro que as garotas tentam não demonstrar sua decepção com uma proposta em termos esperados, tentando não manifestar seu aborrecimento e buscando utilizar a paciência necessária para com o cliente naquele instante, principalmente por seu trabalho, prostituição, está relacionado à quantidade, não à qualidade. Então, o homem é o seu corpo. Conforme Le Breton (2009, p. 165) explica: “O corpo é um dado socializado e semantizado, ele não se insere no mundo como uma faculdade *a priori* de deciframento dos enigmas que o

mesmo lhe propõe. As funções corporais ou afetivas que sustentam a existência social do indivíduo são inatas”.

Podemos afirmar que cada indivíduo interioriza e reproduz a linguagem corporal de acordo com sua personalidade. Comportamentos, mesmo sendo teatrais, são oriundos do eu, esse expressado de diferentes maneiras. Levando-se em conta que a profissão das prostitutas é exclusivamente relacionada com o corpo, intercalada com a atuação, é de extrema importância que o rosto e o corpo estejam em equilíbrio, pois esses constituem a leitura tanto dos sinais que dizem a emoção quanto a função assumida na interação. Então, a profissional do sexo, quando está no seu “papel de atuação”, terá que obter esmero, porque o indivíduo jamais controla totalmente aquilo que exibem seus traços ou suas atitudes. Sobre isso, Le Breton (2009, p. 241) discute que:

Tampouco é da natureza do olhar alheio separar o joio do trigo, extraindo a verdade expressiva que o indivíduo possa deixar escapular: ele está exposto à ambiguidade, aos mal-entendidos oriundos da projeção imaginária de outrem sobre os sentimentos que supostamente tentou dissimular ou que sem querer demonstrou.

A leitura desse corpo, ou seja, a interpretação que se é dada para o cliente, poderá ser assimilada da maneira real ali existente. Percebemos muito isso no momento do *strip*, circunstância em que a profissional do sexo, mesmo não gostando ou não se envolvendo com a situação, tem que demonstrar total empolgação em retirar peça por peça de sua vestimenta, para assim o cliente excitar-se e possivelmente solicitar um programa. Acerca disso, Priscila afirma:

Certo dia, estava aqui no cabaré, quando um sujeito muito feio, mas muito feio, me puxou e solicitou que eu dançasse em sua mesa; respirei fundo para sentir ou fingir aquele desejo e deixar transparecer. Sentei no colo dele, deixei ele me tocar, mas aí que veio minha imaginação, tentei pensar em um outro homem bem gostoso e daí deu certo [risos].

É importante ressaltar, contudo, que mesmo as ações mais racionais ou mais frias envolvem a afetividade. O indivíduo consegue racionalizar, em parte, sua afetividade ao perceber que pode estar sendo prejudicado de alguma forma. Sobre essa afirmação, Sabrina revela: “Fui fazer um programa, preservando o descompromisso, porém, no momento em que estava no final do programa, já senti aquela saudade, vontade de reviver aquilo tudo, mas, como se apaixonar por um cliente é prejuízo, logo liguei a função ‘fora sentimento’”.

Porém, podemos perceber que o indivíduo não fica submisso a esse sentimento, haja vista que poderá também reconhecer que certo ato de “paixão” não dará certo, ao mesmo tempo que pode levá-lo adiante, sendo nesse exato momento que se vê presente o verdadeiro querer. Le Breton (2009, p. 112) suscita que: “A afetividade é um pensamento em movimento

que não exaure o *cogito*: sua emergência também depende de mecanismos inconscientes. É possível controlá-la, ou, ao menos, influenciar sua expressão a fim de propiciar um ajustamento mais favorável às circunstâncias”. Tratando-se disso, podem-se camuflar os sentimentos. Para reafirmar o que foi dito, cabe trazer o depoimento da profissional do sexo Joana:

Certa vez, me apaixonei por um cliente. Ele me tratava muito bem, sempre me acordava com um ‘bom dia’, dizia que estava com saudades, mas, quando ele chegava no cabaré, eu estava sempre com outro cliente; então, ele olhava de uma forma como quando uma pessoa tem ciúmes. Eu tinha que disfarçar e não mostrar que estava ‘doidinha por ele’ [risos].

Tentar camuflar ou disfarçar um sentimento não é fácil, visto que estamos cientes de que o “corpo fala”. Porém, pode-se afirmar que cada comportamento realizado depende do contexto histórico do indivíduo. Le Breton (2009, p. 117) diz que:

As emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes.

Nessa perspectiva, a expressão está ligada à própria interpretação que o indivíduo faz do acontecimento que o afeta moralmente, chegando a modificar sua relação com o mundo nem que seja por alguns segundos. Diante disso, é importante ressaltar que a comunicação ou compreensão dos gestos é permitida através da reciprocidade de minhas intenções e dos gestos do outro, dos meus gestos e das intenções identificadas na conduta do outro. Então, o que podemos perceber acerca dos estímulos afetivos varia de acordo com a leitura corporal do espectador. Le Breton (2009, p. 118) leciona que: “A afetividade mistura-se a acontecimentos significativos da vida coletiva e pessoal, implicando um sistema de valores posto em prática pelo homem e uma interpretação dos fatos conforme uma referência moral”. Mas pode-se compreender que a emoção não é fixa, e sim diluída no tempo, que vai se alterando de modo dependente da vida pessoal, como exemplo temos a fala de Sabrina, profissional do sexo: “Teve um certo cliente por quem eu era muito apaixonada. Porém, no decorrer do tempo, fui perdendo o interesse por ele, pois descobri que ele estava conhecendo uma outra mulher, mas ele ainda fazia juras de amor para mim. Ainda bem que saí dessa [pensativa]”.

O apaixonado pode arrebatarse de felicidade ao pensar nas horas que irá passar na companhia de sua namorada. O imaginário projeta significado sobre o acontecimento futuro e fabrica antecipadamente uma emoção que repercute fortemente sobre o momento presente. Muitas vezes, contra sua própria vontade acontece o embate paixão *versus* razão.

Não se pode esquecer de que os gestos e mímicas que provocam a fala do corpo dependem do determinado local em que o grupo é inserido, isto é, o mesmo gesto pode ter significados diferentes em razão da cultura do lugar, por exemplo. Trago a comento, neste exato momento, um fato ocorrido em uma das entrevistas realizadas nos prostíbulo, quando um grupo de gringos compreendeu a atitude de umas das profissionais do sexo de forma diferente. No momento do *strip*, a dançarina fez um movimento que, no país dos possíveis clientes, significava outra coisa. Um desses estrangeiros correu imediatamente para o pequeno palco, pois achava que a prostituta havia lhe convidado para praticar o ato sexual ali mesmo.

Outra situação envolvendo indivíduos de outros países foi a discussão acerca da beleza natural, ou seja, a busca pelo não comum, ou melhor, por aquilo que não se encontra ou dificilmente se encontra dentro dos prostíbulo. Como mesmo definiu um dos clientes que havia sentado na mesa ao nosso lado: “*As meninas aqui são muito plastificadas, é batom, é maquiagem pesada, são bombadas, peitos siliconados, cabelos tingidos. Fico pensando que a busca pelo natural deixou de ser natural*”. Essa última expressão foi muito bem colocada pelo cliente, a qual reflete bem o estudo aqui empreendido acerca do corpo da prostituta: “[...] *a busca pelo natural deixou de ser natural*”. Considero essa passagem como um esforço de compreensão, um trabalho pessoal para apresentar-se favoravelmente. Simultaneamente há o discurso contrário ao do cliente realizado por Sabrina:

Esse gringo aí vem para o lugar onde a bunda é vista como um pré-requisito para ser gostosa. Ele está fazendo o que aqui? Gosto mesmo, sou vaidosa. Adoro passear nas ruas e ver aqueles olhares de desejo. Não necessito ser prostituta, não, além de ganhar um extra, tenho o prazer de ver alguém pagar pela minha beleza, enquanto muitas fazem gratuitamente. Com o dinheiro do programa, invisto no meu corpo e todos saem felizes [risos].

Na voz da entrevistada, fica claro que o templo (corpo) bem cuidado é exaltado pela profissional do sexo. Dificilmente seria diferente, pois é o objeto de trabalho dessa profissão. Só o que muda é a interpretação ou a opção do cliente, ou seja, será que seria mais interessante um corpo bonito aos olhos ou o mais excitante seria o que fazer com esse corpo? Sobre isso, cabe suscitar que muitas entrevistadas apontaram que Danny Rios, presente constantemente em minhas pesquisas, não representava um modelo de beleza ou atendia a um padrão de beleza ali estipulado, porém era a melhor naquilo que fazia: *strip*. Danny Rios até ensinava às demais colegas que só possuíam a beleza como arma de conquista, sem nada mais além disso para oferecer aos clientes. Porém, Danny não demonstrou ter nenhum problema em relação aos outros acharem-na ou não bonita. Podemos perceber melhor essa afirmação em uma de suas falas: “*Eu não me preocupo se alguém me acha feia ou bonita, se meu corpo é ou não atraente,*

pois eu me acho super gostosa. Para mim, ser gostosa, não é necessariamente ter um corpo bonito, mas sobretudo saber o que fazer com ele. E isso eu sei [risos]”.

A beleza, nesse caso, estaria associada à satisfação sexual. Uma estética encantadora que provocaria a busca da satisfação sexual; o movimento corporal, por exemplo, durante uma dança sensual, pode despertar no cliente um interesse maior do que um simples corpo bonito que não seja capaz de reproduzir tais movimentos. No que concerne a essa temática, cabe trazer à pauta o discurso de Sabrina, considerada pela maioria dos clientes como uma mulher muito bonita: *“Eu tenho um corpo muito desejado. Na verdade, o conquistei através da prostituição, do dinheiro nessa vida nada fácil. Para mim, não adianta saber se requebrar lá no palco, se o corpo ‘parado’ não chamar a atenção, não é mesmo?”*.

Para reafirmar o que foi dito anteriormente, Furlani (2009, p. 30) concorda que: *“Mais importante não é exatamente o tipo de corpo que temos, mas aquilo que podemos fazer com ele, com seu potencial de sedução e com a capacidade de torná-lo suficientemente erótico e sensual ao prazer e à satisfação sexual e afetiva”*. Nesse sentido, a beleza física, no que diz respeito tanto ao homem quanto à mulher, condiz, muitas vezes, com a realidade socioeconômica de cada grupo, chegando-se, assim, à máxima de que um corpo só permanece feio quando não se tem condições financeiras para modificá-lo. Faz-se mister recordar que, durante muitas entrevistas realizadas dentro do lócus de pesquisa deste estudo, constatei que são várias as formas de se conseguir um corpo belo, sendo umas das formas de mais baixo curso, por exemplo, o uso dos anabolizantes.

Nas últimas visitas, percebi que muitas das prostitutas não seguiam aquele modelo de corpo “enxuto”, diferentemente do que afirma Goellner (2003, p. 28): *“O desnudamento do corpo que anuncia sua exposição e desfila no palco público, promovendo corpos enxutos e ‘em forma’, onde o excesso, mais que rejeitado, é visto, por vezes, como resultado da displicência e da falta de cuidados”*.

Apesar de existirem os cuidados corporais, foi possível notar a presença de corpos que fugiam ao modelo há algum tempo preestabelecido do “corpo esbelto”. Então, pode até um corpo mais cheio ser considerado indisciplinado ou denotar ausência de cuidados, porém temos que ter bastante cuidado com essa afirmação, pois o corpo mais tonificado também é sinônimo de mais dinheiro, quando se trata do nosso lócus de pesquisa. E se não seguir tal concepção, chegamos ao discurso de Zuin (2003, p. 39): *“O processo de publicitação do corpo anuncia a construção do desejo coletivo pela beleza e perfeição das formas anatômicas, mesmo que ainda esteja presente a consciência inquietante de que somos mercadorias facilmente substituídas”*.

Então, é possível afirmar que, por vezes, não se tem outra opção a não ser a de moldar-se para construir um corpo desejado naquele momento, saindo-se, cada vez mais, da naturalidade e submetendo-se a um processo de oferta e procura; em suma, mais uma vez, o consumismo imperando. Contudo, o consumismo pelo corpo dentro dos prostíbulo passa a ser prejudicado, por exemplo, se a garota de programa engravidar. Essa é uma das maiores preocupações reveladas nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, um pouco mais do que propriamente as doenças sexualmente transmissíveis. Juliana, por exemplo, assevera:

Eu engravidei logo quando iniciei no ‘mundo da prostituição’ – e pior –, foi de um cliente que era casado; sempre me preveni, uso camisinha, mas com ele não usei, fizemos o chamado coito interrompido; deu errado. Pense no prejuízo! Deixei de frequentar o cabaré por um tempo, quando retornei tive que conquistar novamente o meu espaço e confesso que não foi fácil.

Então, não podemos nos quer deixar por associarmos o prostíbulo ao lugar que se julga essencial aos cuidados corporais, pois o elemento de trabalho da profissional do sexo, o corpo, tem que estar saudável. Esse fenômeno de culto ao corpo provocou uma guerra contra as rugas, gorduras e volumes indesejados, vistos como partes defeituosas. Então, estaria à vista a oposição dos corpos, ou seja, de um lado a naturalidade corporal, expressada por esses defeitos; de outro lado, o corpo “modificado”, com o intuito de adquirir a autoestima e a camuflagem dos vestígios de um tempo. O sentir-se bem dá margem à justificativa da busca incessante pela beleza, sendo pertinente, pois, a escravidão pela beleza nesses recintos, causando, assim, a ausência da liberdade como sujeitos ontológicos, no pressuposto da importância exacerbada do aspecto externo do corpo.

A indústria consumista oferece muitas opções de se adequar ao modelo corporal vigente na cultura. Desse modo, ocorre a associação direta do desejo sexual com o consumo. A mídia impõe modelos estabelecidos que, não raro, são utilizados contra a própria vontade do indivíduo, ocorrendo a perda da liberdade. Para exemplificar melhor tal argumento, vale arrolar adiante o posicionamento de Sabrina:

Aqui no cabaré, é cada moda que as meninas seguem. Uma vez, uma das putas estava usando aquela calcinha estilo Anitta; ela não gostava muito de usar, mas estava na moda, então elas sempre estavam vestindo para agradar os clientes; quando saem daqui, parecem ser outras pessoas. Eu também faço minhas loucuras, eu sou negra, mas, como muitos clientes adoram loiras, então caí na besteira de pintar de loiro, apesar de eu achar horrível; foi a fase que conquistei mais clientes.

Pela fala da personagem, é possível perceber que as profissionais do sexo constantemente assumem uma outra identidade. É uma espécie de atuação constante. Em muitas de minhas visitas, percebi haver mulheres extremamente tímidas, as quais tinham que

subir no pequeno palco e se transformarem em mulheres exibidas, isso se elas tivessem a intenção de atrair o cliente. Lá não há o ditado: “*Lady* na rua e puta na cama”; lá o que deve prevalecer é a máxima: “Seja puta o tempo inteiro”.

Quanto mais um corpo é considerado pelas massas como objeto de consumo, mais estaria o sujeito distante de sua própria condição ontológica de liberdade. Queiroz e Otta (2000, p. 30) afirmam que:

Ao assumir que a percepção e as expectativas que uma pessoa tem de outra, sendo essas favoráveis ou não, acabam condicionando a maneira como cada um se posicionará nas práticas e relacionamentos sociais que os próprios envolvidos percebem, apreende-se que a aparência, indiscutivelmente, desempenha papel importante neste processo interativo.

Essa submissão que ocorre entre o desenrolar de um corpo belo desencadeia o ato desesperado pelo consumismo. Porém, está ligada ao poder socioeconômico de cada grupo social. Apesar das várias facilidades para se chegar à beleza desejada, ainda assim, nas classes com menor renda, a beleza não exerceria forte influência nas objetivações, relacionamentos e práticas sociais. Confirmando essa hipótese, Queiroz e Otta (2000, p. 37) asseveram que: “Quanto mais elevada a condição econômica e financeira dos grupos, invariavelmente, maior também é a cobrança por deter uma beleza digna de ser contemplada, valorizada e reconhecida”. Nesse sentido, a beleza do corpo nas sociedades modernas é decifrada como um poder aquisitivo elevado, recaindo simultaneamente aos corpos feios a justificativa de serem pobres. Então, tem-se a ilusão de que, quanto maior o exercício do consumismo, maior é a estrutura corporal de um corpo belo.

Na perspectiva de uma sociedade industrial consumista, a beleza física constitui o objeto, ou melhor, o produto mais desejado. O aperfeiçoamento constante do culto à beleza mantém o mercado de pé nesse ramo da estética, e esse mercado vai se moldando conforme a realidade de cada indivíduo. No caso de muitas pessoas, sobretudo dos sujeitos desta pesquisa, esse consumo está vinculado ao mercado sexual, em outros termos, ser bonita para agradar alguém – no caso delas, os clientes. Com esse propósito, elas escolhem peças cada vez mais ousadas para atraírem um maior número de olhares; sentirem-se bonitas e desejadas é um elemento indispensável, principalmente quando o assunto se trata de prostituição. Em uma das falas, é possível perceber isso: “*Eu entrei no ‘mundo da prostituição’ primeiro porque realmente precisava da grana, mas um dos motivos para permanecer nela foi o fato de me sentir desejada todos os dias. Questão de ego mesmo. Tipo, o cliente pagando para usufruir um pouco do meu corpinho [risos]*”.

Várias outras prostitutas revelam ser importante esse elemento de autoestima para o exercício da profissão. No entanto, aos poucos, aquelas que um dia tiveram esse sentimento de autoestima dentro dos prostíbulos vão também se desvinculando dele com o passar do tempo, como afirma Le Breton (2009, p. 119): “O tempo não contribui para a conservação da emoção”, pois o indivíduo contribui para a definição da situação, ele não é apenas um objeto, ele se assegura, muitas vezes, diante da falta de algo que seria importante – neste caso, os olhares voltados a ele –, desenhando-se de acordo com sua história pessoal, sua psicologia, seu *status* social, seu sexo, sua idade. Então, aqui a autoestima é questão de emoções, consoante Le Breton (2009, p. 120): “As emoções são a matéria viva do fenômeno social, a base que orienta o estilo das relações nutridas pelos indivíduos, distribuindo os valores e as hierarquias que sustentam a afetividade”.

Desse modo, a mesma profissional do sexo que demonstrou apoiar-se na autoestima para continuar no prostíbulo será a mesma que, com passar do tempo, desistirá dele pela falta dessa autoestima. Iremos entender melhor isso através da fala da própria profissional do sexo aqui referida, Danny Rios:

Na prostituição, vivemos, muitas vezes, em um mundo de ilusões, pois aquele corpinho ‘arrumadinho’, que tanto fez sucesso pelas noites do cabaré, já não está da mesma forma, visto que tem o envelhecimento do corpo; pois bem: nossa profissão tem prazo de validade [pensativa durante essas palavras].

Nessa citação, podemos perceber que, mesmo atribuindo diferentes cuidados corporais ao longo de sua vida, Danny chama a atenção para o fato de que tais cuidados são importantes para prolongar a juventude, porém realçou que o envelhecimento faz parte do ciclo natural da vida, do qual ninguém escapa. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas dentro dos prostíbulos, dentre elas a busca e a manutenção de um modelo atrativo de mulher para a conquista de clientes, a de conquistar o seu espaço é algo muito mais do que subjetivo. No prostíbulo, é assim o mecanismo: ganha mais quem aparece mais; não deve haver timidez se o propósito for obter mais conquistas, conforme explica Luna:

Não acredite que ninguém vai chegar aqui oferecendo espaço para você, não! Você tem que ir buscar isso. É isso aí, porque, enquanto a gente ficar embaixo do tapete, ninguém vai ver a gente, né? Imagine aquelas meninas que são muito bonitas, mas muito tímidas, aí os clientes preferem as que não são tão bonitas, mas que falam, através do corpo, sem da boca sair uma palavra, ou seja, têm desenvoltura [mostrou-se entusiasmada com sua declaração].

Recordo alguns desses exemplos ocorridos nessa citação. Através das observações, percebi que existem mulheres mais recatadas, outras mais desinibidas, até para

darem entrevistas, sendo notória a diferença quanto ao número de informações cedidas de uma personalidade para outra. Para as tímidas, é de suma importância que a linguagem corporal esteja presente, pois, se a linguagem verbal não flui, a única forma para se comunicar deverá ser o meio não verbal. “Em princípio, ele jamais cessa de ver, de escutar, de tocar, de sentir o mundo que o entorna. A menos que pertença ao mundo da cegueira, a visão, e, portanto, o olhar que a expressa, se verifica uma constância de existência e especialmente de relação com os outros” (LE BRETON, 2009, p. 215).

Em verdade, o olhar (observação) favorece e se apropria de algo para o melhor ou para o pior. Quando observamos o comportamento de alguém, estamos lançando, muitas vezes, julgamentos diante das atitudes daquele indivíduo tentando entender o porquê de cada situação presenciada; neste caso, até o ponto de se checar a veracidade de tal suposição por meio das entrevistas. Esse olhar se difere quando a questão se trata de um olhar da profissional do sexo, por exemplo, para com o seu cliente. Sobre esse olhar, Sabrina informa: *“Durante o striptease, temos que fazer aquele olhar sedutor, pois temos que envolver o cliente de alguma forma, muitos deles sentem-se atraídos pelo olhar. Na verdade, no cabaré, tudo começa pelo jogo de olhares”*.

O olhar toca no outro, e essa relação está longe de passar despercebida no imaginário social. O olhar revela, surpreende e diz o que até fazemos questão de esconder: “A linguagem corrente comprova: acariciamos, metralhamos, inspecionamos com o olhar, exercendo força sobre o olhar alheio. Ele pode ser penetrante, agudo, cortante, incisivo, cruel, indecente, carinhoso, terno, meloso” (LE BRETON, 2009, p. 216). Então, podemos afirmar que esse olhar exerce, na verdade, um poder sobre o outro, visto que faz surgir um sentimento de não pertencer a si mesmo, pois logo surge um julgamento diante do outro. A troca de olhares põe face a face dois indivíduos por meio da mais imediata e pura reciprocidade que possa existir.

Por outro lado, cabe pontuar que esse mesmo olhar que envolve é o mesmo que é utilizado para manifestar repúdio, por exemplo. Dentro dessa perspectiva, reafirmo o não envolvimento com a atividade realizada em certo momento por parte das garotas, quando já citei aqui o caso em que uma das profissionais do sexo estava dançando no colo de um cliente com os olhos atentos em nós, Danny e eu, que estávamos do outro lado do ambiente. Diferentemente de quando o olhar é voltado ao interesse, Le Breton (2009, p. 221) assume que: “No ato de paquerar ou na tentativa de intimidação, é comum olhar inconscientemente para outras pessoas. Os olhos vagam, escorregam sobre o outro sem se deter. Os olhos recebem e simultaneamente transmitem informações, eles concorrem para desenrolar da

interação”. Então, aquela expressão originária do senso comum que diz que “os olhos dizem tudo” significa que dificilmente pode-se camuflar verdades a partir do jogo de olhares. O olhar é uma instância que retira ou confere valor.

Na relação com o outro, o olhar é intensamente apreendido como experiência emocional, ele desperta o reconhecimento e a entrega dos autores. O olhar que pousa sobre o outro pode significar encontro, emoção compartilhada, alegria inconfessa. Então, através do olhar, demonstram-se o desejo e o descontentamento, por exemplo. Essa troca de olhares é indispensável dentro do ambiente de conquista aqui tratado, o cabaré. Ainda sobre o olhar, a profissional do sexo Sabrina aponta:

Dentro dos cabarés, é muito comum a troca de olhares, não somente da profissional do sexo para com o cliente, mas também dos possíveis clientes em sua atmosfera de espaço. É notório até aqueles olhares do tipo nervosos, aflitos, no momento em que alguém está adentrando no ambiente; acontece mais quando o sujeito é casado [risos sarcásticos].

Por isso, dentro dos prostíbulos é indispensável a linguagem não verbal, visto que os movimentos do corpo e suas atitudes, muitas vezes, espontâneas demonstram seus reais sentimentos, como a troca de olhares, ocorridas pelo desejo carnal, e também os olhares curiosos do público no território do prazer.

3.3 Antropologia do corpo em cena

Diante das várias situações aqui apresentadas, é comum observar a séria importância da leitura corporal diante dos atores aqui citados, refiro-me às profissionais do sexo neste momento.

Somos, sim, atrizes. Diariamente sentimos e guardamos só para nós certo sentimento ou até fingimos aqueles que não existem. O corpo com o qual você faz amor é o mesmo com o qual você finge fazer amor com alguém que não ama, que odeia mesmo, a quem você se opõe ou por quem você detesta ser tocado, mas você tem a capacidade de atirar-se nos braços do outro com a mesma vivacidade que teria com seu amante verdadeiro. (Relato de uma profissional do sexo).

O rosto e o corpo se enquadram na cena onde se leem tanto os sinais que expressam a emoção quanto aqueles relacionados à interação. Até então, a maneira de vestir-se e desnudar-se constitui um jogo de sinais divididos, muitas vezes, por seu inconsciente. A fantasia de uma verdade incontrolável expressa involuntariamente pelo corpo que vai se desvelando pouco a pouco até alcançar a sua nudez: “O corpo e o rosto permitem a dissimulação ou duplicidade na medida em que expõem socialmente os sinais de

autenticidade emotiva, mesmo nas representações ou por ironia, de sorte que a eficácia da arte cênica decorre exatamente de sua inserção na vida social” (LE BRETON, 2009, p. 242).

O referido autor afirma que todo homem dispõe dessa faculdade de interpretação, isto é, já fazem parte da natureza do homem as representações e emissões de sinais por ele já previstas, organizando, assim, através de um simbolismo corporal, a capacidade de exprimir tais sinais almejados. No caso da profissional do sexo, estes sinais são despertados propositadamente com a finalidade do envolvimento do cliente perante o pequeno palco.

Em se tratando do lócus desta pesquisa, o prostíbulo, os olhares representam trocas de comunicações. Diante do show de *strip*, os olhos ficam fixos na profissional do sexo, demonstrando todo o interesse pelo desenvolvimento corporal dela. Com relação a isso, Le Breton (2009, p. 242) exalta que: “Há uma verdade que todos os dramaturgos reconhecem: os espectadores ouvem inicialmente com os olhos. Pelo qual, o público continua lendo nossos pensamentos nos movimentos e no rosto do autor”. Em outros termos, o corpo também se faz narrativa, transmitindo significados, estando equiparado às palavras. O dono desse corpo, seu ator, nesse ofício busca aperfeiçoar sinais, transformando sua carcaça em uma linguagem comunicativa sem a utilização das palavras. Então, o ator se liberta assim que sai de seu personagem, retomando a sua postura real.

Sabrina ratifica o que foi acima mencionado em seu discurso:

No pequeno palco, sou a mulher que aquele cliente sonha em ter na cama: sensual, disposta, disponível, mas, quando desço do pequeno palco, sou aquela mais recatada, um pouco mais vestida. Porém, sou diferente mesmo quando saio de dentro do prostíbulo, perco até meu pseudônimo de Sabrina para encarar a Adriana, minha verdadeira identidade. Aí você não acha que sou uma verdadeira atriz [risos].

Através da convivência dentro do prostíbulo, constatei que não há dúvidas de que o território do prazer é um ambiente preenchido por “personagens do prazer”, mulheres que, cercadas por sua afetividade, trabalham nas diferentes formas e implicações de seu papel, modulando-se conforme as circunstâncias.

Pude verificar que o espectador – no caso, o cliente – nunca fica indiferente, mesmo que possa eventualmente entediar-se, o que pode acontecer é um riso fácil, um olhar e um comportamento de excitação. Esses olhares são cativados pelo cadinho de luz que ilumina o palco, então já é hora do espetáculo. Mais tarde, quando chega a hora de acabar o *show*, o cliente retorna à sua rotina; já a profissional do sexo retira a “máscara” para reencontrar sua identidade real: de mãe, de filha, de esposa, de amante, etc.

4 NARRATIVAS DE PROSTITUTAS DO CENTRO DE FORTALEZA

Esta seção foi elaborada com base em reflexões tecidas ao longo de várias observações realizadas em prostíbulos no Centro de Fortaleza, principalmente no “Gata Garota”, durante minha vida acadêmica: de meados da graduação ao doutorado. A educação informal perpassou toda a rotina de pesquisa, compreendendo o educar como instrumento principal de leitura e vivência de mundo. Esse processo de educar-se protagonizado por mulheres prostitutas vem sendo dialogado desde a graduação, quando já retratava os cuidados relacionados ao corpo dessas mulheres referentes à educação sexual.

Já no mestrado, teci essa relação dos esmeros corporais no ato da educação sexual, porém na perspectiva da vida pública (ambiente de trabalho) e do âmbito privado (vida particular) de minhas protagonistas, as profissionais do sexo. Encerro tal caminhada em texto apresentado na tese de doutorado, não fugindo da questão corporal que seguiu toda minha vida acadêmica, com foco na cultura da beleza e no estudo de tais práticas educativas, perpassadas indiscutivelmente por todo o processo de aprendizado das vivências durante todas as fases e níveis acadêmicos.

4.1 Definindo a prostituição

É possível observar que o conceito de prostituição foi baseado a partir das construções do senso comum. Essas construções batizam um conjunto de condutas nomeadas e decifradas como prostituíntes. São muitos os conceitos de prostituição existentes. Algumas pessoas visualizam como uma simples necessidade de sobrevivência. Conta-se que muitas mulheres veem a prostituição como um modo de vida, uma profissão. Outras a enxergam como um subemprego. Esse é característico das pessoas que não possuem recursos financeiros ou formação técnico-profissional para se recolocar no mercado de trabalho.

A prostituição é uma troca consciente de favores marcada pelo desinteresse afetivo, sentimental. Na maioria das vezes, troca-se sexo por dinheiro. Existe uma pluralidade semântica no conceito de prostituição. O uso desse termo traz uma alusão à prestação voluntária de serviços sexuais mediante acordo prévio com o cliente. Para algumas pessoas, permanece a ideia de que a prostituição é predestinada, que certas mulheres têm que seguir. Há aqueles que certificam que a prostituição é uma doença, uma distorção do psíquico, um vício.

A prostituição não é, pois, um destino, ao contrário do que pensam alguns romancistas. Tampouco constitui uma tara hereditária, como afirmam os

criminologistas. Aparece menos ainda como um vício, uma doença mortal, conforme gostaria de fazer crer um bom número de moralistas. Mas, no fundo, o que é prostituição? A questão é tão espinhosa que as tentativas para defini-la serão múltiplas e, algumas vezes, contraditórias. (ADLER apud SOUSA, 2000, p. 13).

São muitas facetas que envolvem o mundo da prostituição. O que não se pode é encará-la apenas como uma forma de satisfação das necessidades sexuais tanto dos clientes quanto das prostitutas, por outro lado não pode ser vista tão somente como uma questão de sobrevivência. O que difere a prostituta de uma não prostituta é caracterizado por um conceito socialmente estabelecido que designa essas divergências. Adler (apud SOUSA, 2000, p. 30) expõe a diferença nos discursos dos homens dizendo: “O que elas têm a mais que nós? Têm muito mais que vocês, respondem os homens. Têm a beleza picante, a arte da réplica perfeita, o olhar perturbador, o sentido da despesa, o gosto pela noite, a carne palpitante, o riso fácil, a ciência do abandono”.

Na esfera social, a prostituta representa algo que a esposa e a mãe não poderiam eventualmente ser: sensual, provocante, sem-vergonha, descontraída, misteriosa, sem dono, livre para o sexo. São justamente essas características que seduzem e atraem os clientes dos prostíbulos, além de ocorrer uma inversão no ato da sedução. Nos prostíbulos, é mais comum as mulheres tomarem a iniciativa da aproximação, da paquera e da atração. Há uma modificação dos papéis e das determinações impostas pela sociedade de o homem ir à conquista da mulher.

A abordagem das mulheres nos prostíbulos é feita de modo claro e interessante. Ao visitar alguns prostíbulos do Centro de Fortaleza, pude presenciar essa recepção. O homem, ao entrar no prostíbulo, posiciona-se, de preferência, próximo ao palco para poder visualizar melhor os *shows* de *strip* que podem ocorrer ali, pagos por ele mesmo ou por outro cliente. Nesse momento em que o cliente toma assento, uma das meninas que estão “desfilando” no salão detém-se junto à mesa e senta-se junto ao cliente ou acontece também de o cliente solicitar para que ela fique ali ao seu lado. Para explicitar esse momento, Sousa (2000, p. 121) conta um acontecimento narrado por Sabrina: “*É, mas as pessoas me procuravam mais assim porque, normalmente, as mulheres, quando os homens chegam nos prostíbulos, elas já sentam, no máximo tomam uma cerveja e já quer ir logo pra cama pra ela poder fazer outro programa entendeu?*”.

Nessas abordagens, as meninas geralmente passam um curto tempo à mesa para saber “se vai rolar”; quando percebem que aquele cliente não deseja seus serviços, tomam uma cerveja e saem para abordar outro cliente que venha a solicitar seus serviços.

É possível perceber que o perfil que cada indivíduo obtém sobre a figura da prostituta é diversificado e depende, na maioria das vezes, das próprias fantasias e de como se

define a prostituição. No entanto, uma prostituta sabe exatamente exercer sua profissão, como agir e quais são as regras do jogo. De acordo com Sousa (2000, p. 138), as atitudes que as prostitutas devem exercer são:

Ir a um prostíbulo não para se divertir, mas para batalhar; fazer os programas o mais rápido possível para não perder tempo; procurar não se envolver com os clientes; permanecer lúcida para ser racional; evitar conflitos com as amigas de profissão e clientes; tratar todos os clientes da mesma forma, favorecendo a quem pagar mais; preocupar-se com o fazer e não com o prazer dentro de um prostíbulo, ter cuidados com as doenças sexuais e gravidez.

Essa citação nos remete ao tipo de comportamento que a prostituta deve realizar quando se trata da prostituição como profissão. O fator que se destaca é o de a prostituta saber que, apesar de o prostíbulo ser um ambiente descontraído e dinâmico, não se deve confundí-lo com uma sessão de divertimento, visto que é nesse ambiente que elas exercem uma profissão que exige um compromisso, havendo a separação do momento de trabalho do período de lazer. A passagem que fala sobre a importância de realizar logo o programa refere-se àquela velha história de “vender o maior número do produto” para se obter o máximo de lucro possível; o produto aqui é o próprio corpo, como se pode depreender.

Quanto à prostituição ser a profissão mais antiga do mundo, não há dúvidas. O título de “mais antiga das profissões” busca dar conta da universalidade desse fenômeno conhecido em variadas épocas e lugares. Deve-se ressaltar, no entanto, que esse conceito de prostituição, ou seja, a forma como é administrada, diferencia-se em cada cultura. Vale ressaltar, porém, que a prostituição a que me refiro é a feminina, visto que é a mais comum e a encontrada no lócus desta pesquisa. Cabe voltar nossos olhos, a princípio, para a Idade Média, recorrendo aos postulados de Rossiaud (1991) em seu livro intitulado *A prostituição na Idade Média*. O autor relata que arriscar compreender a intensidade e o sentido social da prostituição é conceituá-la ante as estruturas demográficas e matrimoniais, as normalidades e desvios sexuais, os valores culturais e as mentalidades coletivas dos grupos sociais que a aguentam ou reprimem. Assim, a análise será realizada em um período de relativo equilíbrio econômico e social. Então, Rossiaud (1991, p. 19) exprime:

Esboço minha pesquisa tomando como exemplo a rede de cidades do Sudeste, da Borgonha até a Provença. Minhas pesquisas sobre os moradores da região do Ródano conduziram-me naturalmente para lá: todos os bairros ribeirinhos das cidades banhadas pelo Ródano continham prostíbulos. Entre 1440 e 1490, esse conjunto geográfico foi pouco afetado pela guerra e as cidades eram convalescentes e prósperas.

Rossiaud (1991) aconselha evitar considerar a cidade como o único local favorável ao desencadeamento de amores venais, pois a documentação urbana mostra uma florescente

prostituição rural. Elas adaptavam o seu itinerário ao calendário das feiras e mercados, das peregrinações e dos grandes trabalhos agrícolas. Rossiaud (1991, p. 20) revela que:

Nas granjas isoladas, diaristas ou peões que viviam juntos mantinham durante alguns dias ou semanas uma prostituta compartilhada por todos. Os comerciantes alemães que, em comboio, dirigiam-se às feiras de Lyon agiam do mesmo modo, e no rio as tripulações de ribeirinhos que realizavam uma viagem de várias semanas contratavam mulheres nas margens e divertiam-se com elas nos lugares onde pernoitavam.

Não há dúvidas, entretanto, de que foi na zona urbana que a prostituição eclodiu e assumiu grandes proporções, tomando formas mais complexas e institucionalizando-se. Rossiaud (1991) assinala que não existia cidade de certa importância sem bordel. Esse estabelecimento frequentemente era construído com gastos compartilhados por todos, isto é, com o dinheiro público, o qual era arrendado a um administrador, que teoricamente obtinha o monopólio da profissão. Esse indivíduo tinha como obrigação o recrutamento das moças – permitido ou não por um oficial de justiça para se fazer cumprir certas regras –, muitas vezes de mantê-las e de sempre fazer imperar a ordem na pequena comunidade feminina. É interessante revelar que, em caso de falecimento, necessidade ou desistência do administrador, as autoridades passavam a governar diretamente as casas de prostituição. Tratando-se da organização material, variava de acordo com a importância da cidade. Quanto a essa questão, Rossiaud (1991, p. 21) dita que:

Em Tarascon, o *château-gaillard* era uma modesta construção com pátio, jardim, duas saídas, uma cozinha, uma sala e quatro quartos. Mas Dijon possuía, pelo menos a partir das ampliações de 1447, uma imponente mansão com três corpos, com galerias interiores rodeando um jardim. A *maison des fillettes* compreendia o alojamento do guardião, uma ampla sala comum e vinte quartos de grandes dimensões, todos com lareira de pedra. Em Lyon, Beaucaire, Arles ou Orange havia um bairro reservado que, em Avignon, agrupava diversas ruas em torno de uma pracinha arborizada e cercada pelos quartos.

Vale ressaltar que normalmente os bordéis não constituíam uma “casa fechada”. As profissionais do sexo públicas, que moravam nas ruas, conhecidas como “desonestas”, ou que se alojavam nas cidades podiam circular durante o dia pelas tabernas e outros lugares públicos, se assim preferissem, porém, quando a prostituta conquistava um cliente, tinha que o conduzir à *Boné Maison*, lugar onde se festejava antes de adentrar no quarto. Nessa época, situada na Idade Média, não existiam apenas os bordéis públicos, mas também as casas de tolerância, ou seja, os banhos públicos. Ao decifrar o seu funcionamento, pode-se chegar à conclusão de que os tais banhos públicos constituíam prostíbulos ou serviam para duas finalidades, uma boa e outra ruim; isso apesar dos inúmeros regulamentos proibindo a presença de garotas de programa e estabelecendo as horas e os dias reservados para homens e

mulheres. Todos os banhos possuíam um grande número de camareiras. Ainda sobre os banhos públicos, Rossiaud (1991, p. 22) explica:

Os banhos públicos são, repitamos, os centros de uma prostituição notória e permanente, mas também casas de encontros e lugares de alcovitagem. Em Lyon, entre 1470 e 1480, a expressão *aller s' estuver* (ir aos banhos) possuía na linguagem corrente uma acepção bem particular e conhecida por todos.

Então, pode-se notar que os banhos públicos eram uma forma de mascaramento das casas de prostituição, porém esses estabelecimentos não devem camuflar a existência do terceiro tipo de prostituição: a artesanal. Rossiaud (1991, p. 22) assevera que:

Era formada por pequenos bordéis privados dirigidos por alcoviteiras que no seu lar dispunham de duas ou três mulheres, camareiras ou enviadas para a ocasião. Estas atendem nas casas das primeiras, que servem de proxenetas e que às vezes utilizam também os serviços de mulheres 'levianas' que trabalham no quarto e último nível do edifício da prostituição, por conta própria, indo de hotel em hotel e que são tanto concubinas quanto comuns a muitos, conquistam a sua clientela nas tabernas ou nos mercados e às vezes possuem proteções eficazes, oficiais ou privadas, pois a atividade é perigosa e sofre muita concorrência.

Nesse contexto, vale ressaltar que as autoridades se esforçavam para que certas regras sanitárias fossem notadas (em épocas de peste, fechavam-se os prostíbulos e os banhos públicos, assim como se proibiam as reuniões comerciais ou as danças em geral), bem como algumas normas religiosas (a fim de respeitar as interdições, restringidas à Semana Santa e ao Natal), morais (para evitar que não acontecessem espetáculos escandalosos nas vizinhanças de igrejas ou em ruas de patrícios), de vestimenta (para que as mulheres de posição pudessem ser diferenciadas das outras e a fim de que a luxuosa vestimenta dessas últimas não incitasse moças pobres e puras à perdição) e fiscais (de maneira que o setor "privado" não arruinasse o monopólio urbano). "Mas os esforços das autoridades não foram bem-sucedidos, pois frequentemente os conceitos decidem oficializar a prostituição através da 'utilidade comum' ou do 'interesse da coisa pública'" (ROSSIAUD, 1991, p. 23).

Referindo-se aos tipos de mulheres que existiam, havia diferenças entre as mulheres dos prostíbulos das que exerciam sua atividade nos banhos públicos ou em quartos. Segundo Rossiaud (1991, p. 23): "As mulheres públicas comuns opõem-se às mulheres secretas, as prostitutas de rua às meretrizes de prostíbulo e às mulheres secretas, levianas e vagabundas".

Consoante o referido autor, a história da prostituição não chamou inicialmente a atenção dos medievalistas. Mais na frente, entretanto, ainda nesse contexto, os historiadores não ignoraram o fenômeno da prostituição, mas frequentemente a evocação que fazem dele inscreveu-se em uma concepção historiográfica e em uma corrente de pensamento que

atribuem às calamidades da baixa Idade Média e à desordem dos costumes a importância dos fatos observados: era tentador associar prostituta e homem de guerra, fornicção e infâmia, prostíbulo e pálio dos milagres. Ainda conforme Rossiaud (1991, p. 19): “Tentar compreender a amplitude da prostituição é defini-la frente às estruturas demográficas, às normalidades e desvios sexuais, aos valores culturais e às mentalidades coletivas dos grupos sociais que a toleram ou a reprimem”.

Essa passagem revela que, para se entender a intensidade que traz a prostituição, é preciso conhecer aspectos culturais que rodeiam uma sociedade. Apesar das várias diferenças no tempo cultural, essas mulheres, profissionais do sexo, desenvolveram e desenvolvem diversos processos educativos. Uma dessas formas de educação, a qual aqui interessa, é o cuidar de si e das demais colegas de ocupação. Pode-se perceber que esses saberes perpassam todo o processo de observações realizadas no lócus desta pesquisa.

4.2 Prostituição: profissão mais antiga do mundo

A prostituição é uma prática antiga. Em Atenas, na Grécia, mais precisamente durante a Idade Áurea, a prostituição teve destaque não comparado a outro lugar, nem outra época. Sólon, o legislador da época, afirmava que Vênus, a deusa do amor, havia mandado suas sacerdotisas com a finalidade de livrar a cidade da homossexualidade e resguardar a honra das donzelas.

Com a expansão do cristianismo, que editava suas morais e suas regras, a prostituição passou a ser considerada como algo impuro numa cidade que preservava os princípios morais. A atividade consistia no erotismo e na promiscuidade. É importante ressaltar que nesse tempo a virgindade era vista como algo vinculado à honestidade e à pureza.

O interessante é que algumas formas de prostituição já foram ligadas a divindades, como nas primeiras civilizações da Mesopotâmia e do Egito, nas quais sacerdotisas prostitutas, vistas como sagradas, recebiam presentes em troca de serviços sexuais. Na Grécia, existia um grupo de cortesãs, chamadas de *hetairas*, que frequentavam as reuniões dos grandes intelectuais da época. Elas eram muito ricas, belas e cultas. Em muitas cortes, o poder das prostitutas era muito grande, visto que muitas tinham o conhecimento de questões do Estado, tanto que a prostituição passou a ser regulamentada. De acordo com Roussiaud (1991, p. 19): “[...] tentar compreender a amplitude e o significado social da prostituição é defini-la frente às estruturas demográficas e matrimoniais, às normalidades e desvios sexuais, aos valores culturais e às mentalidades coletivas dos grupos sociais que a toleram e a reprimem”.

Em seu livro, o referido autor destaca que a cidade não era o único local adepto ou vivente do desenvolvimento de amores venais, os quais se encontram também no meio rural. Essa prática ocorria com a adaptação do itinerário ao calendário das feiras e mercados, das peregrinações e dos trabalhos agrícolas, porém foi na zona urbana que a prostituição eclodiu, obteve formas mais complexas e se institucionalizou.

Rossiaud (1991) ressalta que, em todas as grandes cidades, além do bordel público, havia as chamadas “casas de tolerância”, em outros termos, os banhos públicos. Ao observarmos o seu funcionamento, notamos que esses eram prostíbulos ou serviam para dois fins: um honesto e outro desonesto, apesar de os regulamentos do local proibirem a presença de prostitutas e estabelecerem as horas e os dias reservados para mulheres e homens. O aspecto que influencia no poder de nossa imaginação é o fato de que, nesses banhos públicos, não havia nenhum aparelho de banho, mas um centro de prostituição notória e permanente, uma casa de encontros e lugares de alcovitagem.

Consoante Rossiaud (1991), a história da prostituição não tem chamado a atenção dos medievalistas. Mais na frente, ainda nesse contexto, os historiadores não ignoram o fenômeno da prostituição, mas frequentemente a evocação que fazem dela inscreve-se em uma concepção historiográfica e em uma corrente de pensamento que atribuem às calamidades da baixa Idade Média e à desordem dos costumes a importância dos fatos observados: era tentador associar prostituta e homem de guerra, fornicação e infâmia, prostíbulo e pátio dos milagres. Ainda segundo Rossiaud (1991, p. 19): “Tentar compreender a amplitude da prostituição é defini-la frente às estruturas demográficas, às normalidades e desvios sexuais, aos valores culturais e às mentalidades coletivas dos grupos sociais que a toleram ou a reprimem”. Essa passagem revela que, para se entender a intensidade que traz a prostituição, é preciso conhecer aspectos culturais que rodeiam uma sociedade.

Nesse mesmo período, destacam-se as mulheres secretas e as prostitutas públicas. Aquelas se inseriam na prostituição geralmente com apenas 17 anos de idade, porém as camareiras de banhos públicos entravam no ramo com três anos mais, já as locatárias do *prostibulum* tinham cerca de 28 anos. Com relação às prostitutas públicas, para muitos cidadãos, representava uma etapa na redenção de uma conduta desonesta. Em geral, admitia-se que as mulheres não poderiam permanecer muito tempo na prostituição, porque, após os 30 anos de idade, estavam muito envelhecidas e tinham que pensar em mudar de vida. Rossiaud (1991) revela que, nesse período, marcado pelas incertezas, era possível constatar que algumas mulheres podiam fazer carreira no ofício, tornando-se administradoras de banhos públicos e garantindo, assim, sua velhice. Outras optavam por se retirarem a um convento ou

a um estabelecimento de arrependidas. Essas instituições, no entanto, eram raras, recebendo apenas algumas mulheres. Conforme Rossiaud (1991, p. 43):

Para admiti-las, impunham normas de idades e às vezes de beleza (em Avignon era preciso ter menos de 25 anos e ser bonita para ser aceita). Por outro lado, essas instituições nem sempre eram bem-vistas pelas autoridades, pois contribuía para incentivar a prostituição de moças pobres a fim de solicitar ajuda. Assim, elas acolheram apenas uma ‘elite’ da pobreza ou da penitência.

Nota-se nesse fragmento a importância do cuidado com o corpo, além da questão da faixa etária limite até a qual uma mulher poderia ser admitida como prostituta. Nessa mesma perspectiva, cabe relatar a questão da aparência, uma das identificações de quem é prostituta, segundo Rossiaud (1990, p. 61):

A proibição de mulheres e moças desonestas usarem uma coifa ou outro tipo de chapéu parece ter sido geral na Idade Média. Em Dijon, em meados do século XV, tirar publicamente o chapéu de uma mulher ainda equivalia a acusá-la de prostituição ou devassidão; muitos jovens, ao agirem assim, queriam assegurar-se uma garantia sobre a pessoa da vítima. [...] Quanto às mulheres públicas, executavam esse gesto quando encontravam suas concorrentes secretas; também com homens que tinham sido seus clientes e cujo comportamento era considerado por elas imoral ou hipócrita; finalmente, também o faziam com aqueles com os quais queriam ir para a cama. Em certa medida, essa conduta constitui um desafio ao poder masculino.

Na contemporaneidade, a profissional do sexo circula com trajes cada vez menores para chamar a atenção dos clientes e conseqüentemente lhe possibilitar um programa. Em relação às outras prostitutas concorrentes, as putas usam como armas o poder da sedução, para se tornarem mais atraentes do que as outras, prática demonstrada na maneira de dançar e vestir, bem como o cuidado com o corpo, recorrendo frequentemente a academias de musculação a fim de tornear e revelar as curvas do corpo.

De acordo com Freitas (1985), a prostituição pode ser englobada como um exercício no qual é possível perceber os padrões de interação que permitem revelar a realidade baseada na experiência desse universo e não como um problema social. Tal abordagem nos conduz a identificar duas ordens morais: de um lado, o mundo da prostituição; de outro, o mundo “normal”, numa infinita sucessão de negociações, tais como: rotina, hierarquia, sistema de estratificação e regras de convívio. As palavras reveladas pelo autor estão presentes em outra citação feita por Adler (apud SOUSA, 2000, p. 30), que retrata a diferença entre uma prostituta e uma não prostituta no discurso dos homens: “O que elas têm a mais que nós? Têm muito mais que vocês, respondem os homens. Têm a beleza picante, a arte da réplica perfeita, o olhar perturbador, o sentido da despesa, o gosto pela noite, a carne palpitante, o riso fácil, a ciência do abandono”.

Na representação social, a profissional do sexo representa papéis que a esposa e a mãe não poderiam eventualmente fazer, exemplificando: sensual, provocante, sem-vergonha, descontrainda, misteriosa, sem dono, livre para o sexo. E, muitas vezes, são essas características que seduzem e atraem os clientes para os prostíbulo. Existem, contudo, as obrigações das prostitutas em seu ambiente de trabalho – nesse caso, os prostíbulo. Segundo Sousa (2000, p. 138):

A prostituta deve ir ao prostíbulo não para se divertir, mas sim para batalhar; fazer os programas o mais rápido possível para não perder tempo; procurar não se envolver sentimentalmente com os clientes; permanecer lúcida para ser racional; evitar conflitos com as amigas de profissão e clientes; tratar todos os clientes da mesma forma, porém favorecendo a quem pagar mais; preocupar-se com o fazer e não com o prazer, dentro de um prostíbulo, ter cuidados com as doenças sexuais e gravidez.

Essa passagem nos remete à afirmação de como a prostituta deverá agir em sua profissão. O trecho “fazer um maior número de programas em pouco tempo” explicita que, nesse trabalho, “tempo é dinheiro”. Ratificando essa ideia, uma das informantes disse que, ao adentrar um cliente no recinto, as putas vão logo à sua procura, fazendo-lhe companhia e verificando o que vai acontecer. Se a resposta do cliente for negativa quanto ao pagamento de um *strip* ou programa, é o momento certo de sair e partir para outro possível cliente.

Continuando nossas referências sobre a prostituição, é interessante ressaltar que a prostituição, para algumas pessoas, é predestinada, que certas mulheres têm que a seguir. Há aqueles que ainda se certificam de que a prostituição é uma doença, uma distorção do psíquico, um vício. Adler (apud SOUSA, 2000, p. 13) argumenta, porém, que:

A prostituição não é, pois, um destino, ao contrário do que pensam alguns romancistas. Tampouco constitui uma tara hereditária, como afirmam os criminologistas. Aparece menos ainda como um vício, uma doença mortal, conforme gostaria de se fazer crer um bom número de moralistas. Mas, no fundo, o que é prostituição? A questão é tão espinhosa que as tentativas para defini-la serão múltiplas e, algumas vezes, contraditórias.

As explicações sobre a prostituição são diversas, conforme adiante o discurso de uma das entrevistadas, quem relaciona a prostituição a um vício:

A prostituição é um círculo vicioso. Por mais que a garota de programa enfrente esse preconceito perante a sociedade, a prostituta enfrenta tais princípios e continua nessa vida, se desestimula, mas minutos depois já está ali pronta para mais uma noite de trabalho. Parei algumas vezes por causa de vários motivos, um deles foi porque conheci um homem que me dava tudo do bom e do melhor, mas em troca pediu para eu deixar essa vida. Mas, quando terminamos, eu retornei à prostituição por opção, até porque o que eu ganhava por mês era mais do que se eu tivesse outro emprego. (Relato de uma profissional do sexo).

A prostituição constitui diversas facetas, existindo vários motivos que provocam a entrada das mulheres nessa profissão. Assim, pode-se observar um dos motivos mais frequentes em uma das falas de Sabrina:

Entreí nessa vida por causa da falta de estrutura na minha casa. Não tive ninguém para me apoiar, pagar meus estudos; como sou bonita, meus familiares ficavam me colocando para cima de todos os homens que possuíam um dinheirinho a mais. Mas agora as coisas pioraram, pois antes só ficava com homem bem aparentado e agora vou para a cama com um feio e fedorento, porque não boto banca para cliente, porém, dependendo da força de vontade que tenho que fazer para dar prazer a ele, é igualmente ao valor por mim pedido.

A prostituição configurou-se espaço visível, espetacularizado e quantificável, à medida que se tornava uma profissão reconhecida com a expansão do mercado capitalista, permitindo então que chefes de polícia, médicos, higienistas e juristas constituíssem um universo empírico para suas observações, classificações e análises (RAGO, 1991). A autora não avalia somente o item quantitativo da prostituição, mas envolve também outros conflitos que nos ajudam a pensar a vida fácil de forma mais baseada na experiência.

Rago (1991), na primeira edição da obra *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, traz um diagnóstico de como se estruturava o perfil da profissional do sexo durante o período de 1890 e 1930. A autora traz ao debate: a prostituição como espetáculo, visibilidade feminina; a violência policial; as normas de vigilância; e o discurso na ordem médica tratando a prostituição como doença. A autora retrata a prostituição em São Paulo no momento em que a cidade deixava o jeito provinciano das fazendas para assumir ares de metrópole. Nessa época, de 1890 a 1930, no centro de São Paulo, dominava a geografia da prostituição feminina em cabarés, por isso Rago (1991) discute a prostituição feminina nesse período.

Se o mundo da prostituição pode ser focalizado como de manifestação de desejo, onde o bordel se configura como um condutor de intensidades, não se pode esquecer de que a violência é uma dimensão constitutiva das relações sociais que aí se estabelecem: entre prostitutas e fregueses, entre cafetinas e meretrizes e entre as próprias prostitutas; uma ambígua rede de solidariedades e pequenas rivalidades, competições e manifestações de amizades marca a subcultura da prostituição.

Justamente em muitos relatos proporcionados pelas profissionais do sexo, não somente daquela época, mas também dos tempos atuais, verificam-se as questões de ambiguidades presentes nos prostíbulos. Na relação das prostitutas com seus clientes, percebe-se que existem vários tipos de comportamentos exercidos por ambos. Em muitas dessas

condutas observadas nesta pesquisa, no prostíbulo “Gata Garota”, por exemplo, verifiquei que as profissionais do sexo eram consideradas “mulheres sem escrúpulos”; alguns dos clientes, por pagarem, têm a ideia fixa de ter o direito de realizar todos os desejos, os quais devem ser atendidos pelas garotas de programa. Algumas dessas prostitutas não hesitam e proporcionam as mais diferentes vontades, ao passo que outras logo impõem limites diante de algumas situações, a exemplo de Sabrina:

Uma vez o cliente pediu para eu me vestir de homem e deixar ele colocar o pau dele no meu cu. Eu achei muito estranho e neguei, porque por dinheiro nenhum eu faço sexo anal, dói muito e eles não têm cuidado. Tem cada pênis enorme! Ainda mais vestida de homem. Quando eu não quero fazer uma coisa, não faço.

Dependendo, porém, da quantidade de dinheiro a ser disponibilizada pelos clientes, há grandes chances de as garotas realizarem os desejos mais obscuros deles:

Olha, eu não boto banca, não, porque, se o cliente está aqui, é porque muitos não realizam ou não têm coragem suficiente para realizar tais desejos. Apenas dependendo de cada caso, cobro mais, porque, além de ter que me submeter a essa situação, tenho que fingir um orgasmo e que estou gostando da brincadeira. (DANNY RIOS).

Esse depoimento trouxe um ponto bastante interessante, as “máscaras utilizadas pelas prostitutas”. Muitas vezes, elas têm que fingir que realmente estão excitadas. Nesta pesquisa, presenciei um fato dessa natureza em uma circunstância na qual uma garota manifestava certo repúdio e nojo enquanto tinha seu corpo acariciado por um cliente. Notei esse fato no momento em que o cliente estava com a cabeça baixa e com o olhar concentrado no corpo da profissional do sexo, porém, ao levantar a cabeça, a prostituta ligeiramente gemia, fazendo “caras e bocas” de satisfação.

É importante salientar que o conceito de prostituição foi baseado nas elaborações do senso comum. Essas formulações batizam um conjunto de condutas nomeadas e decifradas como prostituintes. São muitos os conceitos de prostituição. Algumas pessoas visualizam como uma simples necessidade de sobrevivência. Conta-se que muitas mulheres veem a prostituição como um modo de vida, um ofício. Outras a enxergam como um subemprego. Esse é característico das pessoas que não possuem recursos financeiros ou formação técnico-profissional para se situar no mercado de trabalho.

Perpassando pelos prostíbulos do Centro de Fortaleza, mais especificamente o “Gata Garota”, não se pode deixar para trás tal discussão acerca da memória, instrumento indissociável das entrevistas e da escrita deste estudo. Segundo os postulados de Le Goff (1996, p. 423), a memória “É a capacidade de um conjunto de funções psíquicas que

possibilitam conservar certas informações, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A memória relaciona-se com a dimensão do tempo passado. Como se constitui em seleções de informações, pode-se afirmar que não existe memória sem o esquecimento, porém é importante ressaltar que, no que diz respeito ao esquecimento, pode ser uma opção de restringir ao essencial certos fatos ou informações a respeito deles, mas também pode ser o resultado de uma ação deliberada de ocultamento. Ou seja, há pessoas que se aproveitam das características do esquecimento para não revelarem algo que não estão dispostas a relatar.

Bergson (1990) afirma que a memória representa construções realizadas no presente com base em experiências ou vivências ocorridas no passado. O autor citado estrutura uma concepção sobre a memória e sua função na relação do corpo com a realidade exterior, isto é, as imagens, em que inicia uma reflexão estruturada sobre a memória, atribuindo que:

A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebemos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela. (BERGSON, 1990, p. 55).

Sendo assim, Bergson (1990) esclarece que a memória tem como papel chamar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente. Então, o autor, em seus outros trabalhos, define a memória como um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, “[...] ela prolonga o passado no presente” (BERGSON, 1990, p. 247).

4.3 Sexualidade: breve olhar histórico

A sexualidade é um fato antecedente ao aparecimento do homem, porém podemos perceber seu estudo ou enfoque apenas há centenas de anos. Não somente considerado um ato físico, de natureza constante, a sexualidade adquiriu definição característica bastante complexa, hoje funcionando como uma estrutura social e cultural em si mesma localizada dentro de um princípio de poder, quanto à adequação social, às regras estabelecidas pela sociedade.

No livro *História da sexualidade: o uso dos prazeres*, Foucault retrata a história da sexualidade como experiência, sendo essa vista como uma ligação, numa cultura entre campos de conhecimento, tipos de normatividade e configurações de subjetividade. Foucault (1990) retorna à Antiguidade, observando os exercícios existentes acerca do sexo na Grécia Antiga. Ele não admite a forma pela qual a sexualidade é reprimida pelo sistema, pois, para

ele, a sociedade capitalista relaciona prazer e poder. Ele ressalta que os indivíduos se reconhecem como sujeitos sexuais, pensando o desejo e o sujeito que o deseja.

[...] mas analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar a atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo um certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído. (FOUCAULT, 1990, p. 11).

Foucault (1990) analisa os homens como sujeitos sexuais produtores da sua própria história, que buscam descobrir, no desejo, a verdade de si mesmos. Para Foucault (1990), assimilar a sexualidade em sua complexidade presume enxergá-la também como um produto das carregadas relações de poder entre homens e mulheres, pais e filhos, educadores e alunos. O que se pode notar é que sucessivamente somos importunados por um ambiente sexual que se revela nos mecanismos de manutenção da sociedade.

É interessante que, desde o período Paleolítico, também conhecido como período da pedra lascada, no qual os homens passaram a ter controle sobre o fogo, podem-se encontrar as primeiras manifestações artísticas que cogitam a consagração dos povos antigos à condição sagrada do corpo feminino e masculino, ou melhor, ao encontro sexual capaz de originar vidas. Essas pinturas revelavam desenhos da vagina, do seio e do útero da mulher, da mesma forma era possível notar, através de desenhos, o pênis ereto do homem.

Já no período da ascensão burguesa, a nudez, que foi encoberta na época medieval, passou a ser descoberta. A fala sobre o sexo começou a ser controlada e também se observou um cuidado acerca dessas informações nos livros. Com o uso do termo “sexualidade”, o mercado ganhou mais força; o capitalismo, mais uma vez, propaga-se. Todas as propagandas passaram a falar de sexo, expondo vários produtos para o uso do prazer sexual. É importante ressaltar que ocorreu uma intensa liberdade sexual, ganhando-se mais espaços, os quais puderam também ser conquistados pelas mulheres e pelos homossexuais.

Quando se estuda a sexualidade brasileira, temos que destacar o valor patriarcal que marcou profundamente as relações de gênero. Mesmo que se encontrem poucos vestígios, atualmente nas famílias brasileiras a definição de sexualidade ainda costuma influenciar na sociedade, dependendo da cultura – das regras – que essa sociedade carrega.

Com a tão aguardada libertação sexual, ou seja, com a modificação do comportamento humano perante a sexualidade na atual sociedade, essa libertação sexual encontra-se mascarada pelos discursos sobre sexo e atos sexuais que estimulam o consumismo, a pornografia e principalmente a relação objetual de maneira superficial com a própria sexualidade e a alheia. O sexo converteu-se em mercadoria. Não se pode esquecer que

a questão da sexualidade proporciona uma certa ambiguidade, pois, por mais que hoje se fale tanto de sexo, a desinformação e a falta de intimidade com o assunto ainda persistem.

É notório que a questão da história da sexualidade é marcada por vários progressos e retrocessos. Pode-se notar que, na presente sociedade, está menos regulada pela hierarquia e pelas interações de dominação presentes em qualquer espécie de relação entre pais e filhos ou entre homens e mulheres. Ao tratar-se da questão feminina, entretanto, é importante lembrar que se tem um termo paradoxal, ou seja, um discurso aparentemente verdadeiro ou uma situação que contradiz a intuição incomum, mesmo quando se nota a conquista das mulheres, sua independência, a questão sexual ainda está ligada a um ato de honra ou desonra.

4.4 Vivências e aprendizagens mergulhadas no ambiente do prazer

O Centro de Fortaleza é marcado por uma intensa movimentação do setor comerciário. Pessoas de muitas diversidades são responsáveis pelo fluxo humano nesse território. Trabalhadores e consumidores fazem parte dessa massa de população. Não é ao Centro especificamente que quero me referir, mas sim a um dos locais mais visitados para a coleta de dados desta pesquisa: “Gata Garota”. Reporto-me ao Centro da cidade não só por causa da localização desse prostíbulo, mas também pelo fato de a maioria dos clientes desse cabaré ser constituído por pessoas que realizam suas jornadas no Centro da capital cearense.

Ao adentrar no ambiente acima citado, conceituado como “território do prazer”, notei que o citado salão constituía-se de imensos cartazes de dançarinas em trajes menores. Nesse mesmo espaço, pude visualizar um bar situado à esquerda atrelado ao caixa e, sobre o bar, o comando de som. Havia muitas cadeiras e mesas no espaço, no qual existia também um pequeno palco ao centro. O camarim das dançarinas profissionais do sexo situava-se ao lado do palco, um compartimento minúsculo onde elas se preparavam, vestindo seus trajes insinuantes, seja uma roupa inventada pelas próprias garotas ou uma fantasia comprada por elas mesmas. No final do corredor, uma luz vermelha buscava chamar a atenção dos clientes com a grafia do termo “motel”, lugar reservado para as demais loucuras e para as diferentes formas de prazer. Ao lado, havia dois banheiros, um masculino e um feminino. Para Suquet (2008), o bailarino sempre controla o centro de gravidade de seu movimento, daí a impressão de um domínio. Nas palavras de Nietzsche (1998, p. 101):

[...] somente a partir do espírito da música é que compreendemos a alegria pelo aniquilamento do indivíduo. Pois só nos exemplos individuais de tal aniquilamento é que fica claro para nós o eterno fenômeno da arte dionisíaca, a qual leva à expressão a

vontade em sua onipotência, por assim dizer, por trás do *principium individuationis*, a vida eterna para além de toda aparência e apesar de todo o aniquilamento.

No caso em questão, o palco é centralizado pelo cano de 2 metros de altura e 20 centímetros de diâmetro. Posições sensuais de agachamento participam o tempo inteiro do espetáculo. Descer e subir no cano e, em alguns casos, de cabeça para baixo. Toda essa movimentação tem por objetivo retirar a fantasia cuidadosamente escolhida. Desmontar um mundo imaginário de uma personagem que desaba de sua forma e apresenta a nudez de seu corpo, restando apenas uma pequena calcinha, muitas vezes amarrada dos dois lados por laços que são facilmente desfeitos. A calcinha já desamarrada é puxada de um lado para outro passando entre o ânus e a vulva completamente depilada. Uma vulva que assiste ao mundo de olhares de desejo e emoção. Após esse domínio e fascinação, estão, ao lado do palco, alguns homens, os quais participarão do sexo explícito que ocorrerá em alguns segundos. Nesse momento, algo interessante ocorre durante a apresentação, é ele, um locutor, que narra o que está acontecendo nesse palco, fala sobre a forma como a menina envolve os homens, como ela retira sua vestimenta, o quanto ela é provocante e, o principal, o que ela é capaz de proporcionar aos homens ali presentes.

Conversei, nesse mesmo dia, com Danny Rios, a qual havia trazido a prática do *pole dance* para esse prostíbulo, quem contou como havia aderido a essa arte:

Fui a São Paulo em 2001, lá as meninas já faziam essa dança, porém lá é diferente daqui, pois o show delas é pago pela casa como se fossem uma miniestrela, tem empresário, as meninas ganham bem, podem cuidar melhor do corpo. Aqui, coitadas, só se o cliente pagar, e ainda é muito pouco.

Pela fala da personagem, observa-se que existe uma troca de aprendizado constante dentro dos prostíbulos. Nesse caso, é possível suscitar uma característica muito presente no território do prazer, a mimese. De acordo, com a ideia de Wulf (2004, p. 350):

Ainda que toda definição sistemática do conceito dessa forma insuficiente, almeja-se agora revelar outras características da *mimesis*. Antes de tudo, *mimesis* significa imitação. Enfim, ela significa a reprodução de um quadro ou de uma imagem de uma pessoa ou de uma coisa em sua forma material.

A arte da mimese refere-se à imitação de comportamentos individuais ou de um grupo. É importante ressaltar que, dentro desses processos miméticos, há uma espécie de “irmandade”, em que umas aprendem com as outras acerca dos cuidados corporais. Os esmeros com o corpo vão sendo caracterizados de acordo com a época em que uma sociedade existe, porque, diante do que é considerado um aspecto de beleza em um determinado período, poderá ser mudado esse conceito do belo em outro tempo.

Atualmente, após séculos de ocultação, nossa sociedade se despreendeu de uma legítima sacralização dos corpos. No que se refere à higiene e ao esporte, primeiro reabilitaram os homens, e os corpos femininos rapidamente seguiram esse mesmo ritmo, até porque se faz necessário o cuidado com os corpos, visto que a mulher é objeto de desejo em todas as culturas. Os cuidados com a higiene podem ser apreendidos no próprio lar, passados de geração a geração. Podemos perceber que existe um processo mimético em alguns casos dessa prática de higienização dentro do lócus de pesquisa aqui pesquisado, conforme relatado por Danny Rios:

Aprendi no cabaré a fazer ducha, utilizada antes e após o ato sexual. Essa higienização consiste em dar um jato de líquido dentro da vagina. Esse líquido é composto da dissolução de um sachê de Lucretin. Esse é um pó utilizado para higienização feminina, adicionado com água morna, na qual a menina introduz na vagina. Essa substância funciona como um desodorante para amenizar o odor da genitália feminina, servindo para a preservação de bactérias, pelo fato da camisinha possuir um óleo industrial que pode favorecer a proliferação de bactérias, preservando também rachaduras no útero, consequente de um intenso ato sexual.

Através das várias visitas realizadas aos prostíbulo do Centro de Fortaleza, verifiquei que as meninas mantinham cuidados de higienização, realizados através de métodos contraceptivos e também de limpeza corporal, até porque seus corpos consistem no seu instrumento de trabalho, desmistificando, assim, que o cabaré seja rotulado como um ambiente que inspira sujeira. Essa afirmação está presente no relato de Juliana:

Já escutei muitas pessoas que nunca frequentaram um prostíbulo associando este ambiente à sujeira. Os argumentos que esses indivíduos colocam é que o ato sexual realizado com muitos homens, em uma mesma noite, não pode ser algo limpo. Uma puta tira camisinha, já coloca outra no lugar e muda de parceiro, pode ter cuidados higiênicos eficazes e eficientes? Essas são as mais comuns das indagações.

Porém, aqueles que “frequentam”, mesmo como visitantes, os cabarés têm o conhecimento prévio de que a maioria das profissionais do sexo utiliza-se de métodos de higienização e cuidados contraceptivos para proporcionar um sexo seguro e agradável. Tais esmeros com o corpo são essenciais para conquistar uma maior clientela. Quanto mais a mulher queira se “despir” visando ao mercado do prazer, mais importante torna-se a utilização e o consumo de produtos propagados pela mídia.

De acordo com Priore (2000), foi no transcorrer do século XX que a mulher se despiu, visto que o nu dos corpos apresentados na mídia, ou seja, na televisão, nas revistas, nas praias, interferiu para que o corpo se descobrisse em público e conseqüentemente se banalizasse sexualmente. Para a tal exposição, foram necessários muitos cuidados com o corpo, com o uso excessivo de cremes, vitaminas, silicones e colágenos. Assim revela Priore (2000, p. 11):

Uma estética esportiva voltada ao culto do corpo, fonte inesgotável de ansiedade e frustração, levou a melhor sobre a sensualidade imaginária e simbólica. Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social.

Quando se faz necessário situar a sensualidade à flor da pele e praticar exercícios envolventes e inovadores, a busca por essa atividade em outros estados é justificada. Pode-se observar que esse jogo de sedução é bem percebido não somente no pequeno palco no qual acontece a dança sensual, mas sobretudo nos corredores do ambiente do prazer. Danny Rios, profissional do sexo, faz esta reflexão:

Os cuidados com o corpo têm que ser constantes, para refletir em todas as zonas de dentro do prostíbulo. Por exemplo, eu sou uma das poucas que faço o pole dance, mas, em compensação, aqui nos corredores estou sempre 'sensualizando' através de roupas, comportamento e conversa. Isso mesmo, até na hora de conversar tem que mostrar sensualidade [risos].

Danny ainda ressalta que na dança consegue o estímulo necessário para sair da bebida, pois ter um bom físico é essencial não somente para a dança, mas também nessa profissão, em que a imagem é fator indispensável. Certa vez, em conversas informais sobre a aparência física, uma das prostitutas revelou que se achava poderosa no momento em que dançava para o cliente, quando ele pagava para que ela se insinuasse para ele, pois os olhares desse cliente e dos demais se voltam para seu desempenho no pequeno palco. Nesse momento, é marcada a importância de ter o “corpo em forma”, ser atraente para então poder surgir, quem sabe, uma saída até o motel, que se encontra no mesmo território, como uma opção para o cliente. Uma das entrevistadas revelou que, por via dessa atividade, foi necessário um maior cuidado com o corpo em termos de força física e resistência. Por meio desse relato, pode-se concluir que é indispensável a boa forma física às referidas profissionais.

Pude perceber também a existência de uma discussão bastante forte em torno da questão de que algumas garotas somente dançavam, não fazendo programa. Em uma das entrevistas, houve uma menina que disse não ser necessário ir para a cama com alguém a fim de se ganhar dinheiro. Ela contou que passava a noite inteira apenas dançando e que conseguia uma boa quantia por essa atividade, fato comprovado durante minhas incursões a tal ambiente. Ao relatar esse fato para alguém, poucas pessoas acreditam, visto que, para a maioria dos frequentadores, as mulheres que frequentam esse prostíbulo já estão rotuladas como garotas de programa e não simplesmente dançarinas.

Ao ressaltar o pensamento suscitado anteriormente, lembro-me de uma situação em que, quando em um dia de visita, eu (ainda durante a graduação), outra bolsista e nosso orientador estávamos no prostíbulo em questão e, de repente, eu e outra bolsista resolvemos ir

ao banheiro; ao nos levantarmos, um senhor que estava sentado em outra mesa gritou: “*Opa! Quanto é o programa?*”. Nesse exato momento, sentimentos floresceram: nossas pernas tremeram, suor frio, timidez. Porém, como já conhecíamos algumas das prostitutas ali presentes, conseguimos contornar a situação, pois existia uma espécie de defesa a nós dirigida pelas profissionais do sexo. Não foi possível esquecermos um fato interessante, haja vista que, no início da pesquisa, as garotas de programa nos viam como ameaças, como “carne nova no pedaço” que poderia, segundo elas, vir a chamar mais a atenção do que elas, despertar desejo, em suma, éramos vistas como concorrentes nesse mercado de trabalho, porém, com o tempo, elas deixaram de nos ver como rivais e passaram a nos ver como estudantes de pesquisa. A partir daí, começaram a nos proteger de inconvenientes como esse citado. Então, tornou-se mais acessível para nós, pesquisadores, o acesso ao estabelecimento.

Diante dessas conversas informais, Sabrina tirou nossas dúvidas acerca do corpo da profissional do sexo. A entrevistada remeteu-se à importância do esmero com o corpo, mas revelou também que essa preocupação se dá também pelo fator da incessante concorrência: “*Cada noite que passava a concorrência ia aumentando, e é aquela coisa: tem a oferta e a procura. E a oferta tem que ser a atração, tem que ter o atrativo. Então, meu dia era todo dedicado a cabelo, roupa, beleza, e o dinheiro dos meus programas cobria todos esses gastos*”.

A importância com a estética é cada vez mais necessária, mesmo porque o instrumento de trabalho da profissional do sexo é o corpo. É com ele que elas satisfazem carnalmente o cliente, devendo sempre estar atraente e “belo” para despertar o desejo do cliente, mas sobretudo como ato de se sentirem mais envolventes e elevarem a autoestima.

A Medicina evoca a importância de exercícios físicos para se ter vida saudável, de modo a preservar não somente a saúde, mas também a pele saudável, o corpo firme e jovem, além de benefícios vinculados a aspectos relacionados à vida higiênica. Com relação a essa temática, Priore (2000, p. 72) informa que:

As feias [...] não devem fingir-se belas. Contentem-se em ser feias, tratar de educar seus espíritos, de viver higienicamente para adquirir saúde, de nutrir-se convenientemente, de ser simples, bem-educadas e meigas. A vida higiênica, a boa nutrição, os esportes garantir-lhes-ão a saúde, a boa pele, os bons dentes, a harmonia das formas, o desembaraço dos gestos e a graça das atitudes; a leitura sã e o cultivo do espírito dar-lhes-ão inteligência, e a fronte, a bondade, a simplicidade, a meiguice torná-las-ão perturbadoramente simpáticas. Deixarão, pois, de ser feias; ou, se continuam feias, valerão mais do que as belas, terão mais prestígio pessoal, impor-se-ão às simpatias gerais.

Quando, entretanto, o objeto de trabalho lida com a exposição do próprio corpo, como é o caso das prostitutas, devem ser utilizados cuidados excessivos e responsabilidades

com o corpo. A imagem é um fator importante para a busca da autoestima das prostitutas. É com o corpo que despertam desejo, mas também insegurança, proveniente do descuido da autoimagem. Na expressão das entrevistadas, constatei uma revelação do quanto elas se sentiam bem quando alguém as elogiava. Gostavam quando as tratavam como pessoas “normais”, aceitas pela sociedade.

Partindo da fala de Priore (2000), a questão de ser feia e ter que se conformar e permanecer assim não é verídica quando se trata das profissionais do sexo, pois elas, de acordo com as observações, cuidam-se para estar sempre belas. Alguns dos esmeros por elas empreendidos para atingirem esse propósito são: frequentar academias, cuidar da alimentação, recorrer a anabolizantes e a cirurgias plásticas, dentre outros procedimentos.

Porém, esta seção incide sobre os relatos adquiridos durante a vida acadêmica (graduação, mestrado e doutorado). Na graduação, ocorreu a estreia de todo o sentimento de empatia pelas profissionais do sexo, descobrimento dessa esfera do prazer, da quebra dos tabus, conseqüentemente de excessivo conhecimento; o foco era a educação sexual.

4.5 Um olhar, uma importância: educação sexual

A educação sexual tem como objetivo preparar as pessoas para a vida sexual de forma segura, pois é notório o aumento de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), de gravidez indesejada e de aborto. Faz-se necessário, portanto, explicar o conceito de educação sexual. De acordo com Suplicy, médica e sexóloga, é um processo formal e informal sistematizado que se propõe a preencher lacunas de informações, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos, sendo que esse discurso encontra-se não apenas em âmbitos escolares, mas sobretudo em todos os demais lugares.

Dentro dos prostíbulos, o método de preservação mais utilizado, consoante as entrevistadas, é a camisinha. O preservativo masculino, com o surgimento do látex, por volta de 1890, começou a possuir um aspecto mais fino e confortável. Hoje em dia, as camisinhas podem ser compradas em pacotes com várias unidades ou mesmo individualmente, sendo possível ainda obtê-las gratuitamente nos postos de saúde. Acerca disso, Juliana revela:

A educação sexual é repassada de uma para a outra, ou seja, os conhecimentos são repassados de uma profissional do sexo para a outra. Eu sinceramente não sou muito fã de camisinha, nem os clientes, mas não vou aderir outro meio de preservação, pois, para quem trabalha neste ramo, é o mais prático e seguro.

Em se tratando de um tópico a respeito da educação sexual, faz-se mister destacar outros métodos contraceptivos:

- ✓ *Pílula do dia seguinte*: anticoncepcional de emergência que pode ser usado até 24 horas após o ato sexual no qual o indivíduo não tenha se prevenido;
- ✓ *Tabelinha*: conhecer o ciclo menstrual e as alterações que acontecem no corpo nesse período são fatores de suma importância para se planejar ou evitar uma gravidez;
- ✓ *Diafragma*: deve ser assentado na parte mais profunda da vagina para tampar a entrada do útero e conseqüentemente impedir a penetração de espermatozoides. Não oferece proteção contra as DSTs;
- ✓ *DIU*: ainda é um dos tratamentos mais eficazes para prevenir a gravidez. Quando introduzido na cavidade uterina, libera sais de cobre pelo filamento que o reveste. Esses sais possuem ação espermicida, matando os espermatozoides e evitando a fecundação do óvulo. Não oferece proteção contra as DSTs;
- ✓ *Camisinha feminina*: é uma bolsa de elástico frouxa que se adapta à vagina e protege o colo do útero, a vagina e a genitália externa. Não pode ser usada ao mesmo tempo com a camisinha masculina;
- ✓ *Anticoncepcional injetável*: é um método tão eficaz quanto o de uso oral, porém não oferece proteção contra as DSTs.

Os métodos anticoncepcionais, aliados aos cuidados com o corpo, são de suma importância para a prevenção da gravidez indesejada e para a ausência de DSTs. Deve-se haver responsabilidade nas práticas sexuais, recorrendo-se ao uso desses e principalmente das informações acessíveis a todos os cidadãos. Vale ressaltar que, apesar desse leque de opções acerca da preservação sexual, as profissionais do sexo optam pela camisinha, pois, além de evitar a gravidez indesejada, protege contra DSTs. Sobre isso, Sabrina argumenta:

Aqui no cabaré também é um espaço de aprendizagem. Não tive ninguém na minha família que me explicasse sequer como usava camisinha, higienização, cuidados com o corpo. Quando entrei no mundo da prostituição, era muito nova, então aprendi tudo aqui neste local. Ando com camisinha no bolso [risos].

Danny Rios também defende a importância do sexo seguro. Segundo ela, uma das maneiras de diminuir a prostituição é a promoção de uma educação sexual, pois a questão da prostituição é de ordem social e política. Consoante ela, os políticos preocupam-se somente com investimentos de dinheiro em outras áreas para assegurar os próximos mandatos. Danny Rios ressalta que a educação sexual deve ser conhecida desde a infância, com a ajuda da

família e da escola, de modo a se quebrar tabus e a encarar devidamente a questão da curiosidade. Segundo ela, os adolescentes procuram os prostíbulos porque seu pai ou seus amigos os instigam a perderem a virgindade e despertam neles a curiosidade, fazendo com que descubram a educação sexual dentro dos prostíbulos, tornando-se possíveis clientes.

Juliana informa que segue os mesmos cuidados das prostitutas anteriores, mas com uma outra versão a respeito da importância da preservação sexual:

Eu me cuido, para não engravidar, não necessariamente porque vou ter um filho, mas principalmente porque, depois de eu ter, vou ficar com o corpo 'defeituoso'; dizem que, se cuidar, não fica, mas sei o problema que dá para a gente depois voltar à bela forma, pois essa pausa de engravidar é prejuízo para quem vive dessa profissão.

Pode-se perceber que existe todo um jogo de saberes e poderes que marcam a questão da sexualidade. Temos que entender a sexualidade como uma questão de cidadania, embora ainda se tenha a ideia de que seja desnecessário lidar com conceitos oriundos da sexualidade em uma sala de aula; por exemplo, para muitas pessoas tratar desse assunto seria o mesmo que estimular a prática sexual. Mas tem-se que ter em mente que a vida sexual das pessoas está iniciando mais precocemente.

Segundo Vagner Lapate (2006, p. 34-36):

Na moderna Educação Sexual, projetada para o terceiro milênio, abrange todo o aspecto de informação científica, atitudes culturais e aprendizagem que estão implícitas no homem e na mulher [...]. A Educação Sexual abrange o aspecto total do comportamento humano, a compreensão das necessidades básicas, no que diz respeito a pertencer, a amar e ser amado, respeitando-se os direitos dos outros.

Durante todo esse percurso na graduação, pude driblar muitos preconceitos envolvidos. Diante das observações adquiridas nessa fase, consegui transportar um pouco de minhas aprendizagens, possibilitando uma maior compreensão acerca do mundo misterioso da prostituição. Algumas pessoas que estão fora desse universo veem apenas prostitutas que não possuem valor algum, sem nenhuma educação, extremamente vulgares, desprovidas de respeito. Quando se adentra e se conhece a fundo um pouco dessas profissionais do sexo, é possível notar a fragilidade estampada em seus olhares, a vontade de terminar aquela noite para se preparar para o dia seguinte, que promete ser mais uma vez torturante, ou não.

Ainda lidando com a quebra de lugares-comuns de algumas pessoas que enxergam as prostitutas como mulheres que podem não possuir cuidados com a higienização ou com métodos contraceptivos, constatei, ao adentrar nesse ambiente, os extremos cuidados das garotas com seu corpo, através de limpezas nos órgãos genitais e de responsabilidades para terem um sexo seguro.

Como ficou patente, as observações e vivências nesse território do prazer proporcionaram a desmistificação de tais sentimentos relatados acima. O ambiente pesquisado se mostrou tão interessante que foi preciso ir mais além, pesquisando não apenas o âmbito público, mas também a vida “privada” dessas garotas de programa, o que rendeu uma boa dissertação de mestrado. Por conseguinte, através dos mistérios e vivências nesta longa caminhada acadêmica, deu-se fruto a esta tese, em que se dá voz ao corpo belo da profissional do sexo.

4.6 Conhecimento além dos muros do cabaré

Partindo do pressuposto de que as observações foram realizadas levando em conta o corpo belo, entra-se em uma discussão do que seria o termo “público”, porém, como um dos objetivos desta tese contempla os cuidados corporais produzidos ou reproduzidos pelo corpo da profissional do sexo, temos que ter a convicção de que essas práticas de esmeros se refletem na sua vida particular ou privada. Então, é necessário entender mais detidamente o que se chama aqui de público e de privado no contexto ora em estudo. O público nada mais é do que a vida laboral da profissional do sexo. Já o privado diz respeito à vida particular dessa profissional.

Segundo as ideias expostas por Arendt (1983, p. 62), “O termo público significa o próprio mundo, à medida que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro deles. Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica”. Em outros termos, público é tudo aquilo que pode ser visto e ouvido por todos. Ao tratar da esfera particular, Arendt (1983) revela que a vida privada é aquela carente da realidade de ouvir e ser ouvido, de ver e ser visto. O espaço privado é o esconderijo onde somos membros vinculados, visto que em casa somos singulares, insubstituíveis. Damatta (2001) reitera essa ideia ao pontuar que “Tudo em casa é belo, bom, decente”.

Mais “familiarizada” com o ambiente do prazer e com as profissionais do sexo que por ali circulavam, continuo esta caminhada acadêmica. O principal lócus de pesquisa era o mesmo “Gata Garota”, porém também estive presente no “Majestick”, “Espaço Show Bar” e “Motel Boate 80”. O propósito se estendia com relação ao estudo anterior, visando saber um pouco mais a respeito desses cuidados corporais das profissionais do sexo, fato esse percebido durante visitas realizadas em toda a extensão da pesquisa.

Conforme já aventado, esses cabarés estão situados no Centro de Fortaleza, marcado por uma intensa movimentação do setor comerciário. Pessoas de muitas diversidades

são responsáveis pelo fluxo humano nesse território. Trabalhadores e consumidores fazem parte dessa massa de população. Não quero me referir ao Centro especificamente, mas sim a um prostíbulo, o qual me proporcionou maior quantidade de informações, o conhecido por muitos como “Gata Garota”. Refiro-me ao Centro da cidade não só por causa da localização desse prostíbulo, mas também pelo fato de a maioria dos clientes desse cabaré ser constituída por pessoas que realizam suas jornadas no Centro de Fortaleza. A outra parcela de frequentadores do ambiente “Gata Garota” vem dos mais diferentes lugares da cidade.

Após todas essas indagações, faz-se oportuno apresentar tais experiências vividas neste lugar. Já estamos na frente do prostíbulo “Gata Garota”. Na entrada, um segurança está a postos para uma de suas funções: verificar o documento comprobatório da maioridade da pessoa. Se for comprovada, há a liberação da entrada para estar naquele ambiente.

No espaço, pude observar diversas mesas, nas quais os clientes bebiam, conversavam, divertiam-se ou desabafavam suas tristezas. No centro, cercado por tais mesas, encontrava-se o pequeno palco em que ocorriam os *shows* de *striptease*, realizados pelas garotas solicitadas pelos clientes ao custo de R\$ 50,00. Feito o pedido, a dançarina profissional do sexo dançava duas músicas no pequeno palco; na primeira, ainda no palco, retirava peça por peça de sua vestimenta; na segunda, já na mesa do cliente, dançava e buscava seduzir ao máximo seu cliente, esfregando-se nele, atíçando-lhe os sentidos, deixando-lhe acariciá-la, chupar seus peitos e até mesmo realizar sexo oral nela; tudo isso para então poder não só recompensar o dinheiro a ser pago, mas também para a contratação de um possível programa, no qual a profissional do sexo permite acontecer a penetração; para tal, ela cobra um valor adicional por volta de R\$ 70,00. Quartos são encontrados no próprio ambiente, que não passam despercebidos, sinalizados por uma placa iluminada escrita: “Motel”. Ao lado desses, dois banheiros, um masculino e outro feminino, para suprir as necessidades de todos que ali se encontram.

Atrás do pequeno palco, havia uma espécie de camarim, onde as garotas trocavam de roupa ou se preparavam para a *performance*. Na parte superior, localizava-se o ambiente no qual o som era liberado pelo profissional contratado para executar as músicas pedidas pelas profissionais do sexo para tentar envolver ao máximo os clientes delas. No lado oposto aos banheiros, havia um bar, onde bebidas e comidas eram compradas pelos visitantes e servidas por uma garçonete.

Outro fator a ser realçado foi a questão do pseudônimo utilizado dentro dos prostíbulos. É interessante essa questão de alguns nomes reais darem lugar a nomes fictícios. Uma das profissionais que trabalhavam no “Gata Garota”, por exemplo, dizia que a escolha

de seu nome fictício baseava-se no nome de uma amiga sua, quem também era garota de programa, conforme relato adiante:

O meu nome real é muito feio. Acho que se eu utilizasse ele iria receber risadas todos os momentos, então decidi usar um tão bonito quanto eu. Uma vez, no começo dessa minha profissão, eu usava meu verdadeiro nome, mas fui fazer um programa e o cliente gemendo e dizendo meu nome [risos], não consegui me concentrar, foi horrível. (ELEN).

Outro relato bastante interessante foi o de uma das profissionais do sexo que estava na profissão porque gostava. Eis a fala de Maria, uma das proprietárias do cabaré:

A Juliana está nessa profissão porque gosta. Ela gosta de malhar os homens. Você pode procurar, se não encontrar ela, ela pegou algum cliente e está num canto malhando e beijando na boca. Ela já deu até o cu por R\$ 20,00. Ela sai com dois, três, quatro até cinco ao mesmo tempo porque gosta. Só que o problema é que ela nem pede para eles pagar bebida de tanto que ela gosta. Pode ver, é só o homem chegar ela sobe no palco, tira a roupa e dança para ele. Isso é um problema. Porque, se ela faz isso antes de ir para o quarto ou sem cobrar nada, o cliente vai ao banheiro bate uma punheta e não gasta nada. Só que ela não pode fazer por menos de R\$ 80,00, senão ela queima minha casa. Aí eu perco os clientes do nível mais alto. Imagina a fama de um cabaré onde tem puta que dá o cu por R\$ 20,00? Aqui não!

É possível observar vários comportamentos presentes ao encarar a venda do corpo na prostituição. Algumas profissionais, por exemplo, revelaram não gostar dessa profissão, mas sentiam-se obrigadas a permanecerem nela; outras se mostraram até viciadas em sexo; havendo também aquelas que estavam na profissão apenas como elemento de distração, prazer.

Outro prostíbulo por mim visitado na fase da construção da dissertação, que se estendeu à tese de doutorado, foi o “Cine Majestick”, uma espécie de sala de cinema na qual havia *shows* de sexo explícito enquanto eram transmitidos filmes pornôns no telão. A excitação do cliente já começava a partir da entrada, tendo em vista que cadeiras eram expostas diante do telão, o qual iluminava o pequeno palco. Na parte superior, encontrava-se um pequeno bar que servia de ponto de encontro para conversas informais.

Não tive conversas informais com as profissionais do sexo que lá estavam, haja vista que elas já saíam do camarim para o *strip*. Conforme exposto, esse *show* tinha um atrativo a mais: o sexo explícito, ato que, por ocasião da pesquisa, tive que presenciar. Aqui quero abrir um parêntese para registrar meu constrangimento quando da realização de tal *show* em razão do fato de que muitos clientes que ali estavam já praticavam a masturbação; gemidos fazem parte dessa atividade. Mas, voltando ao sexo explícito, quero ressaltar que, a partir do momento em que o locutor anunciava a profissional do sexo, já se formava uma fila ao lado do palco para fazer parte do espetáculo. Essa fila não era constituída por atores, mas sim por pessoas que haviam pagado uma taxa de R\$ 5,00 para assistir e/ou participar da atividade sexual.

O locutor também interagiu com a plateia, mas não em termos sexuais, e sim ao apelidar os clientes que subiam no palco para a prática. Eram apelidos como: “pau duro de achar”, “*cowboy* fodedor”, “pau de pirulito”, dentre outros. O pior não era adquirir esses nomes, mas sim deixar o pênis ereto diante do público. Em tal circunstância, as pessoas recorriam ao uso do preservativo e a alguns esmeros corporais no intuito do sexo seguro. O ato sexual durava o tempo da música, ocasião em que os clientes se revezavam na prática do ato, sempre havendo a troca da camisinha, sem pausa para asseio, então a higiene naquele determinado momento apenas materializava-se na troca da camisinha de um cliente para outro. Como nesse território do prazer não tive acesso às prostitutas que lá trabalhavam, não pude registrar outros possíveis cuidados corporais além desses vistos.

Continuo esta discussão a respeito dos cabarés do Centro de Fortaleza incluindo nessa lista de visitas o “Espaço Show Bar”. Na entrada, foi preciso também comprovar a maioridade. Havia uma taxa de R\$ 10,00 a ser paga para a entrada de homens, valor dispensado às mulheres, que não pagavam. Com esse valor simbólico, o cliente tinha direito a uma cerveja. Ao lado desse estabelecimento, havia um motel para a realização dos possíveis programas. Nunca havia estado nesse local. Ao ingressar nele, fiquei surpresa pela quantidade imensa de homens que ali se encontrava; e a única mulher que existia, afora as prostitutas, era eu. Quase todos os olhares se voltaram para mim quando entrei. Estava sendo vista, como descreve Sousa (2000), como “carne nova no pedaço”. O ambiente estava tão lotado que não havia lugar sequer para sentar; era difícil circular sem esbarrar em alguém.

No mesmo local, encontrei uma das garotas de programa que havia conhecido no “Gata Garota”. Não fiquei surpresa, porque é comum as profissionais do sexo fazerem rodízios nos prostíbulos mais movimentados do Centro de Fortaleza. Fazia muito tempo, no entanto, que não a encontrava, pois essa havia tentado a sorte como garota de programa em Sobral. Ela, Danny BB, seu nome de guerra, estava tão ocupada no prostíbulo “Espaço Show Bar” que falou comigo muito rápido, foi tão depressa que ela sequer pôde me encaminhar ao banheiro quando lhe solicitei; ela pediu a meu orientador para fazê-lo, afinal não poderíamos circular sozinhos naquele ambiente. “*Isso aqui é o inferno*”, dizia a garota. Então, não tive escolha e fui sob a companhia de meu orientador até o local desejado. Os homens olhavam de uma forma que pareciam retirar minha vestimenta apenas com os olhos, recorrendo à imaginação; muitos continham apenas o olhar, outros tentavam me pegar pela cintura e ainda existiam aqueles que exclamavam: “*Gostosa!*”. Enfim, tive que ficar de mãos dadas com meu orientador a fim de obrigar os clientes a terem um pouco mais de “respeito”, mas não adiantou muito, pois o assédio continuou.

Enfim, cheguei ao banheiro, local bem pequenininho que servia também para que as garotas de programa trocassem de roupa e se preparassem para desempenhar sua *performance* no pequeno palco localizado ao lado do banheiro, ou melhor, entre os banheiros, um feminino e outro masculino. No momento em que entrei no banheiro, já havia uma menina sentada numa cadeirinha. Ela então perguntou: “*Você trabalha em quais prostíbulos?*”. Fiquei assustada, mas sorri. Então, ela insistiu: “*Você chegou hoje aqui?*”. Fiquei pensativa: “*Será que a assustaria se lhe dissesse que era pesquisadora ou seria melhor dizer que era cliente?*”. Ela, diante do silêncio, acertou na pergunta: “*Você não faz programa?*”. Respondi que não era profissional do sexo e que estava ali só por curiosidade, que, na verdade, era apenas pesquisadora. Assim que terminamos de falar, entrou outra no banheiro. Ela estava com pressa para trocar de roupa, pois quem havia pagado pelo *show* estava esperando. Nesse momento, um homem gritava lá de fora: “*Entrou três putas, mas não sai nenhuma para o show!*”. Ao sair, não tentei dissuadir tal homem de sua conclusão equivocada, apenas fui ao encontro do orientador que esperava do lado de fora do banheiro. Com toda essa movimentação, tivemos que ir embora, visto que era impossível conversarmos com alguma prostituta, tampouco pudemos observar o ambiente, haja vista o fato de a lotação nos impedir de executar nosso objetivo: conhecer as garotas de programa que ali estavam.

E, por último, mas não menos importante, tratarei um pouco sobre o prostíbulo denominado “Oitenta”, localizado também no Centro de Fortaleza. A estrutura desse era mais antiga com relação aos demais que visitei. Nele os próprios clientes escolhiam as músicas que tocavam inserindo uma moeda numa máquina; porém, no *show* de *striptease* pago e solicitado pelo cliente, um DJ comandava o som com duas músicas escolhidas pela profissional do sexo. Essa, porém, não descia até a mesa do cliente para se esfregar nele, fato que diferenciava esse prostíbulo do “Gata Garota”, por exemplo.

Nesse espaço, foram vivenciados muitos relatos no que diz respeito aos cuidados com o corpo, a exemplo do de Joana:

Faço dietas malucas, tipo: já passei dois dias tomando apenas água com ovo cozido, pois iria inaugurar uma casa noturna e eu tinha que estar, pelo menos, um pouco mais magra. No primeiro dia, até que foi tranquilo, mas, no segundo dia, pensava que estava tudo bem, mas não tinha força nem para foder [risos].

É notório o uso das mais diversas loucuras para se tentar chegar ou manter um corpo o mais próximo possível da perfeição. Então, esse espaço não se torna exclusivamente um ambiente de prazer, mas sobretudo de aprendizado, pois esses truques e práticas válidas ou não são repassados de uma para outra.

A entrada ao “Oitenta” foi tranquila, não sendo pedido documento de identificação comprobatório de maioridade. Aliás, não percebi alguém na entrada para tal verificação. Havia olhares curiosos na porta do prostíbulo, mesmo porque, ao redor dessa casa de espetáculos, encontram-se vários pontos de prostituição. O desafio, então, já começou antes de adentrar naquele local, pois o movimento estava fraco. De acordo com alguns depoimentos, isso se dava por causa do horário, pois ainda era cedo; disseram que, por volta das 23h, os clientes iriam marcar presença no referido ambiente.

Várias mesas eram expostas na frente de um pequeno palco onde o *pole dance* fazia parte do *show*. Vale ressaltar que essa mesma prática era utilizada no prostíbulo “Gata Garota”. Ao lado direito do minúsculo palco, havia um camarim onde as putas se vestiam de maneira provocante antes do espetáculo. Ao lado esquerdo do palco, havia um corredor que dava acesso ao bar. Em seguida, havia alguns quartos. Na camisa de alguns garçons, inclusive, havia o seguinte dizer: “Boate Motel”. Então, o prostíbulo funcionava como uma boate e os pequenos e poucos quartos funcionavam como motéis.

Resolvi ficar perto do bar, pois estava esperando uma das prostitutas que estava fazendo um programa. Havia optado por ela pelo fato de ela ter me dado mais atenção. Passados alguns minutos, ela vem chegando, toda banhada, penteando os cabelos e retocando a maquiagem. Avistou-me, acenou com a mão e gritou: “*Já vou aí!*”. Com a cabeça, fiz um sinal de positivo. Ao chegar à mesa, perguntei-lhe se, pagando um programa, ela toparia conversar. Ela olhou me olhou, ficou pensativa e sorriu, mas com uma expressão de medo em seu olhar. Terminou dizendo que iria dar uma volta e que depois conversaria comigo.

A movimentação havia começado a aumentar. A DJ anunciava o nome de uma menina que iria se apresentar no pequeníssimo palco. Nesse momento, resolvi ir para perto do palco, pois o bar me bloqueava a visão. Ao ir para frente, encontrei a garota que havia me prometido uma conversa. Janaína então foi sentar em minha mesa. Insisti, mais uma vez, para que ela revelasse fragmentos da sua história de vida. Ela, muito esperta, falou que poderia ser, mas, como havia meu orientador além de mim no local, Janaína argumentou que teria que receber por dois programas. Enquanto meu orientador e eu pensávamos a respeito, ela pediu um energético, observando-nos. Ainda nos surgiu a ideia de que somente o meu orientador entrasse, entretanto o melhor seria não me arriscar ao constrangimento de algum homem me abordar.

Passados alguns minutos, Janaína nos surpreendeu ao nos fornecer o número de seu telefone. Ela prometeu ceder uma entrevista e permitiu que entrássemos em contato com ela. Alguns momentos depois, outro cliente pagou um *show* de *strip*. Então, Janaína nos pediu

licença e foi trocar de roupa. Após alguns instantes, ela apareceu com uma minúscula fantasia, da qual retiraria peça por peça ao som de duas músicas. O *show* havia começado e o bailado do corpo enfeitava os clientes, aguçando seus sentidos.

Pude destacar, no desenrolar de toda esta pesquisa acadêmica, que começou na graduação e estendeu-se ao doutorado, que o corpo, através da música, possui suas significações, expressões. Umam preferem a música mais agitada, outras uma melodia mais lenta, escolhas que dependem do momento por que a profissional do sexo está passando ou de táticas utilizadas durante suas experiências para envolver o cliente.

Tudo no prostíbulo acontece num piscar de olhos. Enquanto conversava com uma das garotas de programa chamada Danny BB, de quem tentava descobrir mais algumas experiências sobre sua vida, notei que ela estava flertando com um cliente que estava à frente de nossa mesa. Então, quando ela percebeu que iria ocorrer um programa, virou-se e falou: “*Espera aí um pouquinho, vou ali fazer um programa. Já volto*”. Depois de uns vinte minutos ela já estava de volta com os cabelos molhados. Chegou e disse: “*Ele goza rápido!*”.

Em contrapartida, havia aquelas que precisavam sentar e prosear com o cliente para conseguir um programa. Observei, por exemplo, que, no “Gata Garota”, as meninas ficavam circulando pelo salão a fim de serem vistas; quando percebiam que o cliente estava olhando muito, paravam e sentavam-se ao lado do frequentador; outra atitude que as fazia deterem-se junto ao cliente era quando um deles puxava a mão de uma delas, atitude que mostrava certo interesse pela profissional do sexo; havia ainda aqueles clientes que chegavam no cabaré e bradavam pelo nome da própria garota, tal como presenciei ocorrer: “*Eu quero a Juliana, onde ela está?*”.

Muitos clientes já chegavam com sua escolhida, ou seja, com o seu “corpo” escolhido. Então, constatei que, mesmo existindo a “irmandade” com as garotas ajudando-se mutuamente, existia a questão da concorrência, fator que exercia grande peso naquele ambiente. Eram notórios os olhares e os gestos entre as profissionais do sexo que denotavam haver uma disputa dentro dos prostíbulos. Isso confirmava aquele velho dizer: o corpo fala se a boca fica em silêncio. Essa disputa podia ser identificada, por exemplo, no modo que as garotas de programa utilizavam para obter a atenção dos clientes e fazer maior quantidade de programas. Algumas recorriam à sua *performance* no palco, transmitindo o máximo de sensualidade com o fito de atrair os frequentadores daquele território.

Adiante está uma fala que materializa essa disputa no discurso proferido por uma garota no momento em que uma de suas colegas estava fazendo seu *strip* junto ao *pole dance*: “*Olha aí, essa não sabe nem dançar. A única coisa que sabe fazer é rodopiar nesse palco; ela*

não tem o tchan, aquela sensualidade. Nem sei quem foi que pagou esse show para essa desengonçada. Sem falar nesse figurino, é horrível” (BRUNA). O exibicionismo assume papel fundamental em todas as noites no cabaré. Notei a busca por um maior número possível de programas, mesmo que o embate pela conquista de um cliente pudesse estremecer a amizade entre as prostitutas, até porque o importante não era estar ali para criar amizades entre as garotas de programa, mas sim voltar para casa com o maior número possível de dinheiro. De acordo com Sabrina, que trabalhava no “Gata Garota”:

O dever de uma prostituta é satisfazer os clientes. Não estou aqui para conseguir amigas eternas, mas preservo a boa convivência com elas; você ter inimigos não é bom, imagine uma inimiga prostituta. Eu já me apaixonei até por um namorado de uma das meninas. Ele ia buscar ela na porta do cabaré, e um dia eu estava entrando, e ele me chamou e perguntou meu número, eu dei, porque ele era muito bonito, saímos algumas vezes, mas, quando eu vi que ele fazia isso com todas, me afastei [pensativa].

E assim, em meio a tantos acasos e descasos, as experiências vividas e relatadas permitiram obter um vasto conhecimento a respeito do “mundo da prostituição”. Mesmo se tratando da mais antiga profissão do mundo, é possível deparar-se com novidades relacionadas à utilização dos corpos, desde a educação sexual praticada dentro dos cabarés, perpassando pela divergência na sua vida privada, até chegar a um estudo no qual o corpo, principal instrumento de trabalho das profissionais do sexo, ganha voz, esmero, loucura, aceitação, vontade de chegar próximo à perfeição, tudo isso desencadeado dentro desse ambiente não somente de prazer, mas sobretudo de aprendizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os ensinamentos adquiridos ao longo desta caminhada, tanto no que diz respeito às visitas realizadas como pesquisadora, como no que diz respeito ao momento de escrita desta tese em si. Observar os comportamentos adotados por prostitutas é uma das formas empregadas por essas mulheres para desenvolver saberes e aprendizagens. Uma das profissionais do sexo comparou as aprendizagens adquiridas nos cabarés às desenvolvidas dentro do âmbito escolar, à medida que com as vivências é possível aprender diante do comportamento de cada indivíduo dentro do território do prazer. Aprender a viver é uma expressão usada pelas profissionais do sexo para fazerem alusão ao desenvolvimento da habilidade de tornarem-se cautelosas, aprendendo a agir com a razão, não só com a emoção.

O prostíbulo é um ambiente dinâmico que possibilita um local de aprendizado, mas também de ensinamentos. Durante toda esta vasta caminhada, pudemos desmistificar alguns fatos, como também afirmar atitudes existentes nesse território do prazer. Desmistificar porque tínhamos a falsa ideia de que uma garota, se é prostituta e está sendo paga para vender seu corpo, deve ceder a todos os caprichos do homem, porém pudemos perceber que a história não é bem assim. Algumas profissionais escolhem os clientes que vão satisfazê-las, porém, se estiverem com a clientela baixa, submetem-se a fazer programas que geralmente não fariam. Mas, quando nos referimos a escolher, estamos querendo deixar claro que elas conseguem se impor em determinadas escolhas. Quando fazemos menção a algo sobre a prostituição, retratamos a forma como as profissionais do sexo abordam seus clientes, de maneira invasiva, direta. A questão de as putas demonstrarem concorrência entre elas também foi um fator comprovado, comportamento não diferente de outras profissões. Ganha mais dinheiro aquela que sabe ousar, criar. No mundo da prostituição, deve-se encarar como um propósito de conseguir alcançar um objetivo.

Outro fator bastante relevante é que, por serem prostitutas, a sociedade as enxerga como mulheres que podem não possuir cuidados com a higienização ou com os métodos contraceptivos, porém, ao adentrarmos nesse ambiente, percebemos os cuidados que elas possuem com o seu corpo, através de limpezas nos órgãos genitais e de responsabilidades para terem sexo seguro e não obterem nenhum problema, como doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez indesejada.

Entendemos que é a cultura e a época de cada lugar – o modo de vida de uma determinada sociedade – que indicam como serão realizados os cuidados com o corpo. O que pode ser importante há algum tempo poderá se perder na atualidade, bem como certos

conceitos podem não mudar com o passar do tempo. Um deles é o de que a prostituição se configura como a profissão mais antiga do mundo.

Este estudo proporcionou o conhecimento das várias práticas educativas existentes nos prostíbulos do Centro da cidade de Fortaleza. Percorremos tais territórios do prazer: “Cine Majestick”, “Prostíbulo 80”, “Espaço Show Bar” e “Gata Garota”, esse último um dos mais frequentados por nós. Cada ambiente tinha a sua especificidade, ou seja, características únicas, como a organização do espaço, porém o dinamismo, o gosto pelo prazer, a relação cliente e prostituta – sendo caracterizada apenas pelo prazer ou por simples conversas entre a profissional do sexo e o freguês – marcam todos esses territórios.

Todas as visitas realizadas durante o processo da nossa pesquisa revelavam diversas situações e sentimentos. Muitos fatos sucederam no decorrer deste percurso, situações que nos mostraram o desafio de um pesquisador em sua investigação no campo, no próprio território das profissionais do sexo. Aprendemos, durante nossa prazerosa caminhada, a importância da postura do entrevistador acerca das seleções das falas de nossas personagens, a fim de um conteúdo enriquecido de informações atinentes aos objetivos de pesquisa. Não podemos nos esquecer de mencionar uma das ações relevantes para a coleta adequada dos dados: a postura do entrevistadores, os quais devem evitar indicar palavras, ações ou gestos, manifestar sinais de surpresa, aborrecimento, aprovação ou reprovação ou induzir as respostas. Devem ser bons observadores, atentar aos detalhes. E, para tornar-se um pesquisador, é preciso dedicação e disponibilidade de tempo para se exercer com autonomia o ato de aprender, aliado, por óbvio, a um bom aparato teórico. Nesse sentido, após todas as entrevistas realizadas, fizemos registros no diário de campo; então, com os dados coletados e com a leitura dos autores, foi-nos possível a escrita deste estudo.

Pudemos constatar alguns dos rituais e métodos praticados pelas profissionais do sexo com o intuito de obter um corpo belo. Foram vários os recursos dos quais as profissionais do sexo se apropriaram para alcançarem sua busca do corpo atrativo, tais como: uso de anabolizantes, intervenções cirúrgicas e prática de dietas – muitas vezes, fora do comum – para atingir o emagrecimento ou ganho de massa muscular; além disso, cabe mencionar que constatamos também os cuidados de higienização e de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Quando nos referimos aos cuidados corporais, reportamo-nos a todas as formas, seja escolhas de roupas, uso da maquiagem, desenvoltura do corpo para que o mesmo se torne atraente, etc.

Através das entrevistas realizadas, chegamos à conclusão de que é de suma importância para a prostituta se sentir e estar bela, visto que, para se utilizar de muitos

métodos para chegar a essa finalidade, há uma determinação e sobretudo uma vontade. Algumas garotas relataram que usavam anabolizantes, prática prejudicial à saúde, conforme elas mesmas salientaram, mas a promessa de um corpo definido e moldado a curto tempo é no mínimo tentadora. Também temos que levar em consideração que, mesmo sendo o corpo o seu objeto de trabalho e tenha que estar com ele “em dia”, não é o único motivo dos cuidados praticados por essas profissionais do sexo, pois, além disso, são mulheres que necessitam de sua autoestima e bem-estar. Recordamos que uma das putas certa vez nos relatou que um dos motivos fazia com que ela permanecesse na profissão era o sentimento de ser desejada, de alguém pagar para transar com ela.

No momento do *strip*, certificamo-nos da importância de se escolher uma roupa para despir e da desenvoltura do corpo a fim de atrair olhares excitados para aquele corpo belo, conseguido seja com esforços físicos ou financeiros. Esse culto ao corpo acentua essa importância com os esmeros corporais, tanto que muitas mulheres contaram que faziam “programas” para financiar suas cirurgias plásticas; a cirurgia mais comum a que recorriam as garotas dos “territórios do prazer” era a de implante da prótese de silicone nos seios. Inclusive conversamos com uma dessas profissionais que haviam aderido a esse procedimento, quem nos disse que continuava a ser prostituta para custear outras intervenções cirúrgicas.

Observamos existir uma espécie de “companheirismo” dentro do prostíbulo, o que possibilitava a extensão dos esmeros corporais. Algumas garotas ajudavam as outras, porém queremos destacar que apenas algumas ajudavam, pois a concorrência ainda é muito forte dentro dos cabarés. Como exemplo dessa competitividade, citamos o caso em que uma das profissionais do sexo escondeu a roupa de outra garota de programa com o intuito de prejudicar a apresentação da colega de trabalho.

Por outro lado, cabe destacar que aquelas que submetiam a ajudar ensinavam, por exemplo, as menos experientes a fazerem a higienização correta da genitália, a usarem adequadamente os preservativos, a escolherem as roupas para a música selecionada e também a fazerem uma boa maquiagem. Até mesmo na questão da dança elas se ajudavam, a exemplo do caso de Danny Rios, que ensinava às companheiras de trabalho movimentos envolventes no *pole dance* e as aconselhava a utilizar qualquer espaço para a apresentação do *strip*.

Durante nossas leituras, tivemos um amplo conhecimento a respeito da história da cultura da beleza no Brasil, na qual Sant’Anna (2014) revela-nos que o belo está vinculado ao elemento de poder. A autora menciona que o corpo e os cuidados com ele se modificam de acordo com a cultura e época. Nesse contexto, lembramos que, ao iniciar a graduação, a moda dentro dos cabarés era que as garotas fossem morenas e mais magras; já no doutorado,

percebemos que a tendência apontava as loiras e as mais “gordinhas” como mais destacadas, as quais geralmente eram as escolhidas pelos clientes. Então, se o embelezamento não foi tão importante em alguma época, nos dias atuais é de suma importância; o mercado consumista pode nos revelar a procura cada vez maior pelo fortalecimento da autoestima, presente na moldação desses corpos.

Abordamos também a questão da linguagem corporal, extremamente presente nos corredores dos cabarés. Pelas observações de comportamentos e visualização da forma como a dança era estabelecida, conseguimos depreender informações valiosas, como se a profissional do sexo estava bem ou não em dado dia. Essa percepção da linguagem não verbal acabava sendo confirmada nas entrevistas com as garotas. Por isso, o termo “o corpo fala” está tão presente no decorrer deste estudo.

O corpo, elemento principal deste trabalho doutoral, esteve presente em todas as etapas das seções escritas, seja quanto a um ritual de cuidados, como de preservação, seja quanto ao estabelecimento de comunicações, verbais ou não verbais. Através desse mesmo corpo em movimento, pudemos verificar que a manutenção dos esmeros fazia-se patente em todas as instâncias, dentro ou fora do prostíbulo. Chegar a um corpo próximo à perfeição faz das profissionais do sexo aqui pesquisadas reféns das práticas desencadeadas acima apresentadas.

Não podemos deixar de destacar os mais variados sentimentos que presenciamos dentro desse território do prazer, desde nossa experiência como “carne nova no pedaço” até a vivência de simples pesquisadora, que conseguiu tirar dessa experiência uma aprendizagem significativa, pois presenciar a dinâmica de um prostíbulo não é papel fácil diante de certos preconceitos ainda existentes em nossa sociedade. Nossas observações e vivências nos fizeram constatar e analisar a educação não informal perpetuada nos espaços aqui estudados, nos quais presenciamos o repasse de saberes entre as garotas de programa. Diante disso, esse âmbito torna-se fonte de um vasto conhecimento relevante ao comportamento humano. Prostitutas tecem novos olhares, saberes e valores sobre si e sobre sua prática. Na convivência, ao partilhar infortúnios, medos, riscos, aprendizagens, prazeres e ousadias, essas mulheres vão “reaprendendo a ver o mundo” e modificando-se conforme a cultura e/ou época.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Francisca Karla Botão. *Educação sexual entre o público e o privado: a vida de prostitutas do Centro de Fortaleza*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- ARANHA, Francisca Karla Botão. *Educação sexual: a vida pública e privada das prostitutas a partir de experiências nos prostíbulos do Centro da cidade de Fortaleza*. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Programa de Graduação em Pedagogia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CALDEIRA, Teresa Pires. Uma incursão pelo lado “não respeitável” da pesquisa de campo. *Ciências Sociais Hoje*, Recife, v. 1, p. 332-354, 1981.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Diário de campo: um instrumento de reflexão. *Contexto e Educação*, Ijuí, v. 2, n. 7, p. 19-24, 1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FREITAS, Renan Springer de. *Bordel bordéis: negociando identidades*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- FURLANI, Jimena. *Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- GARCIA, Wilton. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Thomson, 2005.
- GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.
- LAPATE, Vagner. *Educando para a vida, sexualidade e saúde*. São Paulo: Sttima, 2006.

- LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos para quê?* São Paulo: Cortez, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. *Pensar o corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- MATSCHNIG, Monica. *Linguagem corporal em 30 minutos*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Abrasco, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PRIORE, Mary Lucy Murray Del. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac, 2001.
- QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estético e beleza*. São Paulo: Senac, 2000. p. 13-66.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.
- SCHECHNER, Richard. *Performance e antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- SOUSA, Ilnar de. *O cliente: o outro lado da prostituição*. São Paulo: Annablume, 2000.
- SUQUET, Annie. O corpo dançante: um laboratório da percepção. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 509-540.
- VIGARELLO, Georges. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- WULF, Christophe. *Antropologia da educação*. Campinas: Alinea, 2004.
- ZUIN, Antônio. O corpo como publicidade ambulante. *Perspectivas: Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis*, v. 21, n. 1, p. 39-53, 2003.

APÊNDICE A – ALGUNS REGISTROS DOS DIÁRIOS DE CAMPO

Mais um dia de pesquisa no Gata Garota. É uma segunda-feira, 5 de Setembro. Esse dia da semana não é lá muito bom para pesquisar, pois o movimento está um pouco fraco. Porém, torna-se mais propícia a experiência, devido ao fato da possibilidade maior de conversas com (os/as) entrevistados.

Sentei-me como de costume, para observar a dinâmica do ambiente. Desta vez, fui até o território do prazer não para conversar apenas com as dançarinas profissionais do sexo, mas sim, com os possíveis clientes. Em algumas mesas, havia 3 ou 4 homens, o que inibe a minha aproximação, no entanto olhei para o lado e vi que um jovem encontrava-se solitário, apreciando o seu copo de cerveja, então fui até ele. Chegando a mesa ao lado, pedi permissão para sentar, ele já ficou surpreso, acho até que pensava se tratar de uma paquera.(rsrsrs). Apresentei-me e relatei que era um trabalho acadêmico a qual justificava minha presença naquele ambiente. Ele me fez prometer que iria aceitar ser entrevistado por mim, se eu não o identificasse.

Com o pseudônimo de Pedro, comecei a pergunta-lhe o que ele fazia naquele ambiente. Ele respondeu: Eu sempre gostei desta sensação de descompromisso que o cabaré traz. Tomo minha cervejinha, olha se tem alguma menina que me agrada vou negociar (rsrsrsrs). No mesmo instante que Pedro relatou acerca da expressão (agrada), pedi-lhe que revelasse o perfil da profissional do sexo que enquadrasse nesta situação. Então, Pedro argumentou: A mulher, para mim, tem que chamar atenção em alguma parte física, a maioria dos homens se aproximam muito pelo visual, seja o cabelo, o olhar, o sorriso de tarada, mas principalmente um corpo torneado, coxas grossas, bumbum durinho e os peitos levantados, se eu quisesse uma feia, ficaria com a de casa (rsrs). Para mim, ficou um ar de vergonha, pois é muito constrangimento ver um homem falando de sua esposa assim de maneira vulgar e comparativa, mas como todo bom pesquisador deve preservar a neutralidade, tive que permanecer calada.

Seguindo com o assunto, Pedro ressaltou que não tem preferência por loiro, morena ou ruivas, por que depende de cada uma combinar com cada tom de cabelo. Não tenho preferência por altura, pois na cama todos ficamos do mesmo tamanho. (rsrs).Encerrei meu assunto com Pedro, que já estava mais ou menos entre o décimo copo de cerveja. Decidi, ir a outra mesa que havia dois caras.

Neste dia, eu estava na caça, pois tinha que recolher os depoimentos dos possíveis clientes que ali estavam. Chegando a outra mesa, pedi, mais uma vez, permissão para sentar-me. Um deles, super educado, puxou a cadeira e ali sentei-me. Eu apresentei-me como uma estudante pesquisadora, pois um deles perguntou se eu era nova no pedaço (rsrs). Apresentações à parte, comecei o interrogatório (brincando), fui aos poucos tocando no assunto. Perguntei se eles tinham o mesmo gosto por beleza física feminina. Ah, antes de mais nada, adotei o nome de um de Antônio e o outro de Bernardo. Esse logo respondeu: mulher tem que saber chegar, abordar, conquistar. Antes de eu pagar um programa, eu pago um *strip* para ver a desenvoltura dela, se não souber nem mexer a bunda, já descarto. Ela não precisa ser bonita, tem que mostrar serviço. Já o outro, balançando a cabeça negativamente interrompeu: Que isso guerreiro, eu nem a pau pago pra ficar com dragão, se ela é gostosinha, já fico alegre (excitado). Foi neste instante que perguntei o que é uma mulher rotulada de gostosinha. Ele disse a mais magrinha, mas não sem bunda, por favor, acho horrível mulher sem bunda (rrsrs). Ah, e tem que ser loira, pra sacanagem ficar maior, pois já notei que as loiras são safadíssimas. Estes dois entrevistados estavam mais soltos para falar de suas escolhas e experiências, então resolvi escutar. Antônio falou que tudo isto é questão de gostos, ele lembra que tem um amigo, por exemplo, que só gosta d gordinhas, referindo-as como mulheres suculentas. Ah, não posso esquecer outro fator que chamou minha atenção, foi que ambos falaram que gostam de cabarés, por que as mulheres daqui estão preocupadas em se cuidar, fazem de tudo para chamar nossa atenção, enquanto tem mulheres que eu conheço que só se dedicam aos filhos e esquecem de ser aquela mulher que conhecemos um dia.

GATA GAROTA

Cerca de umas 9h fomos mais uma vez ao nosso lócus de pesquisa, Gata Garota. Ao chegar às proximidades daquele estabelecimento, senti algo diferente das demais vistas realizadas, pois nas proximidades quase que vizinho ao tal ambiente existe uma parada de ônibus, onde possuía uma significativa quantidade de estudantes e trabalhadores na tal parada. Ao passar, olhares se voltam contra nós, eis o momento que desperto certa timidez, visto que eu precisava adentrar no território do prazer, porém a vontade de logo entrar, para que aquelas pessoas parassem de olhar era muito grande, mesmo assim não hesitei, continuei andando até a porta do referido estabelecimento, bem rápido retirei da pequena bolsa uma identificação a qual comprovava minha maior idade, atividade essa imposta pelo lócus de minha pesquisa.

Enfim, Ufa! Já estava no interior do prostíbulo Gata Garota. Assim que entramos, percebemos ao pouco número de clientes que ali circulavam, o que pode ser explicado ao pouco fluido é porque estávamos em um dia de terça-feira. Porém, resolvemos nos sentar para observar o que ali acontecia.

Momentos depois ao sentarmos, uma garçonete vem nos atender. O que chama a atenção nesse devido instante é o fato de ela estar com vestimentas que cobrem todo o seu corpo, como calça jeans e uma blusa acompanhada de um colete amarelo para identificação de garçonete. Visto que, naquele lugar todas as outras meninas se vestem o mais provocante possível, daí a indagação: essa garçonete não faz programa, fato esse que foi comprovado momentos depois de perguntarmos a mesma. Então fizemos nosso pedido.

Fazia algum tempo que não estava indo ao lócus de pesquisa, devido algumas outras obrigações com a mesma importância, porém pude perceber que as profissionais do sexo que ali estavam não eram as mesmas que estavam, por exemplo, da última vez que fui ao Gata Garota. Mas a diversidade de mulheres ainda eram visualizadas, pois haviam prostitutas para todos os gostos: loiras, morenas, mulatas, magras, gordas, altas, baixas, um pouco mais velhas, como também novas. Outro fato que prendeu a minha atenção era uma das garotas de programas, visualmente não parecia ter mais de quinze anos de idade, não posso falar com toda certeza, mas aparentava ser muito nova. Não somente pela aparência física, mas também pude perceber as atitudes dela com os clientes, comparado as outras prostitutas. Nota-se que ela também havia se tornado puta a pouco tempo, ou ainda não se acostumou com a tal profissão, visto que, o modo como ela não tinha jeito e nem paciência perante aquele cliente, e a cara de nojo que essa tal prostituta realizava quando o cliente a alisava, ela não sabia nem fingir que estava gostando, ainda não aprendera a malícia do que é ser puta.

Os minutos foram se passando, avistei uma menina que se parecia muito com alguma das prostitutas que tenho interesse em pesquisar, porém ao apontar para a garota, atitude essa realizada por mim de um modo espontâneo chamando a atenção de outro pesquisador que ali estava. Imediatamente, a profissional do sexo percebeu que estávamos se referindo a ela, pela força da curiosidade ela aproximou-se a nossa mesa para perguntar o que de fato estava acontecendo. Ao se aproximar, convidamos para que ela sentasse junto a nós, com um sorriso estampado em nossas faces, ela aceitou o convite e sentou-se. Um dos pesquisadores ofereceu uma bebida, e então essa fora solicitado. Mais uma noite onde teríamos o prazer de ouvir um depoimento.

Então, a conversa começou:

Pesquisadores: Você é nova aqui?

Karen: Faz pouco tempo que estou vindo aqui, de vez em quando eu dou umas voltinhas no Oitenta*, porque lá eu consigo fazer mais programas.

Pesquisadores: Qual é sua idade?

Karen: Tenho 21 anos, mas já vivi muito.

Pesquisadores: Esse é seu nome mesmo, ou você utiliza outro?

Karen: Não tenho nome de guerra, é esse mesmo [risos] Pesquisadores: Você sabe a prática do *pole dance*?

Karen: Olha, tem uma das garotas aí que quis me cobrar 20 conto para que eu aprendesse, (ela estava se referindo a Danny Rios, uma de nossas antigas entrevistadas), mas eu achei caro. Outra coisa ela não tem sensualidade, sei nem se é profissional para cobrar esse preço. Os homens estão em busca de uma mulher sensual, nem precisa saber Poli Dance, mas tem que ter sensualidade, ser bonita.

Pesquisadores: Me responde a uma curiosidade, vocês sempre levam camisinha na bolsa?

Karen: Não tem necessidade, pois a casa fornece, porém levamos para se acaso for necessário.

Pesquisadores: Os clientes não levam camisinhas em seus bolsos?

Karen: É difícil um homem, principalmente solteiro, andar com camisinha. Nós temos que ter esse cuidado. Nem sei o porquê eles não andam, cabe bem direitinho na carteira. [risos].

Pesquisadores: Você, com seus namorados, transa sem camisinha?

Karen: Com certeza, só gosto de fazer amor bem prevenida, mas com o pai da minha filha, já transei sem, mas só depois de um ano que estava com ele, mas não gosto de fazer sem camisinha.

Pesquisadores: O fato de não usar camisinha, foi quando se apaixonou e ele pediu?

Karen: Mais ou menos, eu experimentei, mesmo porque não me apaixono, eu sei controlar meus sentimentos [risos].

Nesse mesmo instante, chegou ao local um grupo de meninos...

Pesquisadores: A maioria dos meninos novinhos que vem aqui, ainda é para perder a virgindade?

Karen: Alguns, é difícil ter um virgem [risos]. Recordo-me de um que fui para a cama com ele. Esse não tinha tido nenhum contato com mulher, eu era quem dizia: colocar a mão aqui, ali, faz isso. Ele era tão tímido que às vezes eu pegava a mão dele e percorria no meu próprio corpo. Uma vez ele passou mal, e eu fiquei desesperada e pedi ajuda [risos].

Pesquisadores: Ele sempre vinha aqui?

Karen: Depois de ficar comigo, frequentemente ele aparecia, e só queria se fosse comigo.

Pesquisadores: Então, ele se apaixonou?

Karen: [risos]. Não, era que ele sentia segurança em mim.

Pesquisadores: Pelo que escutamos, você tem uma filha?

Karen: Sim, uma princesinha.

Pesquisadores: Ela tem quantos anos?

Karen: 5 (não recordo a idade, depois perguntar)

Pesquisadores: Se ela te perguntar em que você trabalha, você contará?

Karen: Sim, sou transparente, vou contar sim.

Pesquisadores: A gente pode pegar seu telefone, para quem sabe ligar, nem que paguemos como se fosse um programa, para você responder algumas perguntas:

Karen: Lógico, gostei de vocês. São educados. Aqui nem todos são educados. Uma vez um homem queria pagar um programa meu, eu disse que era 70 contos e ele queria pagar menos, daí eu falei, que ele não era essas coisas todas para que eu desse um desconto, então ele foi grosseiro e disse que eu não valia aquele preço.

Após esse conversa informal, um dos clientes a solicitara, então ela saiu de nossa mesa, e foi tentar um programa.

Já íamos nos levantar, quando um cliente paga a outra garota para que ela dance, então resolvemos verificar a desenvoltura da mesma.

Ela é uma loira, magricela, mas tem gosto para tudo. Então, ela pediu ao homem do som que coloque sua música, pois começará o espetáculo. É engraçado o quanto o cabaré se constitui em um ambiente dinâmico, pois no momento em que uma está dançando, a outra está no colo de outro cliente, outras conversam. E pode-se verificar que nem todos os olhares se voltam ao pequeno palco no momento da dança, mas quando a profissional do sexo desce e retiram às minúsculas peças de sua vestimenta, os olhares aumentam.

Não demora muito para a loira magricela deixar o pequeno palco, e percebemos o de costume visualizado por nós: o descomprometimento do desejo da prostituta pelo cliente, dando lugar a imensa vontade que aquela música acabe logo, e ela tenha ganhado o seu dinheiro.

Entrevista Luciana Rios (Danny Rios)

Esta entrevista foi realizada no dia 24 de julho de 2017, na própria residência da interlocutora Luciana Rios, que utiliza o pseudônimo de Danny Rios ao atuar como profissional do sexo no prostíbulo localizado no centro da cidade de Fortaleza.

A coleta de dados deu-se por meio de entrevista semiestruturadas (conversas informais), no qual o tema a ser discutido era o uso da beleza, construção do corpo) como aliada em sua profissão. Eis a fala de Danny:

Você percebe né que a loiro é tida como fatal, loiras fatais. Você percebe que a maioria dos homens optam casar com morenas. Morena é pra casar né isso... mas, quando o assunto é sacanagem, em termos de estética e beleza, já olhando pela visão masculina. O homem com seu instinto caçador, vai querer passar diante dos seus amigos com uma loiraça. Estaticamente falando a loira chama mais atenção. Eu já fui loira. A diferença de ser morena é que você chama a atenção de homens sérios, ser morena já passa mais um respeito. É incrível, mas todas as pessoas que conheci, eu saio com gringo sabe, preferem as morenas. Todos os gringos que pretendem namorar optam por morenas, são mais atrativas para eles. Agora se tratando dos brasileiros mostram foto de esposas morenas lindíssimas, mas tá agarrado com loira. É incrível, não tem como explicar, eu só entendo assim que o homem que mostrar para o outro cara, pro amigo dele: olha aí a loirona que eu to, então esteticamente isso chama mais atenção ser loira. Loira, cabelo liso, quanto mais loira melhor, peituda, mais bunduda melhor. Aí entra o processo de cultuar a beleza. A maioria das profissionais do sexo gastam muito, correm atrás de academias. Eu não gosto, não cultuo a beleza não. Para chamar a atenção do cliente, uso uma roupa mais sex, a mais colada. Cada uma tem seu estilo. Tem meninas que gostam de cultuar a beleza e se acham lindas naquele estilo piriguete, tem aquelas que optam por um estilo mais básicas e tem aquelas que acham mais bonitas no estilo social, que é o meu caso, embora é aquela coisa assim não dando a entender que é prostituta, tem homem que gosta disso. Tem meninas que gostam de estar completamente nuas, ou seja um vestido muito curto que quando nelas abaixam veem quase tudo. A última vez que eu fui, por exemplo, fui no básico preto social, vestido bem colado de mangas compridas, curto, de salto alto, um cabelo bem legal e pronto. A estética também vai de encontro à autoconfiança, é um contexto da psique da mulher. Eu conheci menina que tinha uma insegurança muito grande que recorreram para bombas, anabolizantes, hoje, infelizmente a maior parte estar recorrendo para isso. Eu vejo meninas que transformaram o corpo, que eu via elas magrinhas assim como eu, transformaram o corpo da noite para o dia. A bunda cresce, pernas, panturrilhas. Meninas gordinhas vão diminuindo, tomam injeção chamada Lipostabil. Aí escuto muito elas reclamarem sabe, no período que elas estão fazendo este tratamento. Eu considero isso automutilação, mas é o valor da beleza que cada uma quer consegui. Então, não posso dizer nada, dentro do prostíbulo é a lei da procura e da oferta, então cultuar a beleza dentro desse ambiente, ou seja quanto mais a menina tiver essa aparência, belíssima de corpo, o cara não

vai perguntar se isso é anabolizante, ele só vai ver a bunda grande. Ele não vai perguntar aonde ela tirou aquela cinturinha básica, ele não vai querer saber. Ele só vai querer saber o violão que ele vai consumir naquela noite. O cultuar da beleza, atualmente, falo com toda certeza, está nessa onda, por exemplo, ela usou e deixou um o corpo legal, monumental, aí ela, tem mais cliente, ganha mais dinheiro, investe nas outras coisas que é maquiagem, um bom perfume, roupas *sexs* e mais caras, cabelereiro, unhas de porcelana, unha postiça, esse tipo de coisa, é o cultuar da beleza delas, então você ver que depois de tudo montado ficam belíssimas. Em relação a parte crítica que é usar os anabolizantes, estão os efeitos colaterais, mas ela continua, ela vive no processo né de cultuar o corpo, ou seja ela quer ser um cartão postal. Eu chamo isso de cultuar a beleza exageradamente, a menina que ficar bonita ou se manter bonita a qualquer preço. Principalmente, a mulher competitiva. Uma vez o cliente chegou pra mim sabe, e disse assim: pra que esse desespero todinho, e as meninas desfilando, muito bonitas sabe, na época a absoluta tava na moda, cheio de brilho e eu tava lá no cabaré, engraçado o cliente observou isso e disse: pra que esse enfeitado aí todinho, ele tocou no assunto, ele disse sabe que elas se vestem aí uma pra outra, elas não se vestem pra gente, porque homem não liga pra isso, Danny diz: homem liga para simplicidade, agora o cultuar-se da beleza é uma coisa estritamente feminina baseando-se da própria baixa estima ou auto estima. Existe mulher que tem tanto autoestima que não estar satisfeita com o que tem e querem ficar sempre lindas, tem aquelas que tem baixo estima que não se acham bonitas mesmo, aí pronto se desesperam e são capazes de qualquer coisa para se tornar um pôster e os homens eles ficam assim sabe, tem homens que rejeitam mulheres que são bonitas demais, o lado triste da mulher que cultua a beleza e exageram, é salto, muitas roupas, em qualquer ocasião, maquiagem perfeita, cabelo *mega hair*, tratamentos da pele, produtos para crescimento do cabelo. O homem que se relacionam com ela, escondem ela dos amigos, acha ela bonita, mas não quer incluir ele na sociedade que ele vive, e também por ser prostituta, porque é aquela coisa mulher bonita demais, existe o preconceito masculino é puta. Você pode observar, primeiro raciocínio quando o homem ver uma mulher muito gostosa, calça colada, salto alto, muita maquiagem, ah é rapariga, ou perua, tipo um cantor de rap dirigindo um carro importado, suspeita que é roubado... Já aconteceu muito isso a história do preconceito. Danny revela que utiliza poucos cuidados estéticos, diz ser relaxada para isto, Danny: não cultuo a vaidade porque eu não cultuo tanto assim, prefiro cultuar a beleza da cabeça, pois a maior parte dos meus clientes foram intelectos, você cria um amigo, que me deu até um cliente fixo, o meu chamado cliente intelecto. Ele me acha bonita e ao mesmo tempo que ele me acha bonita, eu utilizo um pouco da beleza, os cuidados que eu utilizo:

hidratação no cabelo, o básico do básico tipo hidratação da pele, uma vez perdida, um banho de lua, de vez em quando vou à praia pra ficar aquele bronze, eu pinto o cabelo, mas nada de mudar de cor, nada de luzes. Passei muito tempo fazendo escova, aí eu disse quer saber de uma coisa isto está quebrando meu cabelo, porque a beleza tem os prós e tem os contras, então eu já experimentei os prós também, porque eu já vivi muito de escova, de pintar cabelo, acumulou ressecamento no cabelo, cabelo quebradiço, cabelo não tinha movimento, não dava legal. Quando parei de usar estes artifícios, fiquei só com o shampoo, um hidratante no cabelo, eu permiti que ele ficasse no natural. Decidi agora ficar com meu cabelo cacheado tá até voltando a moda. Então eu só tive sorte, eu não sou adepta ao uso excessivo da beleza. O poli dance é como te falei, foi quando eu vi a possibilidade de ser apenas dançarina, eu pensei assim: dar pra me fugir, do programa, do contato físico com o cliente direto, que é o programa em si. Então, eu uni uma coisa a outra. Quando eu comecei a fazer o poli dance eu tive dificuldades para aprender a técnica isso e aquilo, mas eu acredito que, o meu porte físico hoje é derivado pelo uso do poli dance, então foi a acadêmica que eu fiz, ou seja, na época eu não pensei nisso, de forma nenhuma, não pensei que ao fazer poli dance iria economizar academia, fazer regimes, foi uma consequência, ajudou muito tanto a mim como as meninas que resolveram fazer depois, e acredito também que o meu biótipo físico também ajudou, tipo eu não tenho facilidade para engordar, ou seja meu biótipo é esse, toda vida que vou me pesar não passo de 55 kg. Uma vez lá no cabaré as meninas chegaram pra mim e disseram que eu estava mais gorda, cresci a barriga, eu respondi que era meu sonho ser mais cheinha. Enquanto as meninas achavam que o poli dance deixava a barriga tanquinho, corpo legal, eu me achava feia, por incrível que pareça. Meu corpo criou um volume muscular, que eu me achava masculina demais, eu fiz foi ao contrário, tive que criar um pouco de gordura pra preencher. Eu sou muito rústica, eu acho horrível aquela exposição de músculos. Então a beleza vai de encontro a cabeça de cada um, o que vive, com quem se relaciona. Eu procurei me relacionar pouco com as meninas que cutuam a beleza, é uma questão de identificação, devido eu não me envolver muito com esse negócio de academia. Tem uma história interessante que uma amiga minha me levou para a academia dela, ela botou na minha cabeça que eu tinha que malhar, tinha que crescer bunda, tinha que usar anabolizante na bunda, aquela coisa toda. Não vou dizer que não utilizei, eu fiz uso de três doses de anabolizantes, não deu em nada, era um óleo que se Poe na bunda, mas o efeito colateral veio imediatamente em mim, tive uma crise gástrica, eu senti alterações no meu sistema nervoso, eu fiquei agitada e fiquei como uma máquina, eu tinha que ficar em movimento, aí eu disse não isso aqui não é pra mim não. Eu tava brigando até com o ventilador, aí eu percebi não dar pra mim não, aí

como eu tive a crise gástrica, eu parei, eu tive que experimentar porque eu fiquei curiosa. Achava assim, fica tão bonita assim é tão fácil, mas não era fácil não, a dor que você passa pra injetar essa porra. Cirurgias plásticas também já vi, quando eu trabalhava na Adriele Fatal, ela colocou peito e faz uso também de anabolizante pra deixar a bunda crescer. A maioria que eu conheço, infelizmente, fez uso sim de substâncias para crescer a bunda, só não me lembro dos nomes dessas substâncias. Gente assim que chegou muito magrinha na pista, ou então que chegou gorda demais, aí quando começa a ganhar dinheiro investem em academia. Dentro destas boates tem uns caras de academia que vão com a oferta de vender, de moldar o corpo dela, tem a máfia do contorno, chega lá um bichão bombado, bonitão, já chega oferecendo, cheguei a conhecer um como amigo, que ele me disse: tu vai mudar quando, eles pegam no ponto fraco da mulher, tu já tem um pouco disso, daquilo, vai ficar legal, mulher um corpo desse trabalhado não é pra tu tá aqui não, aí eu respondi que não dava pra mim, na hora que minha idade não permitir, eu paro, foi o que eu fiz, eu parei entre aspas né, ainda recebo muitos convites e não é pelo estético, eu me sinto sortuda porque as pessoas admiram minha técnica e lógico que se admiram porque devido ao poli dance, eu ainda tenho um corpo legal pra idade que eu to, ou seja se eu chegar para um cliente, teve um que pagou um show pra mim recentemente, ele perguntou quantos anos eu tenho, aí eu disse, porque a maquiagem ela esconde também né a idade. Deixa você mais nova, dependendo da maquiagem que você faça meu bem, não uso nem estes cremes que o povo utiliza antes de dormir, eu só posso dizer que eu tenho sorte e genética, eu tenho filho de 15 anos se você ver o corpo dele, tem o braço definido, ele é todo trabalhado, meu pai, minha mãe, meus irmãos, todos tem o corpo atlético, mas tudo é pode de preguiça de ir pra academia, só tem um, o Germano que pega peso, mas ele não utiliza anabolizantes, porque o biótipo dele já ajuda, tem pernã e tudo, mas a maioria da gente é magricelo mesmo, já nascemos assim. Agora que eu vejo, muitos meninas gastarem fortuna, o próprio dinheiro que elas ganham com programas, investem no corpo, eu já não faço isso, se eu trabalhar na noite, por exemplo sair com 600 reais, eu utilizo dinheiro para os gastos da minha casa, pronto, eu cultuo a estética do conforto, uma boa alimentação, (salada, suco natural, carne fresca), porque isso é bom para o meu organismo, cultuo a beleza de outra forma, não sei como explicar, a maneira mais saudável a do bem viver. Ou seja, quanto melhor eu me alimentar, melhor meu corpo vai responder, mais vou ficar feliz. Eu vou ficar bem comigo. Eu não sou escrava do que o fulano acha, há não vou usar aparelho nos dentes porque fulano vai achar aquilo, o que é que fulano vai achar se o meu cabelo não estar escovado, eu nem ligo, mas tenho insegurança, sofro de insegurança, só que eu não dou tanta importância. A pessoa tem que se preservar cuidar, mas da saúde, coração, pulmão essas


coisas. O superficial eu acho bonito quem se dedica a isso, mas tem pessoas que se dedicam muito, se esforçam muito, tem pessoas que já nasceram com a beleza natural mesmo, que não precisa de tanto esforço né. Eu já vi meninas da noite lindíssimas sem precisar de nada, retoque nenhum. Mas, com o tempo a vaidade as vezes agressiva, tende a estragar aquilo que já estava bonito. A Danny BB adora cultivar a vaidade ela tá loira agora, a Diana, não vai pra academia sem colocar um batom. A Danny BB há pouco tempo fez uma cirurgia pra retirar aquele sinal, que ela não gostava. Eu achava lindo aquilo, eu faço é fazer o sinalzinho com delineador. Vaidade pra mim é uma coisa que depende muito do momento. Um tempo você quer mudar e tal, eu, por exemplo, queria investir no cabelo, fui lá e fiz. As vezes queria fazer unha. Usar esse batom aqui se define a isso. Tem dias que eu quero olhar pra mim, e aonde chegar eu arrasar, mas não aquela coisa de você ter por obrigação de estar sempre bonita. É uma corrente, umas observam as outras. Eu tive a sorte de não embarcar nessa corrente, mas que ela existe, ela existe, tipo a fulana de tal aparece belíssima da noite para o dia, aí a outra vai e pergunta o que ela fez. Tem gente que gasta uma fortuna com alimentação, arroz disso, suco daquilo. A vaidade excessiva é uma prisão. A pior das prisões, você chega ao ponto de não ter amigas, se você não tiver bonita não saí. A pessoa fica presa a uma chapinha, a um esmalte, salto alto, fica presa a maquiagem, você não, pra ir a uma mercearia tem que está toda arrumada. Fica na água sofrendo. Deixam de ir até trabalhar no cabaré, se tiver um caco. E quando vão fazem todo aquele ritual de ir para academia, da academia toma um banho, sopa leve, vem o tal de suplemento, cabelo maquiagem e tal.

ANEXO A – DECLARAÇÕES DE REVISÃO E DE NORMALIZAÇÃO

DECLARAÇÃO DE REVISÃO VERNACULAR

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado⁷, foi procedida a correção gramatical e estilística da tese intitulada **Cultura da beleza: prostituição, corpo e práticas educativas**⁸, de autoria de Francisca Karla Botão Aranha, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 10 de janeiro de 2019.




Felipe Aragão de Freitas Carneiro

DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização da tese intitulada **Cultura da beleza: prostituição, corpo e práticas educativas**, de autoria de Francisca Karla Botão Aranha, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 10 de janeiro de 2019.



Felipe Aragão de Freitas Carneiro

⁷ Número do registro: 89.931. E-mail: <felipearagaofc@hotmail.com>.

⁸ Por solicitação da autora, o Apêndice A não foi revisado nem normalizado.